



EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

**“O que me espanta,  
diz Deus, é a esperança”**



RÍMINI, 12-14 DE ABRIL DE 2024



# “O que me espanta, diz Deus, é a esperança”

---

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2024

Na capa: Luca Della Robbia, *A Visitação*, detalhe, terracota vidrada, 1445 ca., Igreja de São João Fuorcivitas, Pistoia, Itália. © Foto Scala, Florença.

*“Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema: ‘O que me espanta, diz Deus, é a esperança’, o Santo Padre Francisco dirige uma saudação cordial, desejando que os dias de oração e reflexão suscitem o desejo de se deixar agarrar pelo Cristo ressuscitado, a fim de que nenhuma derrota, fracasso ou sofrimento possam interromper o caminho em direção à plenitude da vida, abrindo o coração para a confiança. Com esses votos, Sua Santidade garante uma recordação orante e envia de bom grado a bênção apostólica, penhor de todo bem desejado.”*

***Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,***  
*3 de abril de 2024*

# *Sexta-feira, 12 de abril, noite*

*Franz Schubert*

*Fantasia para piano op. 15, D 760 “Wanderer-Fantasia”*

*Pianoforte, Alfred Brendel “Spirto Gentil” n. 34, (Philips) Universal*

## ■ SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA **Daive Prospero**

Vamos começar invocando o Espírito Santo, para que nos acompanhe no caminho destes dias, sem nunca nos abandonar à mercê de nós mesmos. E pedindo, com toda a energia e humildade de que somos capazes, a graça de estarmos disponíveis para o chamado que Ele renova em cada um de nós, convocando-nos para estarmos aqui hoje, nesta assembleia da nossa Fraternidade.

*Oh! vinde, Espírito Criador*

Vou ler agora o telegrama do Santo Padre:

“Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema: ‘O que me espanta, diz Deus, é a esperança’, o Santo Padre Francisco dirige uma saudação cordial, desejando que os dias de oração e reflexão suscitem o desejo de se deixar agarrar pelo Cristo ressuscitado, a fim de que nenhuma derrota, fracasso ou sofrimento possam interromper o caminho em direção à plenitude da vida, abrindo o coração para a confiança. Com esses votos, Sua Santidade garante uma recordação orante e envia de bom grado a bênção apostólica, penhor de todo bem desejado. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

Mais uma vez estamos profundamente gratos ao Papa Francisco, pela proximidade paterna que não deixa de mostrar pelo nosso caminho. Fazemos nossos esses votos dele, de modo que cada um de nós possa deixar-se agarrar de verdade pelo Cristo ressuscitado a cada instante destes dias.

Superadas as condições limitantes impostas pela covid, que nos anos anteriores nos impediram de encontrar-nos todos juntos, este ano pensamos em viver novamente o gesto dos Exercícios presencialmente aqui em Rímíni. Claramente, tínhamos consciência das dificuldades e dos sacrifícios que esta escolha exigiria de muitos de nós nestes dias – especialmente nos traslados, por isso, desde já, sugerimos que vocês também vivam esses momentos como oportunidade de fazer silêncio e de aprofundar os conteúdos que nos forem comunicados –. De toda forma, quisemos fazer uma proposta decidida. E a proposta é esta: viver uma vez por ano um gesto juntos, inclusive fisicamente, na medida do possível, de modo que durante o resto do ano se reanime com maior força a memória de pertencermos a esta companhia. Bem, ficamos surpresos com a resposta e com os muitos testemunhos maravilhosos de amigos que fizeram enormes sacrifícios para poderem estar aqui. É verdade que, das muitas cartas que recebemos, também há algumas que se queixam das dificuldades, do avanço da idade e do peso da saúde, dos problemas logísticos e financeiros, da ideia de precisar retomar o trabalho na segunda-feira já cansados; houve até quem apontasse o aumento da entropia e da poluição ambiental... Apesar de tudo isso, chegamos aqui, confiando nas razões da nossa companhia mais do que nas nossas perplexidades, embora compreensíveis. Este, para mim, é o primeiro grande sinal da consciência de um povo que cresce e não quer ficar fechado nas paredes da sua própria medida. Há muitos testemunhos de gratidão por essa possibilidade que nos é dada de novo depois de alguns anos. Permitam-me ler uma dessas cartas, que me tocou porque descreve a trajetória de uma mudança:

“Há poucos dias chegou a carta para os Exercícios do mês abril. Quando a li, na parte dedicada aos que não têm a possibilidade de estar presentes, grupo do qual faço parte devido a uma combinação de idade e várias patologias, leio que é pedido que expliquemos brevemente os motivos dessa impossibilidade e em seguida, se aceitos os motivos, que procedamos ao pagamento – que aliás, em relação aos anos da covid, triplicou –. Primeira reação: raiva. E quem, e com quais qualificações e requisitos, será que ia analisar o meu pedido? E com quais critérios? E a privacidade? Enfim, uma soma, até cômica, de objeções. Segunda reação: revolta. ‘Não vou’, disse a mim mesmo, ‘vou ler o livrinho, se for o caso’. No entanto, à medida que o tempo

ia passando, eu ficava inquieto. Não raciocinei mais e encarei a objetividade de que deveria existir uma explicação. Na verdade, talvez a maior objeção fosse eu mesmo, estivesse em mim. A gratidão explodiu. Claro que os Exercícios são importantes, claro que o sacrifício é importante, claro que é importante estar lá e aderir, claro... e voltei atrás, começando pelo início da carta que acompanhava as instruções para os Exercícios, passando pelas várias cartas de Prosperi, o encontro de Prosperi e Dom Filippo com o Papa e, antes ainda, a Audiência com todo o Movimento, os Exercícios do ano passado: enfim, a radicalidade exigida não como uma obrigação, mas como máxima e total adesão, pois ela é o fundamento da minha vida, capaz de superar toda objeção e obstáculo conformista e chegar ao coração. Isso nos é pedido e isso é importante para a vida. E isso deve ser dado com alegria e letícia plenas. Após a raiva e a revolta, a alegria e a gratidão. Mesmo dentro da impossibilidade de estar fisicamente presente em Rímuni, mas oferecendo todo o pouco que sou para a glória de Deus e a unidade do Movimento”.

É verdade, às vezes os ritmos frenéticos da vida, as comodidades a que já estamos acostumados ou certos limites devidos à idade parecem fazer com que nos conformemos a só poder constatar que perdemos aquele ímpeto do início, que sempre antepunha o fascínio do ideal a qualquer cálculo; constatarmos que perdemos aquela abordagem, aquela postura que, por exemplo, nos permitia sair numa peregrinação longa e pesada sem cálculos de mais, até correndo riscos, porque eram urgentes e importantes demais os pedidos que tínhamos para entregar nas mãos do Senhor. No entanto, ver-nos aqui hoje, juntos, demonstra-nos que esse ímpeto que brotou no coração graças ao encontro com Cristo não está enterrado, pelo contrário: mesmo com toda a nossa carga de problemas e dificuldades, de alegrias e dores, essa chama está tudo, menos apagada.

21 mil pessoas estão acompanhando os Exercícios presencialmente aqui na Itália. Outros amigos estão conectados para acompanhar o gesto com as próprias comunidades em 21 países, e nas próximas semanas 70 países vão viver este gesto gravado. Os Exercícios estão sendo traduzidos simultaneamente em seis línguas. Além disso, cerca de 3 mil pessoas estão conectadas de casa por estarem impossibilitadas de se locomover. Esta é a fotografia do nosso gesto. É uma adesão

superior à prevista, somos até mais do que éramos antes da pandemia. A ponto que a secretaria teve de fazer hora extra para possibilitar que todos participassem, na medida do possível, esforçando-se até o último. Obrigado também por isso!

Preciso dizer que estou comovido de verdade. Os Exercícios deste ano têm por tema a esperança, e para mim este já é o primeiro sinal de esperança: um povo que vive e deseja viver, experimentar concretamente uma unidade, a unidade à qual o Santo Padre nos chamou na carta que nos mandou no dia 30 de janeiro.

Como vocês já sabem, o Jubileu de 2025 será dedicado ao tema da esperança. Então vamos viver estes dias também como uma etapa para esse evento. Eu sempre entendi as palavras que Jesus dirigiu ao jovem rico: “Vai, vende tudo, deixa tudo e segue-me”<sup>1</sup> como um chamado à esperança. Paradoxalmente, de fato, vemos que o maior obstáculo para experimentarmos uma verdadeira esperança na vida costuma aparecer quando depositamos nossa esperança no que possuímos, no que já temos, nas nossas coisas. Jeremias diz: “Maldito aquele que confia no ser humano, que na carne busca a sua força e afasta do Senhor seu coração. Será como um arbusto no deserto, nunca verá chegar tempo bom”.<sup>2</sup> Pois bem, o título dos Exercícios refere-se justamente a essa dificuldade: o próprio Deus, de fato, espanta-se, porque quanto mais seguimos em frente, mais parece difícil mesmo ter esperança. Por isso, muitas vezes nós tentamos abafar o grito de infinito do nosso coração, preenchendo-o com a espera por coisas pequenas, para preenchermos o vazio, a falta de esperança que sentimos. Esta não é só uma questão de quem não tem fé, mas concerne a todos, concerne a nós. Sob um determinado ponto de vista, é o sintoma dramático da doença mais grave do nosso tempo.

O tema da esperança – como muitos lembraram – não é novo. Em 2021, os Exercícios à distância tinham por título *Há esperança?*<sup>3</sup> Por que então repropô-lo tão pouco tempo depois? Por duas razões. A primeira é porque, depois de termos trabalhado sobre a “fé” durante todo este ano, queremos continuar o caminho de aprofundamento das virtudes teologais, seguindo o ensinamento de Dom Giussani. A

<sup>1</sup> Cf. Mt 19,21; Mc 10,21.

<sup>2</sup> Jr 17,5-6.

<sup>3</sup> J. Carrón, *Há esperança? O fascínio da descoberta*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2021.

segunda é porque essa pergunta tem ficado ainda mais dramática, se é que é possível. Nós não nos sentimos “sonâmbulos”, como afirma o último relatório italiano Censis, a respeito da situação atual. Não nos sentimos melhores que os outros, mas nos reconhecemos num caminho que nos educa para não cedermos àquela atitude irrazoável de fuga da realidade que poderia parecer a única saída para essa ausência de esperança. Por isso nos perguntamos: ainda é possível esperar no mundo em que vivemos, na iminência de guerras, de violências e destruições, e no oceano de mal no qual nossa jangada parece penar para conseguir flutuar? Esta é a pergunta com que somos convidados a entrar no âmago destes dias: ainda é possível esperar com razoabilidade?

Antes de passar a palavra a Dom Giovanni Paccosi, que aceitou o convite da Diaconia da Fraternidade para pregar estes nossos Exercícios este ano (e por isso lhe agradecemos), permitam-me gastar algumas palavras para apresentá-lo a quem ainda não o conhece. Dom Giovanni é bispo da diocese de San Miniato, na Toscana, e é membro da Diaconia Central da Fraternidade, por ser responsável da região pastoral América Latina, onde aliás, justamente no Peru, foi missionário por muitos anos.

Por que essa escolha? Nos últimos anos de sua vida, Dom Giussani pediu que a cada ano diversos responsáveis do Movimento pregassem os Exercícios, que são o gesto mais importante da Fraternidade. Este é um método que nós queremos seguir agora também, na esteira de uma continuidade, cheia de gratidão, com a nossa história. Então Dom Giovanni, bem como os outros que vão se seguir, estão envolvidos na responsabilidade de pregar os Exercícios, como expressão de uma condução comunitária.

Permitam-me agradecer mais uma vez ao padre Mauro Lepori, que pregou os Exercícios Espirituais nos últimos dois anos, que foram muito significativos num momento especialmente delicado do nosso caminho. Também agradeço a ele por estar aqui conosco; daqui a pouco ele vai celebrar a Missa, confirmando uma grande história de amizade e de comunhão que continua.

Por fim, como mais um sinal desta nossa comunhão que se expressa em unidade com toda a Igreja, agradeço desde já a Sua Eminência o

Cardeal Farrell, que vai estar presente nos Exercícios da Fraternidade também este ano e amanhã vai estar conosco e vai celebrar a Missa.

Permitam-me dizer uma última palavra sobre a imagem associada ao título dos Exercícios, que Dom Giovanni propôs. É um detalhe da *Visitação*, numa obra de Luca Della Robbia.<sup>4</sup> Nossa Senhora é representada como uma jovem mocinha cujo rosto doce, decidido e ao mesmo tempo tranquilizador atrai espontaneamente o nosso olhar. Nas quatro paredes de vidro que circundam o túmulo do nosso Dom Giussani, lemos escrita esta invocação: “Ó Nossa Senhora, tu és a segurança da nossa esperança!”

Vamos começar este gesto, pedindo a ela, fonte viva de esperança, que acompanhe o nosso caminho destes dias.

**Dom Giovanni Paccosi.** Boa noite a todos! Agradeço o convite, que, embora tenha me deixado numa saia justa durante a preparação, tornou mais profunda a minha gratidão por esta história. Quero dizer algumas palavras em duas línguas. A primeira é no dialeto florentino: eu sou um “*bischero*” [pateta] qualquer, e é só graças a esta história que para mim – como acho para todos vocês – a esperança não é apenas uma palavra, mas uma realidade que vivo todo dia. A segunda vou falar em espanhol para todos os meus amigos, de um lado e do outro do mundo: *Quisiera saludar a mis amigos hispanohablantes porque, sin la belleza del carisma que nos ha alcanzado, no podríamos estar tan llenos de alegría y de esperanza. No podríamos estar así, con la mirada llena de gozo, en medio de un mundo que parece que se desmorona por todos los lados, pero con la alegría y la fuerza para construir un pedazo de mundo nuevo. En estos dos días tratamos de ir al origen de nuestra esperanza* [Querida cumprimentar meus amigos hispanófonos porque, sem a beleza do carisma que nos alcançou, não poderíamos estar tão cheios de alegria e de esperança. Não poderíamos estar assim, com o olhar cheio de gozo, no meio de um mundo que parece desmoronar por toda parte, mas com a alegria e a força para construirmos uma porção de mundo novo. Nestes dois dias, nós iremos à origem dessa esperança].

---

<sup>4</sup> Luca Della Robbia, *A Visitação*, terracota envidraçada, 1445 ca., Igreja de São João Fuorcivitas, Pistoia, Itália.

■ INTRODUÇÃO  
Giovanni Paccosi

*Um ímpeto incoercível para realizar-se a si mesmo,  
um desejo natural de felicidade*

“A esperança não caminha sozinha. Para esperar, meu filho, é preciso ser muito feliz, é preciso ter obtido, recebido uma grande graça”,<sup>5</sup> disse Péguy em *Os portais do mistério da segunda virtude*, do qual tiramos o título destes dias. É a esperança para a qual queremos olhar nestes Exercícios, e queremos fazê-lo seguindo os passos que Dom Giussani nos apresentou, principalmente nos dois textos *É possível viver assim?* e *É possível (mesmo?!) viver assim?*<sup>6</sup>

Em *É possível viver assim?*, Dom Giussani afirma: “A grande graça representa, assegura um presente no qual está enxertada uma peculiar semente e da qual, no amanhã, floresce a esperança. ‘Floresce a esperança do dia que não morre’”.<sup>7</sup>

A esperança dá à nossa pobre vida uma perspectiva infinita, eterna. Refere-se a isto o símbolo da âncora, que a tradição iconográfica cristã sempre usou para remeter à esperança; é uma imagem contida na Carta aos Hebreus, que diz assim: “Nela [na esperança] temos como que uma âncora segura e firme para nossa vida: ela entra para além do véu do santuário, onde Jesus entrou”.<sup>8</sup> O Templo de Jerusalém, para os judeus, era o lugar onde Deus habitava no meio do Seu povo. Portanto, a esperança nos introduz na morada, na dimensão eterna e infinita de Deus. O autor da Carta aos Hebreus não usa a imagem da rocha, e sim a da âncora, pois a esperança não elimina as tempestades, mas estabelece um ponto firme, que não cede. Não obstante possamos ser sacudidos pelas ondas da vida, não somos levados embora. Disse o Papa numa homilia

<sup>5</sup>C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, Lisboa: Paulinas, 2013, p. 20.

<sup>6</sup>L. Giussani, *É possível viver assim? Uma diferente abordagem da existência cristã*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008; L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Milão: Bur, 2011.

<sup>7</sup>L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 155.

<sup>8</sup>Hb 6,19-20.

em Santa Marta de 2013: “A esperança era uma âncora’, uma âncora fixada na margem do além. Nossa vida é como caminhar na corda em direção a essa âncora”. E acrescentou: “Mas onde é que nós estamos ancorados?”<sup>9</sup> Perguntemo-nos! Em que é que se baseia nossa esperança? Como a âncora puxa e mantém firme o navio no meio de um mar tempestuoso, assim – disse Péguy – a pequena esperança puxa a fé e a caridade. É pequena, mas é ela que faz caminhar.

Agostinho dizia que um homem não daria sequer um passo se não tivesse certeza da meta. A esperança está ancorada no além e nos puxa para o destino, para a plenitude até a qual não conseguiríamos chegar sozinhos.

Vou ler os versos de Péguy que pusemos como título destes Exercícios, junto com os que vêm antes e depois: “Mas a esperança, diz Deus, essa sim causa-me espanto. / Essa sim é digna de espanto. // Que essas pobres crianças vejam como tudo acontece e acreditem que amanhã será melhor. / Que elas vejam o que se passa hoje e acreditem que amanhã de manhã será melhor. / Isso é espantoso e essa é a maior maravilha da nossa graça. / E isso a mim mesmo me espanta. / Pois é preciso que a minha graça seja em verdade duma força inacreditável. / E que ela brote duma fonte, como um rio inesgotável. [...] / Qual não terá de ser a graça, a força da minha graça para que essa pequena esperança, / que vacila ao sopro do pecado, que estremece a todos os ventos, / ansiosa ao menor sopro, / seja tão invariável, se mantenha tão fiel, tão direita, tão pura; / e invencível, e imortal, e impossível de apagar. [...] // O que me espanta, diz Deus, é a esperança. / E disso não me canso. / Essa pequena esperança que parece não ser nada. / Esta esperança menina. / Imortal”<sup>10</sup>.

Deixemo-nos espantar, nós também (se Deus se espanta!), porque realmente parece quase impossível podermos falar de esperança sem a amargura que aparece toda vez que dizemos “Tomara!”, podermos falar dela hoje, neste mundo em guerra, nesta sociedade que já não olha para Cristo, e na consciência do nosso mal.

Mas ela não depende de nós, diz Péguy, e sim da força dessa “fonte, como um rio inesgotável”, dessa força vigorosa que não é nossa, é

<sup>9</sup> Francisco, *A esperança, esta desconhecida*. Meditação matutina em Santa Marta, 29 de outubro de 2013.

<sup>10</sup> Cf. C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 15-16.

toda d'Ele, da Sua graça que nos alcança agora em Cristo, que acontece agora de novo. A âncora está lançada no além, mas no além que veio ao nosso encontro, que nos olhou e nos chamou nesta história.

Inclusive entrando aqui esta noite, no fato, como o Davide disse antes, nada óbvio de tantos estarem aqui (com todos os sacrifícios necessários), na música, ou nos cantos comoventes, nos rostos conhecidos há anos ou nos rostos novos desta nossa companhia, acontece outra fonte (“e como um rio inesgotável”), que não somos nós, que não sou eu; uma fonte que renova a esperança de uma mudança, como um sopro de vida nova nos ossos ressequidos da nossa aridez. Vocês se lembram do texto de Ezequiel 37? “Ele me perguntou: ‘Filho do homem, estes ossos poderão reviver?’ E eu respondi: ‘Senhor Deus, tu o sabes!’”<sup>11</sup> Estamos aqui por esta esperança: que um Outro, que acontece agora, possa fazer-nos reviver.

Deus se espanta com nossa esperança, porque não é fácil, não é óbvia. A dor e a morte (o texto que lemos vem logo depois da parte em que Péguy fala da oração dos pais que perderam os filhos inocentes) são as grandes objeções à esperança. Ela é algo que não podemos produzir por conta própria. Por isso é que se chama “virtude teológica”, porque vem de Deus, é dada por Deus, é uma graça. Acontece, e nós estamos aqui porque Cristo aconteceu na nossa vida: aqui se vê a conexão com a fé, sobre a qual o padre Lepori nos levou a refletir no ano passado.

Aquilo que nos conquistou quando Cristo aconteceu na nossa vida pela primeira vez, quando aconteceu o primeiro encontro e quando reacontece agora, conquistou-nos e conquista-nos porque encontrou e encontra em nós um reconhecimento imediato. Temos um coração que O reconhece! De fato, é uma graça que se enxerta, como diz o *Catecismo da Igreja Católica*, no “desejo natural de felicidade”. Continua o *Catecismo*: “Este desejo é de origem divina: Deus o colocou no coração do homem, a fim de atraí-lo a si, pois só ele pode satisfazê-lo”.<sup>12</sup> Santo Agostinho fala assim dele: “Todos nós ansiamos por viver felizes, e entre os homens não há ninguém que negue seu assentimento a esta afirmação, antes ainda que seja exposta em toda a sua

---

<sup>11</sup> Ez 37,3 (cf. todo o capítulo).

<sup>12</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1718.

dimensão”.<sup>13</sup> É verdade agora também para mim, para você? “Existe um homem que quer a vida e deseja dias felizes?”<sup>14</sup> Era o título do Meeting de 2003, inspirado pelo padre Lepori, que remete ao prólogo da Regra de São Bento, onde Bento põe essa pergunta como raiz da decisão de tornar-se monge.

Dom Giussani ajuda-nos a não pular logo para além dessa afirmação do *Catecismo* e da tradição cristã, como se fosse uma premissa óbvia, para depois fazermos um tratado teológico a respeito da esperança. Estes Exercícios não serão um tratado teológico sobre a esperança, que começaria por expor a doutrina contida na Sagrada Escritura e nos Padres da Igreja, e por elaborar uma reflexão teológica: hoje, nestes Exercícios, para falar da esperança vamos começar por aqui, pela sua dimensão natural, humana. Pedagogicamente, Dom Giussani fala da esperança como realização de algo que já urge na nossa vida, do desejo que nos constitui naturalmente como pessoas humanas, deste “desejo natural de felicidade”, como o chama o *Catecismo*.

Nós encontramos em nós esse desejo de ser feliz: é um movimento da nossa natureza que deseja e espera pela realização, ainda que sozinha não consiga obtê-la. Então vamos olhar para essa “configuração de promessa” que sustenta o nosso estar no mundo aqui e agora.

## O coração humano é promessa

Num pequeno texto de 1961, republicado em *Porta la speranza*,<sup>15</sup> intitulado “Da esperança à plenitude da alegria”, que nos acompanhará no nosso itinerário destes dias, Dom Giussani introduz o tema da esperança com estas palavras: “É pelo fato das coisas, é pelo dado da sua existência que o homem extrai o conhecimento de si e do seu destino [esta é uma afirmação que nos é muito familiar nestes meses de meditação

<sup>13</sup> Santo Agostinho, *De moribus Ecclesiae catholicae*, 1, 3, 4: CSEL 90, 6 (PL 32, 1312).

<sup>14</sup> Cf. SI 33,13. RB Prólogo, 15.

<sup>15</sup> L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, disponível em: <https://portugues.clonline.org/arquivo/luigi-giussani/da-esperanca-a-plenitude-da-alegria>. Original em: “Dalla speranza alla pienezza della gioia (1961)”, in Idem, *Porta la speranza. Primi scritti*, Gênova: Marietti 1820, 1997, pp. 155-162. Também em L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, Lisboa: Diel, 2003, pp. 139-144.

sobre *O senso religioso*:<sup>16</sup> é na experiência que nós descobrimos quem somos]. A primeira característica do fato humano é esta: que este fato nasce como ímpeto incoercível para realizar-se a si mesmo”.<sup>17</sup>

Pela experiência, como dado objetivo, cada um de nós descobre que nasceu, que foi lançado na vida “como ímpeto incoercível para realizar-se a si mesmo”. Esta é a primeira característica, a primeira tônica do fato humano: o homem é definido por esse ímpeto, todo gesto tem essa força motriz. Depois acrescenta: “Desde as instintividades mais intumescidas e desde a banalidade das expansões cômodas, até às mais nobres urgências da consciência e às mais altas aventuras do pensamento, uma ‘força atuante nos fatiga de movimento em movimento’ (Foscolo), um ‘agulhão quase nos punge’ (Leopardi) em direção a uma realização da própria semente original, numa explicitação intensa de significado e eficácia. ‘Realizar a si mesmo’”.<sup>18</sup>

Até os gestos menos conscientes, até os que nem chamaríamos de gestos, são movidos por esse “agulhão”. Dom Giussani – vemos bastante nos primeiros escritos – usa uma linguagem extremamente sintética, fascinante. A expressão “instintividades intumescidas” carrega em si todo o leque das tentativas conscientes – ou muitas vezes quase inconscientes – de nos realizarmos dando vazão à instintividade.

A “banalidade das expansões cômodas” implica, se pensarmos bem, a busca pela diversão a todo custo, a necessidade de estar bem, a fixação em ser bem visto, que se expressa por exemplo na ânsia de postar nas redes sociais as imagens das viagens e das comidas que comemos, como se fossem expressão de uma felicidade desejada e, porém, sempre tão esquiva.

Nestes dias estive lendo dois artigos acerca de um livro<sup>19</sup> (não acho importante mencionar o título) que se propõe a explicar por que é tão fácil cair nas seduções dos jogos online, mesmo gastando todo o nosso dinheiro, ou então passar tanto tempo nas redes sociais, e ele o faz falando do “loop da escassez”, isto é, da volta fechada em si mesma da escassez. Remete à intuição de um tal Si Redd (William Redd), o empreendedor americano que inventou o fliperama e o jukebox e

<sup>16</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2023.

<sup>17</sup> L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> M. Easter, *Mai abbastanza*, Milão: Roi Edizioni, 2024.

depois levou os caça-níqueis para a internet. Um desses artigos diz que Si Redd identificou “uma forte peculiaridade da mente humana. Os comportamentos que realizamos numa sucessão rápida, desde os jogos de azar até o empanturrar-se de comida [...] são manifestações consequentes desse *loop* da escassez”.<sup>20</sup> Outro artigo comenta que “esse ciclo vicioso é o verdadeiro gatilho que desencadeia o *mindset* [a mentalidade] da escassez, que nos seduz com pequenas gratificações imediatas, como as que ocorrem nas redes sociais: cada notificação recebida – seja uma curtida, um comentário ou uma mensagem direta – traz consigo uma emoção, comparável à incerteza dos rolos de uma máquina caça-níqueis girando. O simples ato de rolar o *feed* [a sequência dos conteúdos na tela] arrasta-nos para um ciclo contínuo [este nosso desejo, que gostaria de ir até o infinito, fica fechado] de busca por emoções: felicidade, tristeza, irritação, indignação, inveja ou surpresa. Este comportamento compulsivo de *scrolling* [rolagem vertical] sem fim ativa uma repetição rápida e praticamente infinita, mantendo-nos colados à tela à espera da próxima onda de estímulos emocionais. Dessa forma, as redes sociais criam um *loop* de expectativa e reação que se retroalimenta, mantendo os usuários num estado constante de expectativa e desejo de confirmações sociais”.<sup>21</sup>

Eu mencionei esse fenômeno porque parece ajudar-nos a entender como nós também nos encerramos facilmente em círculos fechados que partem de um desejo verdadeiro, mas depois não levam a nada, voltam em si mesmos deixando-nos mais vazios do que antes. Isto não se dá só com os jogos online ou com as redes sociais. Será que todos nós não nos reconhecemos um pouco nessas linhas?

Dom Giussani ajuda-nos a reconhecer que até esses *loops*, nos afetam a todos (é preciso dizer a verdade), são formas reduzidas – e danosas – em que exprimimos nossa humanidade, movidos pela mesma sede de realização própria que move até os mais altos pensamentos – dizia ele – ou as coisas mais nobres do nosso coração. Somos feitos assim, sempre em movimento rumo a uma realização. Acho isto importante, pois há um movimento do humano que é feito por Deus

<sup>20</sup> A.D. Signorelli, “*Mai abbastanza*, il libro che spiega come la tecnologia ci faccia desiderare sempre di più”, *repubblica.it*, 2 de abril de 2024.

<sup>21</sup> L. Tedesco, “Cos’è il loop della scarsità, che ci fa desiderare ciò che non ci serve”, *wired.it*, 22 de março de 2024.

para que nós cheguemos a Ele. E nós não podemos negá-lo. Veremos melhor amanhã.

No texto de 1961, Dom Giussani afirma: “Há um fenômeno fundamental que expressa esse ímpeto original: o *anseio*, o *desejo*. Fenômeno fundamental para qualquer gesto nosso, que é inflamado por ele e lançado na trama da realidade. Tão gratuito e inevitável, o fenômeno do desejo é [...] uma *promessa de realização*. A promessa também é um fato, e o desejo atesta que a promessa é o fato que está na origem de todo o acontecimento humano”.<sup>22</sup>

O desejo acende todo gesto. Que bonita essa expressão! “Acende” significa que lhe dá início, enche-o de luz e calor, e lança-o *na trama da realidade*, impele-o à aventura da busca pela realização. O desejo, acrescenta, é “*promessa de realização*”, e a promessa é um fato, aliás, “é o fato que está na origem de todo o acontecimento humano”. Encontramo-lo em nós. Somos promessa. Recordemos o quinto capítulo de *O senso religioso*, que lemos nestas últimas semanas:

“Como é profundo o pensamento de que realmente *nada nos é devido*. Alguém alguma vez nos prometeu algo? E então por que esperamos? Talvez [Pavese] não tenha pensado que a espera é a estrutura mesma da nossa natureza, a essência da nossa alma. Ela não é um cálculo: é dada. A *promessa* está na origem, desde a própria origem da nossa criação. Quem fez o homem o fez ‘promessa’. *Estruturalmente* o homem espera; *estruturalmente* é mendicante: *estruturalmente* a vida é promessa”.<sup>23</sup>

Bem conhecemos a simpatia profunda que Dom Giussani nutria por Leopardi – Davide nos lembrou dela poucas semanas atrás, na conferência em Recanati<sup>24</sup> – porque em Leopardi ele via alguém todo determinado pelo desejo indomável de uma satisfação total, que a experiência da insuficiência das coisas não paralisa, mas antes aprofunda.

Em *É possível (mesmo?!) viver assim?*, na parte sobre a esperança, Dom Giussani dedicou a Leopardi algumas páginas lindas, num diálogo intitulado “Já também me oprimia o coração”,<sup>25</sup> e seria im-

<sup>22</sup> L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

<sup>23</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 86.

<sup>24</sup> “Cara beltà. Un pensiero sorgivo in Leopardi e Giussani”, Diálogo com Davide Prospero, Presidente da Fraternidade de CL, organizado pelo Centro Cultural Giacomo Leopardi, Recanati, 23 de março de 2024, *it.clonline.org*.

<sup>25</sup> L. Giussani, “Già similmente mi stringeva il core” in Idem, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 323-340.

portante, creio, que pudéssemos relê-las em casa na sua totalidade. Diz: “Quero citar um caso humano no qual se vê claramente como a esperança é uma palavra humana, e como ela está presente quando existe um desejo e a pessoa espera satisfazê-lo. [...] Vou falar da experiência de Leopardi [...] pela dimensão humana do seu testemunho. [...] A vida de Leopardi documenta o fato de que a esperança cristã é uma palavra humana”.<sup>26</sup> Olhemos de frente esse fato de nós sermos feitos com um desejo infinito.

É a experiência do Leopardi que escreveu: “O fato de não se satisfazer de nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, da Terra inteira; de considerar a amplitude inestimável do espaço, o número e a imponência maravilhosa dos mundos e descobrir como tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma; de imaginar infinita a quantidade de mundos, o universo infinito, e sentir que nossa alma e nosso desejo são ainda mais vastos que tal universo; de acusar continuamente as coisas de insuficiência e nulidade e padecer angústia e vazio e, portanto, tédio [dir-se-ia que esse tédio é a pior coisa, porém...], parecem-me o maior sinal da magnitude e da nobreza da condição humana”.<sup>27</sup> A nobreza do homem, em comparação a todas as demais criaturas, para Leopardi reside justamente nesta contradição, no drama de nunca encontrar nada que corresponda à amplidão do desejo, de modo que “tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma”. Nisto vem à tona a sublimidade do sentir, o “mistério eterno / do nosso ser”,<sup>28</sup> porque até a “tragédia de uma contradição cotidiana é como uma terra na qual brota uma exaltação do homem: o homem se exalta”.<sup>29</sup>

E Leopardi atinge o ápice dessa nobreza quando, embora na afirmação ideológica do nada como último horizonte, não consegue de forma alguma calar o anseio do desejo.

Concluo a referência a Leopardi com estas outras palavras de Dom Giussani: “Mesmo na experiência contraditória, a que dá lugar, a realidade exalta o espírito do homem e, dessa exaltação, nasce um respi-

<sup>26</sup> Ibidem, p. 324.

<sup>27</sup> G. Leopardi, “Pensamentos”, in Idem, *Poesia e prosa*, Organização e notas de Marco Lucchesi. Tradução de Affonso Félix de Sousa et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 497 (LXVIII).

<sup>28</sup> G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo”, in Idem, *Poesia e prosa*, op. cit., p. 276 (vv. 22-23).

<sup>29</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 330.

ro sonhador que domina toda a sua vida. O que nasce da contradição, o *não*, é a resposta da mente, mas o coração se consome de paixão, não é um *não*".<sup>30</sup>

No texto de 1961, Dom Giussani conclui afirmando que reconhecer a estrutura de promessa da nossa vida, que se expressa dinamicamente no desejo, ter confiança nela "fundamenta a simpatia inexorável com o próprio ser e a vida – torna possível, portanto, a atenção a si mesmo –, gera aquele 'senso de si' que não é apenas mera consciência, mas algo mais intenso, um reconhecimento amoroso de um destino carregado de valor".<sup>31</sup>

### **Da simpatia por nós mesmos, a oração do mendicante**

Ontem mesmo chegou às minhas mãos um testemunho, do qual vou ler algumas linhas. É um professor contando que, num jantar de fim de ano com os alunos, uma garota, que sempre lhe parecera meio distante, depois de ter ouvido *A gota* de Chopin e o comentário de Dom Giussani que esse professor tinha lido, disse a ele: "Eu sempre pensei, desde pequena, que tinha algo errado dentro de mim, uma inquietude, uma angústia. Estava fechada em mim mesma, chorava bastante, e à noite nunca caía no sono. Mas depois dessa aula, a inquietude que eu sentia parou de me fazer mal, parou de me dar medo, porque existia alguém que a descrevia assim, a vivia assim. Aquela gota, aquele tormento aparente, não era uma desgraça, era desejo de felicidade. Desde então passei a dormir sempre em paz". Depois, escreveu o professor, "ela me disse que tinha tatuado a gota no seu corpo, para sempre se lembrar daquele momento".

Uma estatura humana tão cheia de dignidade e de consciência do destino, consciente da amplidão de seu desejo que impele para um horizonte sem fim, traz-me à mente uma estátua do século XVII maravilhosa, provavelmente do escultor sevilhano Juan Martínez Montañez, que fica na incrível sacristia da Igreja dos Jesuítas em Lima, no Peru, onde eu vivi por muitos anos. Representa Santo Inácio de Loyola: quem a olha fica tocado pelo olhar de Inácio, voltado para

---

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> L. Giussani, "Da esperança à plenitude da alegria", op. cit.

um horizonte distante, para além de tudo, mas ao mesmo tempo com a expressão decidida de um aventureiro e não de um sonhador. Quando a vi, pensei: “Decerto é exatamente a imagem de um cristão que mira um horizonte infinito”. É impressionante esse olhar tão aceso pelo desejo do além e ao mesmo tempo repleto de concretude, quase de guerreiro. Esse olhar não o leva para fora da realidade, pelo contrário, enche-o de uma energia e de uma vontade de fazer tudo para alcançar esse além. Mas quem poderia sustentar-se nessa pureza e concretude sem uma grande graça, sem descobrir, como fez Santo Inácio ao encontrar Cristo, que existia uma resposta ao seu coração, cheio de espera por coisas grandes?

Nós hoje, aqui, no início destes Exercícios, estamos gratos porque Jesus veio ao nosso encontro e ressuscitou nossa esperança, tira-nos dos *loops*, dos círculos fechados em que nos refugiamos, e como Santo Inácio podemos olhar para nossa humanidade, que anseia pela realização de si, com simpatia, com um “reconhecimento amoroso” de um destino grande, dizia Giussani, para o qual Deus nos chamou dando-nos a vida e este coração ardente de desejo.

No entanto, somos tão fracos. Não sei se vocês leram as frases de Dom Giussani projetadas nos telões, com comentários à peça de Schubert que ouvimos enquanto entrávamos no salão, que falam justamente de nós, que somos tão fracos. A esperança é a esperança do pobre, diz ele. Nós sabemos bem que, mal nos afastamos um milímetro de Cristo, mal nos afastamos um milímetro da Sua presença na Igreja, desta companhia nascida do carisma de Dom Giussani, e passamos a ser vítimas desse niilismo sutil – falaremos dele amanhã – que penetra em nós como ar contaminado, sujando a limpidez do desejo, como um lastro que nos reduz às “instintividades intumescidas” ou à “banalidade das expansões cômodas”, e que introduz a sutil presunção que se apresenta como incerteza e dúvida, acerca de nós mesmos e – pior ainda – acerca da realidade humana de Cristo. Passamos a achar que já não precisamos d’Ele, que Ele já não seja capaz de responder à nossa espera.

Dentre as contribuições que recebi, algumas até falavam de depositar a esperança em Deus, mas num sentido que carregava em si uma dose de ceticismo, como que dizendo: “Eu desejo isso há tanto tempo, mas quando é que Deus vai me responder?”, como se a medida

de Deus fosse a nossa medida. Este é um juízo que damos inclusive sobre Deus. Assim podemos tomar distância, julgando com base no nosso desejo reduzido a medida: podemos até – talvez sem nos darmos conta – tomar distância da proposta concreta e atual, tomando assim distância desta companhia, do Movimento ou até mesmo do Papa, que guia a Igreja. Acontece, hein! Mas agindo assim perdemos a grande graça que recebemos e ficamos com um desejo reduzido, já sem possibilidade de reabrir os horizontes. Paramos de nos identificar com quem guia, e assim – milímetro a milímetro – nos afastamos da presença concreta, histórica e objetiva de Jesus. A Graça flui desta fonte, que nos alcança agora na Igreja, mas esta redução de nós mesmos, da consciência da imensidão da nossa necessidade, rouba-nos a simplicidade da adesão.

Na minha experiência como responsável da América Latina, pelo contrário, vejo que quem vive arriscando mais devido às situações em que está, quem sofre muitas limitações tem um desejo de plenitude mais límpido, sem “ses” e sem “mas”, e não tem tempo nem vontade para ficar julgando o Papa ou o Movimento – ama-o com simplicidade e gratidão, não por ingenuidade, mas graças à consciência profunda de que não pode resolver por conta própria a sua necessidade. Gente que fica colada à grande graça e a implora todo dia, segue como se fosse uma oração, ou melhor, reza seguindo, porque precisa dela para viver. E assim experimenta a esperança que floresce em circunstâncias aparentemente impossíveis. Com efeito, a esperança recomeça todo dia como oração.

Quando reconhecemos, com simplicidade, que estamos repletos de um desejo sem limites, a oração brota em nós como a expressão mais humana da espera de que um Outro cumpra a promessa. Uma oração desprovida da pretensão de definir a forma como o Mistério deveria responder ao nosso grito; é a oração do mendicante, pobre de espírito. Em 2008, quando saiu o livro das equipes do CLU intitulado *Uomini senza patria*, fiquei realmente tocado por uma página em que Dom Giussani representa com uma imagem aquilo em que consiste a oração do pobre de espírito; quero lê-la, para que nos acompanhe esta

noite e nos ajude a começar estes dias na atitude adequada, a única verdadeira: a do mendicante. Diz ele: “O pobre de espírito – vocês devem imaginá-lo como alguém que está de boca aberta e olhos arregalados, olhando para o céu e a terra, com espanto, maravilhado: por isso, ele tem uma disponibilidade fisiologicamente evidente – é aquele que não tem nada. [...] O pobre de espírito é alguém que não tem nada, exceto por uma coisa para a qual e da qual é feito, isto é, uma aspiração sem fim. Esta é a abertura e a disponibilidade: uma espera sem limites. Não é uma espera sem limites porque é interminável o acúmulo de coisas que ele espera [o rolar dos nossos celulares e dos nossos projetos]; não, ele não espera nada, mas vive uma abertura sem limites – e não espera nada! –. [...] É como se [esta é a imagem que ficou na minha cabeça], naquele campo [estavam na equipe do CLU nas montanhas Dolomitas], imaginássemos um pobre de espírito; deveríamos imaginá-lo lá sentado, com as pernas esticadas, com o rosto para cima olhando o céu, a terra, as montanhas e tudo, com essa dilatação total do coração sem que ele fixe na sua imagem: ‘Eu bem que queria um teto, uma casa, uma mulher, filhos, queria ter dinheiro’. Nada, não há nada! Esta é a originalidade do homem; e de fato a originalidade do homem é a espera pelo infinito”,<sup>32</sup> sem construir para si nenhuma imagem disso. Este pobre somos nós!

Esta noite temos de gritar, implorar esta simplicidade absoluta, para nos redescobrirmos pura espera, feitos de um desejo sem fim, certos e alegres por estarmos – por graça – no limiar que nos permite esperar, certos da esperança que não decepciona, tão pobres e mendicantes diante d’Ele. Por isso, esta noite e nas horas destes dias, procuraremos o silêncio: aproveitemos a grande oportunidade que nos é dada para implorar Aquele que ama tanto a nossa humanidade a ponto de ter-nos criado como desejo d’Ele a fim de encher-nos com Sua graça.

---

<sup>32</sup>L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Milão: Bur, 2008, p. 298.

# SANTA MISSA

*Liturgia da Santa Missa: At 5,34-42, Sl 26(27); Jo 6,1-15*

**HOMILIA DE PE. MAURO-GIUSEPPE LEPORI**  
**ABADE GERAL DA ORDEM CISTERCIENSE**

“Jesus subiu à montanha e sentou-se ali com seus discípulos.”

Todos nós também, se estamos aqui, é porque, de uma forma ou de outra, Jesus nos atraiu à Sua pessoa num local elevado e separado para nos sentarmos com Ele, escutá-Lo, para aproveitarmos a Sua presença, a Sua amizade, para percebermos o prazer que Ele sente ao ficar conosco, e o prazer que nós sentimos quando ficamos com Ele. É bonito pararmos para nos concentrar em Jesus, na Sua presença tão simples conosco, simples como o sentar-se junto com um grupo de amigos. É bonito pararmos para escutá-Lo, ouvi-Lo falar, ouvir Suas palavras de vida eterna, que reacendem em nós um desejo de plenitude, de vida transbordante, como a Vida de Deus. Também é bonito descobrir-nos uns aos outros igualmente atraídos por Ele, sentirmos o quanto o amor de Cristo nos faz estar bem juntos, nos torna amigos, nos une. Todos Seus e, por isso mesmo, todos pertencentes uns aos outros, num vínculo mais forte e mais eterno que qualquer vínculo de amizade ou parentesco. Mas naquele grupinho, havia alguns que já eram amigos antes de encontrar Jesus, havia irmãos, como Pedro e André, Tiago e João. Também essa amizade, também esse parentesco, tudo no estarem ali em volta de Cristo era intensificado, era descoberto como novo, era despido de toda instintividade, de toda obviedade, de toda redução aos nossos limites.

Mas esse prazer em estarem sozinhos com Ele e junto com Ele, aonde é que os levava, que sentido tinha? Aonde nos leva, que sentido tem o nosso estarmos aqui ao redor de Cristo, olhando para Cristo, escutando Cristo, amando Cristo? Para onde nos leva a predileção de Jesus?

Nós o entendemos com a mesma simplicidade com que docilmente O seguimos enquanto se afastava da multidão e nos levava para longe. Nós o entendemos com a mesma simplicidade com que nos sentamos em círculo com Ele. Nós o entendemos ao ouvi-Lo, ao olhá-Lo, ao nos expormos com pobreza de coração e gratidão ao aconte-

cimento que Ele é, que a Sua pessoa é, que a Sua palavra é. Nós o entendemos quando fitamos o Seu rosto.

“Levantando os olhos, Jesus viu que uma grande multidão estava vindo ao seu encontro.”

Estávamos olhando para Ele, venturosos por Sua beleza, pela correspondência daquele Rosto com o desejo de beleza e bondade do nosso coração. E eis que vemos levantar-se Seu olhar, acima de nossa cabeça, para o horizonte. Instintivamente nos viramos para olhar com Ele além do nosso grupinho, além do nosso estar bem com Ele e entre nós. Com Ele vemos a multidão.

Vem a tentação de ficarmos incomodados, irritados. O que essa multidão tem a ver com o nosso estar bem com Cristo? O que esse barulho tem a ver com o nosso estar em silêncio escutando-O? O que toda essa miséria humana tem a ver com o prazer de contemplar o Senhor?

Mas o Seu olhar é inexorável, pois a Sua compaixão é inexorável. Assim como a compaixão que chegou até nós, que olhou para nós um dia, como agora olha para a multidão que vem, a humanidade inteira.

Todo o nosso estar com Ele, toda a beleza que experimentamos com Ele, não fica anulada, não é negada, mas tem um sentido, tem uma direção, que o Seu olhar define. Nada é anulado da amizade e predileção que Ele nos concede, a que Ele nos chama, mas essa amizade e predileção têm uma vastidão infinita, abraçam a tudo, abraçam a todos. E nisto foi-nos dado perceber e fazer experiência do coração de Deus, do que é, de como é o coração de Deus. É um coração cuja intimidade mais profunda é um abraço universal. A intimidade com Cristo que Ele me concede é mais verdadeira, mais profunda e real, quanto mais abraça a tudo e a todos. Justamente porque Ele me cinge a Si, ao Seu coração, eu não saio do mundo, mas o penetro até o fundo, até os extremos confins da terra. O coração de Cristo, o coração de Deus, que o olhar de Cristo revela, é a Misericórdia que, ao cingir-nos a Si, cinge-nos a todos, num movimento de paixão pela humanidade que já não tem limites, os meus limites.

Mas o nosso coração não sabe, não consegue dilatar-se por si mesmo nessa medida sem medida. Precisa do Espírito, como a Virgem Maria. Precisa oferecer-se ao dom de Deus que é Paráclito, que é Consolação em Pessoa, ao Espírito que torna o Filho carne

na nossa carne, presença na nossa presença, humanidade na nossa humanidade.

Como é que isso pode acontecer? Acontece como para a Virgem Maria, como para o menino dos cinco pães e dos dois peixes: oferecendo todo o nada que temos, oferecendo todo o nada que somos. Esta é a nossa esperança. Então tudo em nós e entre nós multiplica-se, tudo vem saciar a fome da humanidade, porque tudo na verdade se torna Corpo e Sangue de Cristo, o Redentor do mundo!

## *Sábado, 13 de abril, manhã*

*Wolfgang Amadeus Mozart*

*Concerto para piano em ré maior n. 20, K 466 Piano, Clara Haskil*

*Orchestre des Concerts Lamoureux – Igor Markevitch “Spirto Gentil” n. 32, (Philips) Universal*

*Ângelus*

*Laudes*

### **Davide Prosperi**

Este ano, quem também veio cumprimentar-nos e trazer-nos sua bênção foi Sua Excelência Dom Nicolò Anselmi, bispo de Rímimi. Obrigado.

### **Dom Nicolò Anselmi**

Obrigado pelo convite, obrigado por estarem aqui, mas acho que já entendi que vocês estão bastante em casa em Rímimi. Agradeço-lhes todo o bem que fazem na Igreja, todo o bem que fazem nas nossas comunidades, na sociedade. Neste ano, que o Santo Padre quis dedicar à oração em preparação ao Jubileu do próximo ano, *Peregrinos de Esperança*, o fato de vocês serem tão numerosos me faz sentir no coração que a necessidade de oração, de estar com o Senhor, de deixar-se guiar pelo Seu Espírito, diz respeito a nós, que cremos, mas creio que também o mundo tenha um grande desejo de profundidade, de redescoberta da presença de Deus e do Senhor Jesus na vida concreta – como vamos ouvir no Evangelho de amanhã –, de Jesus, que se põe a comer peixe, anda sobre as águas, liberta e dá luz às trevas.

Obrigado de verdade, sintamo-nos unidos; há também uma parte da nossa diocese que reza com vocês e por vocês. Bons santos Exercícios, bom tempo de Páscoa e boa missão no mundo e nas suas comunidades. Obrigado de novo.

*Bênção*

### **Prosperi**

Obrigado.

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO  
Giovanni Paccosi

## *Do desejo à esperança cristã*

Cada um dos cantos que acabamos de ouvir ajudaram-nos a voltar ao ponto em que paramos ontem. *Imposible*,<sup>33</sup> é o grito cheio de dor porque tudo o que se deseja não responde ao desejo do coração. Parece impossível, poderia parecer impossível se não acontecesse o que escutamos no primeiro canto desta manhã, *O meu rosto*: “Deus, para mim olho e eis que descubro: / não tenho rosto; / olho no fundo e vejo o escuro / que não tem fim”. A percepção da minha incapacidade em realizar minha vida, em realizar a promessa de um bem que não conheço, que não posso imaginar, faz-me entender que, se eu for sincero, posso apenas pedir, mendigar uma “espera sem fim”, como vimos ao término da Introdução. Diante desta espera, ainda indefinida, acontece, sem mérito meu, um fato de que me dou conta, uma coisa nova. “E só quando percebo que tu és, / como um eco eu ouço a minha voz / e renasço como o tempo da lembrança.”<sup>34</sup>

E então a voz e os olhos não são inúteis, pois existe quem responde ao grito da voz, à aspiração dos olhos. Quando O reconheço, meu eu renasce, já não como um desejo indefinido ou, como vimos ontem, reduzido a uma imagem que eu mesmo construo ou como pedido impaciente, mas como espera – a espera do pobre, do mendicante – e esperança d’Ele, que me promete o cumprimento, misterioso mas real.

### **Os pecados contra a esperança (em vez de sinais, sonhos)**

Retomemos o fio da reflexão e voltemos ao texto de Dom Giussani de 1961. Depois de ter mostrado que a esperança, como promessa de realização, é o tecido mesmo do humano, mesmo quando nós caímos na instintividade ou no comodismo (Dom Giussani diz que até isto – paradoxalmente – demonstra que somos desejo, espera e promessa),

<sup>33</sup> Atahualpa Yupanqui, “Vidala del imposible”, do álbum *Mi tierra, te están cambiando*, 1973, © Odeon.

<sup>34</sup> A. Mascagni, “Il mio volto”, in *Canti*, Milão: Società Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2014, p. 196.

ele observa que existem “pecados contra a esperança”: “Mas a genialidade do humano [diz ‘genialidade’ meio ironicamente] parece consistir justamente em perceber a impotência como o último conselho da experiência. Por isso, essa virtude da esperança é obstinadamente combatida por uma *tristeza* (a *tristitia sæculi* de São Paulo) ou por uma *acídia* (a *acædia* de que Santo Tomás fala), cujo resultado é uma *falta de disponibilidade* para o sentido positivo a que a natureza nos introduz desde a origem. Dessa falta mesma de disponibilidade surgem as atitudes contraditórias à esperança, os pecados contra a esperança”.<sup>35</sup>

A falta de disponibilidade em ficar à espera deve-se ao fato de não aceitarmos ser criaturas, não aceitarmos ser feitos como promessa de realização, que virá não segundo as nossas formas e como nós queremos, mas por obra de um Tu, daquele Tu que é mais eu do que eu mesmo. Tanto que até a solidão, como meditamos nestes últimos tempos na Escola de Comunidade, é repleta de uma companhia. De fato, diz *O senso religioso*: “Antes da solidão está a companhia que abraça a minha solidão, por isso não é mais verdadeira solidão, mas grito de apelo à companhia escondida”.<sup>36</sup>

Mas não reconhecemos isso. E esse não reconhecer, essa indisponibilidade à espera é, sim, o fruto do pecado, mas também de uma postura que nasce da história destes últimos séculos, quando se foi afirmando uma pretensão crescente de autonomia por parte do homem, que o foi deixando cada vez mais indisponível a reconhecer esta companhia misteriosa. Esta pretensão que respiramos inclusive na forma como vivemos a fé cristã favorece que cedamos à triste tentação de definirmos qual deveria ser e quando deveria vir a resposta ao desejo, e assim ficamos indisponíveis à espera.

A respeito das raízes desta indisponibilidade e de como na história do Ocidente se criou este fechamento Àquele que é mais eu do que eu mesmo, ao “tu-que-me-fazes”,<sup>37</sup> convido vocês a retomar os números de 16 a 23 da *Spe salvi* de Bento XVI,<sup>38</sup> os belíssimos números de 101

<sup>35</sup> L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

<sup>36</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 90.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 146.

<sup>38</sup> Cf. Bento XVI, *Carta encíclica Spe salvi*, Roma, 2007, nn. 16-23.

a 121 da *Laudato si'* do Papa Francisco,<sup>39</sup> as páginas de *A consciência religiosa no homem moderno*<sup>40</sup> e as de *Por que a Igreja*,<sup>41</sup> que nos ajudam a compreender melhor como foi que se afirmou esta pretensão de autonomia na passagem da mentalidade medieval para a forma moderna de nos julgarmos autônomos. É uma história que se reflete na história de cada um de nós.

É interessante aprofundar as atitudes que nascem dessa indisponibilidade, de acordo com Dom Giussani no escrito de 1961.

“O primeiro e mais fácil é dado pela *evagatio mentis*. É a distração em seu sentido mais comum, que coincide com aquele evadir na mediocridade melancólica da maioria – deixando-se enredar pelo bom e velho sentimentalismo, ou deixando-se reabsorver o tempo todo pelas vozes banais do ambiente.”<sup>42</sup>

A *evagatio mentis* leva-nos a aceitar (mesmo sabendo de antemão que não ficaremos satisfeitos) deleitar-nos em pequenas satisfações, enfileiradas uma atrás da outra nos fins de semana ou no tempo livre, buscando uma distração, de modo que, do dia a dia feito de trabalho, relações, uso do tempo e do dinheiro, renunciemos facilmente a tudo o que poderia apontar-nos o ideal: a oração, determinadas faces amigas, a Escola de Comunidade, a Missa (quem vai à missa diariamente?).

Abro um parêntese. Vocês percebem que os pecados contra a esperança de que fala Dom Giussani não consistem em infrações a determinadas regras, mas em cedermos em relação à nossa humanidade; são reduções que sufocam a grandeza daquele grito que leva o cantor Atahualpa Yupanqui a dizer, na famosa canção *Imposible*: “Então por que me fizeste os olhos? E por que tenho olhos, se não posso ver?”<sup>43</sup> A insatisfação inevitável seria *senal* que poderia pôr-nos de novo em movimento, mas acaba caindo numa *evagatio mentis*. Em vez de percebermos a insatisfação como o ponto de partida para abrir-nos ao outro, fechamo-nos facilmente na esfera, ou melhor, na *bolha de sabão* de sonhos sem o respiro do infinito.

<sup>39</sup> Cf. Francisco, *Carta encíclica Laudato si'*, Roma, 2015, nn. 101-121.

<sup>40</sup> Republicado em L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno. A “questão humana” e a novidade do cristianismo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 87-159.

<sup>41</sup> L. Giussani, *Por que a Igreja*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2014, pp. 51-101.

<sup>42</sup> L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

<sup>43</sup> “¿Para que quiero mis ojos? / ¿Mi ojos para sirven” (A. Yupanqui, “Vidala del imposible”, op. cit.).

Assim prevalece um andar incerto, justificado pelo turbilhão dos *ses* e dos *mas*, dos *talvezes* e dos *gosto* ou *não gosto*, que reduz nosso coração, enreda-o numa névoa triste. A este respeito, alguns textos de Dom Giussani são impressionantes. Por exemplo, *Uomini senza patria*: “Os ‘mas’, os ‘ses’, os ‘talvezes’, os ‘poréns’, diante do pressentimento, da previsão, da intuição, diante do vislumbre da verdade, são uma desonra, uma falta de coragem, uma falta de adesão. É como quando alguém te dá a mão para segurar a sua como amigo, e você se apresenta com as mãos frouxas, com os dedos para baixo, com o polegar mal levantado para apertar. [...] Então, diante da vida, os ‘mas’, os ‘ses’, os ‘talvezes’, os ‘poréns’ são uma frouxidão ambígua, nem sequer triste, [...] mas ignóbil, ‘pantanososa’, lamacenta; não, aliás, não lamacenta, mas igual à lodosidade característica de algo molhado, de um charco; isso, uma mão ‘de charco’”<sup>44</sup>

Que nojento! Um viver os dias lodoso, como um charco... Que impressionante essa descrição da redução flácida da nossa humanidade, para a qual somos levados todo dia, sem nos darmos conta. Essa negligência de nós – soberba, porque não pede – manifesta o nosso ceder a uma força de mal, “a” força do mal, o diabo, que tenta tirar-nos de Cristo afastando-nos da nossa própria humanidade, fazendo-nos afogar nas areias movediças de uma superficialidade que se torna duvidosa, como diz *O senso religioso*, com “o fogo cerrado dos ‘mas’, dos ‘ses’, [...] a barreira de fogo, como disse antes, que cobre a retirada do nosso compromisso com o mistério”<sup>45</sup>

Eu vi descrita essa retirada do nosso compromisso num artigo de 6 de janeiro relativo a uma pesquisa do Ufficio Studi Coop, que falava da Itália como de “um país em pausa” (ontem à noite o Davide mencionou o Relatório Censis, que fotografava uma Itália “sonâmbula”). “A vontade de mudança existe, mas ninguém acredita nela. E quem paga a conta são os grandes projetos. [...] De tanto adiar e abrir mão, os italianos acomodam-se numa vida feita de pequenas coisas, vivem por subtração mais que por adição, e o futuro do país contrai-se numa dinâmica temporal dominada pelo presente.”<sup>46</sup> Sim, mas um presente sem passado e sem futuro, sem esperança; o presente das pequenas coisas em que a gente pode deleitar-se.

<sup>44</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 123.

<sup>45</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 181.

<sup>46</sup> I. Scalise, “Un Paese in pausa e con poche speranze: gli italiani si rifugiano nei piccoli sfizi”, *la Repubblica*, 6 de janeiro de 2024, p. 7.

O segundo pecado contra a esperança indicado por Dom Giussani é o *estoicismo* como tentativa de não mais desejar coisas grandes: “No fundo, a pretensão de medir tudo com a própria energia, de saber medir e enfrentar o peso de tudo com a própria vontade. [...] É a presunção que limita as dimensões do homem na tentativa de afirmar-se obstinadamente. Dá vontade de citar Shakespeare: ‘Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha tua vã filosofia’”.<sup>47</sup>

Esta atitude identifica a satisfação do desejo com imagens que nós produzimos: serei feliz se tiver uma mulher ou um homem, se ganhar o bastante, se tiver filhos e filhos bons, se... se... Em 1961, Giussani via que essa ideologia, no fundo niilista, se mascarava como *esperança depositada na transformação da sociedade, segundo um projeto coletivo*, mas hoje podemos enxergar que (exceto em países onde essa ilusão ideológica continua alimentando poderes ditatoriais que entristecem e amarguram a vida de povos inteiros) a ilusão utópica de poder, “a presunção que limita as dimensões do homem na tentativa de afirmar-se obstinadamente”, na nossa sociedade reduziu-se à afirmação dos chamados *direitos individuais*, à negação de qualquer dado objetivo fora da escolha do indivíduo (se dentro de mim há um grito, como ouvimos no canto *Anyone*: “Há alguém?”),<sup>48</sup> julgam essa pergunta absurda), numa *fluidez* em todos os níveis, desde a troca de bandeiras e opiniões conforme o momento, até a negação da diferença sexual como dado objetivo, nas várias formas de ideologia de gênero – que o Papa Francisco indicou várias vezes<sup>49</sup> como o ponto mais avançado da “colonização ideológica” em curso. O último documento

<sup>47</sup> L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

<sup>48</sup> “...is there anyone? / I need someone, oh / Anyone, please send me anyone / Lord, is there anyone? / I need someone” (... há alguém? Preciso de alguém, oh! Alguém, por favor, mande-me alguém. Senhor, há alguém? Preciso de alguém) (Demi Lovato, “Anyone”, dall’album *Dancing with the Devil... the Art of Starting Over*, 2021, © Island).

<sup>49</sup> Uma ocasião recente foi o discurso aos participantes do Congresso Internacional “Homem-mulher, imagem de Deus. Por uma antropologia das vocações” (1 de março de 2024), no qual o Papa Francisco disse: “É muito importante que se realize este encontro, um encontro entre homens e mulheres, porque hoje o perigo mais horrível é a ideologia do gênero, que anula as diferenças. Pedi que se façam estudos sobre esta ideologia horrível do nosso tempo, que anula as diferenças nivelando tudo; anular a diferença significa anular a humanidade. O homem e a mulher, ao contrário, vivem em fecunda ‘tensão’. Lembro-me que li um romance do início do século XX, escrito pelo filho do Arcebispo de Canterbury: *O senhor do mundo*. O romance fala do futurismo e é profético, pois mostra a tendência a anular todas as diferenças. É interessante lê-lo, se tiverdes tempo lede-o, porque aborda estes problemas atuais; aquele homem foi um profeta”.

da Congregação para a Doutrina da Fé, a *Dignitas infinita*, é realmente uma grande ajuda – recomento a leitura – para compreender onde está o ponto; no início, faz uma distinção entre a dignidade ontológica que toda pessoa tem e outras dignidades presumidas, que na verdade são a negação da dignidade que temos pelo modo como somos feitos. Por diversas vezes, o Papa comparou essa colonização ideológica com a colonização descrita no romance *O senhor do mundo*, de Robert Hugh Benson<sup>50</sup> – que bem conhecemos –, que chega até a eutanásia e a terrível intolerância contra quem tem um olhar profundo para o humano e a realidade.

Mas também as guerras, que nestes tempos nos enchem de consternação, têm como motor profundo esta redução da *espera* pela realização a um projeto próprio, cujo fruto objetivo – constatamos todo dia – são destroços, aniquilação do humano, desespero. Aqui vemos que o *sonho* da autoafirmação humana, da resposta autônoma aos próprios desejos, torna-se mesmo um pesadelo.

Muitos jovens – cujo coração, apesar de tudo, ainda está vivo –, na redução do desejo à pretensão de liberdade para decidirem por si sós o que pode satisfazê-lo, *sonho* e não *senal*, acham-se incertos a respeito de si, do próprio valor e lugar no mundo, nunca tendo sido educados a amar seu coração em sua exigência de infinito. Outro dia, enquanto eu visitava um centro de pesquisa e tratamento neurológico, psiquiátrico e psicológico de crianças e adolescentes, com nível internacional de excelência, a certa altura, entrando num quarto, fiquei diante de uma dezena de meninas afligidas por distúrbios alimentares. Fiquei impressionado ao ver os olhos: apagados e tristíssimos. Ficaram mesmo no meu coração! Depois os médicos me falaram do crescimento exponencial do número de jovens afetados por esses e muitos outros distúrbios da mente. Aqueles olhares realmente pareciam sem esperança. Visitando outra estrutura para adolescentes doentes psiquiátricos, havia uma menina que me parecia normal, mas depois a médica me contou a história dela, feita de situações em que não tinha ninguém para lhe dizer: “Você é amada, você é querida”. Alguém poderia pensar: “Eu é que escolho quem vou ser”; na verdade, sem uma relação com outro que pode completar o seu eu, você

---

<sup>50</sup> R.H. Benson, *O senhor do mundo*, São Paulo: Sétimo Selo, 2021.

fica sem esperança e perde a sua humanidade. Olhando para esses jovens, pareceu-me evidente que, cortadas as asas da esperança de uma realização total, como conseguiriam voar? Que liberdade é essa, de estarem condenados a ter de decidir sozinhos quem são, para depois perceberem que não basta? Na falta de esperança, nesse conformar-se com o nada entregando-se ao desespero, cresce a violência contra si mesmo e contra os outros. Parece-me que a pretensão de abaixar o nível do desejo, reduzindo-o a algo que eu decido, seja uma forma evidente de destruição do humano.

Mas se nós formos sinceros com o ímpeto da nossa natureza, com o desejo que nos constitui, qualquer coisa desejada nos leva, como sinal, à fonte de tudo, a Deus. Deixem-me citar uma passagem de Dante: ele sim ama o desejo como caminho para Deus, embora perceba que sozinho, sem a ajuda d'Ele, nos perderíamos! Numa página lindíssima do Purgatório, ele fala assim da alma, ou seja, de cada um de nós, com palavras que todos conhecemos e que são realmente maravilhosas: “Sai da mão d’Aquele que a contempla / antes que seja [a alma sai das mãos de Deus, que parece deixá-la voar como a uma borboleta; Ele, que a vê com admiração, com amor de Pai, quase a admira antes que exista, pensa-a e cria-a em seu amor], à guisa de mocinha / que chorando e rindo criança [que ri e chora como uma menina inocente], / a alma simplesinha que nada sabe, / exceto que, movida por ledo Feitor [como foi posta em movimento por esse Feitor, pelo infinito, por Deus, cheio de alegria por ela], / com gosto volta para o que a diverte [a alma ainda inexperiente não sabe nada, e sabe apenas, movida por Quem literalmente a cria, voltar-se com prazer para o que a alegra, isto é, gostaria de voltar para aquela alegria que é a única capaz de preencher todo o espaço do seu ser lançado na realidade]. / De pequeno bem logo sente o sabor; [a alma simplesinha entra no mundo e encontra algo que a atrai] / e aí se engana, e à sua procura corre, / se freio ou guia não dobra o seu amor [sente logo o sabor de um bem pequeno e imediatamente se enganaria, correndo atrás da primeira coisa que a atrai, se não houvesse alguém que a guia e a freia, e que move seu amor para frente, ainda mais além]”.<sup>51</sup>

Em outro texto maravilhoso, Dante diz que o homem na realidade está como que na frente de uma pirâmide: no início há um bem

<sup>51</sup> Dante Alighieri, *Divina Comédia, Purgatório*, Canto XVI, vv. 85-93.

pequeno; é como um menino que vê amendoins e se apaixona pelos amendoins, depois de um tempo já não lhe bastam e então vê um brinquedo, e não basta, depois vê um cavalo, depois uma garota, depois vê o dinheiro e depois – diz Dante com muito realismo – quer mais dinheiro, e depois quer ainda mais dinheiro. Mas todas essas coisas – comenta o poeta – não são contra a estrutura da nossa humanidade, não são desejos que nos fazem desviar de Deus, contanto que percebamos que não nos bastam e que são etapas do caminho que nos permite chegar até a reconhecer qual é o único Bem que nos basta. Para Dante, o desejo é bom e não precisa ser apagado, pois é um passo para o destino.

Mas me tocou, na entrevista publicada na *Passos* do mês de maio, o que disse o bispo norueguês Erik Varden; imagino que vocês também tenham lido. Vou reler: “O desejo é a expressão de termos sido feitos por Deus. É algo intrínseco à natureza humana. Somos habitados por um eco, um chamado. É o Senhor que faz cantar em nós a semelhança com Ele. O desejo é a força motriz da minha vida, porque a direciona para uma plenitude, que é a comunhão com Deus também vivida nas relações com os outros. Nosso pecado é uma sabotagem do desejo [viram só? O pecado não é infringir uma regra, e sim destruir a nós mesmos], que se fragmenta em muitos objetos diferentes. Mas se olharmos para onde esse desejo profundo nos leva, percebemos a relatividade de todas as coisas que não são suficientes para cumpri-lo. E, ao mesmo tempo, as reconhecemos em seu mais verdadeiro valor, porque só à luz do que sacia a sede da vida [Deus] é que cada pequena coisa revela seu significado”.<sup>52</sup>

## A grande graça

Que beleza! Nós encontramos esta experiência de valorização de todo o nosso sermos pessoas humanas.

Hoje, mais do que nunca, no mundo em que vivemos, na situação concreta destes dias, para esperar é realmente necessário ter recebido *uma grande graça*. Por isso retomo as passagens pelas quais Giussani

---

<sup>52</sup>E. Varden, “Ampliar o desejo”, entrevista concedida a A. Leonardi, *Passos*, n. 267, mai-jun/2024, p. 12.

nos ajuda a compreender o que é que o encontro com Cristo gera na estrutura de desejo que nos constitui, sem eliminá-la, mas realizando-a plenamente. No início do capítulo sobre a esperança em *É possível (mesmo?! ) viver assim?*, para resumir os pontos de sua reflexão, ele usa um trecho de *Em busca do rosto do homem*, que também foi proposto no Cartaz de Páscoa de 1996: “A esperança é uma certeza do futuro por causa de uma realidade presente. Por isso, é a presença de Cristo, tornada conhecida pela memória, o que nos torna certos do futuro. E é possível então um caminho sem parada, um tender sem limites, a partir da certeza de que Ele possui a história e se manifestará nela”.<sup>53</sup>

## 1. Uma presença

Comentando esse texto em *É possível (mesmo?! ) viver assim?*, Giussani afirma: “*Primeiro*. Existe uma presença, há uma presença na vida do homem, a vida do homem tem uma presença dentro de si: a presença das pessoas e das coisas. Essas presenças exercem uma atração, graças à qual o espírito do homem se lança na vida com os desejos que constituem a mola de todo e qualquer dinamismo seu. O homem é transparente. Os atrativos dessa presença suscitam os ideais da vida: a beleza, a verdade, a criatividade, o trabalho (a criatividade é o trabalho). Todo o apego que o homem tem por esses ideais – o homem apega-se a esses ideais – e, portanto, toda a estima que tem por seus desejos cegam-no [porém] para a provisoriedade deles: o homem não vê que todos eles são sinais, sinais ao longo do caminho”.<sup>54</sup> É como se Giussani resumisse todo o caminho percorrido desde ontem à noite até agora; e talvez agora, graças ao caminho percorrido, compreendamos um pouco mais.

O ponto de partida para falar da esperança é – vimos ontem – a realidade, a presença, a positividade do desejo, mas também o engano em que caímos tão facilmente. As presenças, que fazem o desejo vibrar, suscitam uma atração que move. Mas este movimento positivo logo diminui, apegando-se às presenças imediatas que suscitam os desejos, em vez de vivê-las como dom e sinal que nos remete mais

<sup>53</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?! ) vivere così?*, op. cit., p. 265. Cf. Idem, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 1996, p. 110.

<sup>54</sup> Ibidem, pp. 265-266.

além. Produz-se assim aquela *indisponibilidade à espera* que transforma os desejos em sonhos e em *loops* fechados, em círculos fechados que, em vez de nos pôr em movimento, fecham.

## 2. O Ideal acontece

Neste ponto, Giussani dá mais um passo: “*Segundo*. Adveio uma presença [entre as várias presenças], a presença do Verbo de Deus que se fez homem nas entranhas de Maria. Trata-se da presença d’Aquele de que são feitas todas as pessoas e todas as coisas, trata-se d’Aquele que criou o mundo; por isso, todas as realidades criadas são sinal d’Ele, encontram n’Ele a sua verdade (do contrário, são mentira) e a sua realização (do contrário, são vãs). Todos os ideais despertados ao longo do caminho existem em função d’Ele, o Ideal [com I maiúsculo]; os desejos do homem só são verdadeiros e eficazes se forem vividos em função do desejo por Ele. As experiências do amor, da busca da verdade, da fecundidade, da construtividade são módulos para adentrar na experiência do mistério d’Ele: esse é o ideal da vida do homem, depois que Ele veio para permanecer até o dia da Sua glória. Mas viver essa espera é a esperança de toda esperança”.<sup>55</sup>

Então a presença de Cristo, tornada conhecida pela memória – certos gestos, certas relações, certos momentos como as Laudes desta manhã ou os sacramentos e a Missa são instrumentos desta memória, que nos faz reconhecer imediatamente a Presença para a qual é feito realmente o nosso coração –, põe de volta as coisas em seu lugar: tudo é bom, tudo é amável, porque tudo é sinal, é passo para adentrar na relação com Ele.

### *a. O salto do desejo para a espera dá-se em Cristo*

É Jesus mesmo quem, ao vir, transforma nosso desejo e os ideais despertados ao longo do caminho em convites para O esperarmos, na certeza de que Quem esperamos está vindo. É como uma transformação, é como um passo dentro da nossa ontologia, uma recuperação da nossa verdadeira ontologia. Numa homilia memorável da Vigília Pascal, Bento XVI falou de “um salto de qualidade na história da ‘evolução’ [ocorrido com a ressurreição de Jesus] e da vida em geral

---

<sup>55</sup> Ibidem, p. 266.

para uma nova vida futura, para um mundo novo que, a começar de Cristo, incessantemente penetra já neste nosso mundo, transforma-o e atrai-o a si”.<sup>56</sup>

Volto mais uma vez ao texto de 1961, de onde começamos ontem. Giussani fala assim desta espécie de *upgrade* do humano, que permite passar do desejo, da esperança humana – envolta na incerteza e tão facilmente confundida com sonhos que costumam virar pesadelos – para a esperança cristã, que abarca em si toda a esperança humana, mas lhe abre um horizonte imprevisivelmente e infinitamente maior, sem limites, que podemos esperar com certeza. Ele dizia nesse texto: “Um acontecimento, um fato novo muda profundamente os termos do problema. Deus se inseriu pessoalmente nesta situação dramática do homem: inseriu-se através de Cristo. Primeiramente, Cristo revela a amplitude insuspeita do destino humano. [...] O significado da existência, revela Cristo, está no destino de um relacionamento pessoal e sobrenatural com Deus. [...] Em segundo lugar, Cristo nos oferece em si mesmo a possibilidade concreta de alcançar esse destino imprevisível e misterioso. [...] Eu me torno o seu caminho, Eu sou a garantia da solução, bem como o caminho para ela. *Gratia Dei*: a realização do homem é um dom, muito mais dom ainda do que a origem imprevista e imprevisível do próprio homem”.<sup>57</sup> Nós somos feitos assim: esperança, espera aberta para o infinito, e a presença de Cristo oferece-se como caminho, permitindo-nos alcançar a realização do desejo de que somos feitos.

Voltemos ao que Dom Giussani identifica com o momento mais alto e profundo da trajetória humana e poética de Leopardi, no comentário que fez em *É possível (mesmo?! ) viver assim?*: “Cristo veio para esclarecer esse jogo: ‘Tudo é sinal de mim. Tudo fala de mim’. Tudo o que é grande na vida do homem é profecia d’Ele. [...] Quando o homem pressente isso – como Leopardi o pressentiu no ápice da sua trajetória humana, no hino “À sua dama” –, imediatamente submete sua alma a esperar essa outra coisa: mesmo diante do que pode pegar, espera outra coisa; ele pega o que pode pegar, mas espera outra coisa. A esperança não está no que você pode pegar, mas em outra coisa.

<sup>56</sup>Bento XVI, *Homilia na Vigília Pascal*, 15 de abril de 2006.

<sup>57</sup>L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

Outra coisa... [...] A esperança que Cristo desperta e alimenta, portanto, é a esperança humana, da qual é subtraída, por graça, a ilusão que provém de todas as coisas; não porque as coisas sejam negativas em si, mas porque a positividade delas é remeter a uma outra coisa, senão se tornam ídolo. A esperança cristã é a esperança do desejo humano, mas carrega em seu conteúdo um mundo diferente”.<sup>58</sup>

Então quem vive o encontro com Cristo não “superou” a esperança humana, que permanece sendo “situação corajosa de espera por um bem futuro, árduo e difícil aos olhos do presente”,<sup>59</sup> diz Giussani naquele texto. Quem vive o encontro com Cristo descobriu que o bem futuro, que ainda assim permanece Mistério – porque não podemos defini-lo de nenhum modo –, tem um rosto presente, que é o próprio Cristo.

A descoberta das coisas usuais como sinal de Cristo torna-as eternas, para sempre. Quando alguém dá uma rosa de presente por amor, com o tempo ela murcha e morre, mas o significado que carrega como sinal – o amor de quem a deu – permanece para sempre e torna-a partícipe, de alguma forma, mesmo depois de murcha, do significado perene do qual foi meio. Para o apaixonado, aquela rosa não deixa de ser rosa, mas assume um significado incomparavelmente maior; pode ser que a moça a conserve, deixando-a secar e emoldurando; não o faria com qualquer flor, só o faz porque *essa* flor se tornou sinal, remetendo a um significado.

Nós vivemos disso. Na história religiosa da humanidade, é o que o homem religioso chama de uma realidade *sagrada*. Se numa determinada gruta ou numa determinada pedra o Mistério se manifestou (pensem numa aparição de Nossa Senhora ou na sarça ardente), essa pedra permanece pedra, mas nunca mais será uma pedra como as demais, pois resta para sempre o fato de ter sido instrumento do Eterno, do Mistério, do Infinito, e seu valor torna-se abissal e perene, *sagrado*. Nós padres o sabemos muito bem, porque costumamos encontrar na igreja estatuetas ou santinhos deixados ali por alguém que precisava livrar-se deles e não se sentia bem em jogá-los no lixo, por serem imagens sagradas.

<sup>58</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 337-338.

<sup>59</sup> L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

“O padre que cuide disso...”, como que dizendo: o padre, sendo consagrado, pode decidir. Aquilo que “carrega” o significado da realidade sai da vulgaridade das coisas normais, bebe do eterno para sempre. Isto não é mera superstição, mas mostra como nós somos feitos para reconhecer todas as coisas como sinal d’Aquele que as fez.

Pensemos no olhar que alguém pode ter para os outros, para a criação, para o mundo, quando vê e reconhece *todas as coisas e todas as pessoas* em seu brotar do Mistério que é seu significado e portanto as torna *sagradas*. Já não há a separação entre o *sagrado* e o *profano*, afinal, como tudo é relação com Cristo, tudo de algum modo se torna *sagrado*. Na perspectiva do Eterno, que se comunica a nós em Jesus, compreende-se então que até as coisas que percebemos como grandes contradições à esperança (o pecado, a dor e a morte) são atravessadas pela consciência de que só n’Ele encontram um significado, que talvez ainda não saibamos, que não conhecemos. Então quase poderíamos dizer que se tornam sagradas, no sentido de que remetem a Ele, como exigência de sentido e de perdão, e neste sentido são vencidas n’Ele, como toda a liturgia deste tempo pascal anuncia cheia de júbilo. Uma vez que Jesus ressuscitou, tudo é levado para dentro dessa definitividade; até a morte está vencida, já agora e para sempre.

### ***b. A presença d’Ele reconhecida na fé transfigura presente e futuro***

Este presente em que Ele está, como Presença ao redor da qual tudo se ordena num sentido novo e sagrado, torna-nos então certos a respeito do amanhã. Eis a diferença entre o olhar para o futuro do homem que tem essa estrutura de desejo mas não encontrou Cristo e o olhar de quem recebeu a *grande graça*. Diz Dom Giussani: “Que faz a vida cristã? Faz você viver o presente com tal atenção a todas as coisas do presente que, prestando atenção também ao mar que está à sua frente, você vê no horizonte um pontinho; e não é um navio que está indo embora, é um navio que se aproxima. É o destino que está chegando até você; e é um grande dia aquele no qual você se dá conta do pontinho que é o destino que está chegando, é como para Cristóvão Colombo: foi um grande dia aquele no qual começou a vislumbrar uma pequena porção de terra”.<sup>60</sup> Por isso a espera do futuro não tem

<sup>60</sup>L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 155.

incerteza: mesmo que você ainda não o conheça, sabe que o destino é certo e bom, porque está nas mãos de Quem te ama.

### 3. A presença d'Ele centuplica nossas tentativas

Voltemos à síntese de *É possível (mesmo?!) viver assim?*, que continua assim: “*Terceiro*. Ele, portanto, deve passar a determinar todas as tentativas nas quais a esperança humana – a esperança é o motor! – busca a experiência suprema, última, que torna cem vezes mais exaltantes as antecipações dela, que são as experiências humanas corriqueiras. Uma capacidade de familiaridade ou de amorosidade com Cristo, um incremento do valor do trabalho, uma exaltação do afeto, um protagonismo histórico como criação do povo de Deus: essas são as consequências”.<sup>61</sup>

Por isso você pode estar atento a todas as coisas do presente e disponível ao que vem do Mistério; independentemente da forma que tenha, no fundo você sabe que é o bem para você. Ele possui a história, e nós também possuímos o presente numa posse já dada. A tônica está neste partícipio: dada. Cristo me permite possuir o presente porque Ele está no presente, e assim, ao receber o conteúdo do presente como Seu dom, eu o possuo de verdade (tudo se torna sagrado) e fico certo a respeito do amanhã, qualquer que seja ele.

Jesus promete aos apóstolos que eles possuirão a realidade presente e futura em plenitude como Ele, mais ainda, que farão coisas maiores do que Ele, quando tiverem recebido o Espírito Santo, como afirma o capítulo 14 do Evangelho de João: “Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim fará as obras que eu faço, e fará ainda maiores [entendem? fará ainda maiores!] do que estas, pois eu vou para o Pai. E o que pedirdes em meu nome, eu o farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes algo em meu nome, eu o farei”.<sup>62</sup>

Na certeza d'Ele, viramos protagonistas de uma novidade que entra em tudo, mas a nossa esperança é sempre e somente Ele. Em *É possível viver assim?*, Dom Giussani cita o episódio dos apóstolos no capítulo 6 do Evangelho de João, quando Jesus diz na sinagoga de Cafarnaum que terão de comer da Sua carne e beber do Seu sangue,

<sup>61</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 266.

<sup>62</sup> Jo 14,12-14.

e todos O abandonam julgando-O louco. Então pergunta aos Seus, que ficaram mesmo sem entender: “Vós também quereis ir embora?”. Pedro faz as vezes de porta-voz deles e responde: “Se formos para longe de ti, aonde iremos?”<sup>63</sup> Giussani comenta: “Em que se apoiava a esperança que Pedro, João, André tinham em Jesus? Para eles, Jesus era uma pessoa a quem diziam ‘tu’, era uma presença: [...] era aquele homem ao qual aceitavam pertencer que fundava a sua certeza no futuro”.<sup>64</sup> É a imponência mesma da Sua presença o que nos dá a certeza do futuro.

A este respeito, eu poderia contar algo da minha experiência, da minha ida ao Peru vinte e três anos atrás, ou da minha nomeação a bispo no ano passado. Em ambos os casos, foram escolhas enormes, que implicaram “queimar os navios” – para usar uma imagem apropriada, até porque foi o que Hernán Cortés fez quando chegou à América, como voto de não voltar atrás –, na medida em que se tratava de dizer sim a uma mudança total da vida – não era um projeto meu, pelo contrário: sinceramente, até um dia antes que me pedissem a disponibilidade para partir, eu nem pensava nisso – que acolhi e aceitei não porque soubesse o que ia acontecer, mas porque reconhecia que esse passo era e é dom proveniente de Jesus, e então eu podia apostar, arriscar. Você sabe a Quem se confia e a Quem confia seu futuro, que você desconhece e nem sequer pode imaginar, mas sabe que é a forma como Ele faz caminhar em direção a uma plenitude, em direção ao destino.

No dia antes de me proporem que fosse ao Peru – eu tinha acabado de ser nomeado pároco em Coverciano (um bairro famoso de Florença; aliás, quando o Arcebispo me disse: “Você vai ser pároco em Coverciano”, quase me envergonhei, porque a primeira coisa que pensei foi: “A paróquia fica a quinhentos metros do estádio!”) – eu achava que estava com a vida completa e até boa. Olhando depois para ela, quando já estava em Lima, que salto de qualidade na consciência de Cristo, e portanto na consciência de mim! E que graça por compreender cem vezes mais o carisma, ao qual eu já pertencia (encontrei o Movimento com dezesseis anos), mas do qual só via a ponta do *iceberg*! E que força de novidade e de intensidade de vida me daria na

---

<sup>63</sup> Cf. Jo 6.

<sup>64</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 156.

grande história do Movimento na América Latina, que no dia anterior não tinha quase nada a ver comigo, exceto que às vezes eu cantava “*Rossa sera, Belo Horizonte, i miei occhi mai t’han guardato...*”.<sup>65</sup> Eu sempre achava que jamais conseguiria morar num lugar de onde não desse para ver a cúpula da Catedral de Florença, de tanto que era e sou afeiçoado à minha cidade. Mas desde então foi a aventura que não parou de pôr em discussão e em movimento a minha fé.

O mesmo aconteceu no ano passado, quando eu já me sentia posto em discussão, mas também satisfeito de alguma forma com minha nova posição: eu era pároco em Florença, havia pouco deixara os vários cargos diocesanos que me tinham sido confiados nos anos anteriores (e que me pesavam um pouco, sinceramente), porque meu Arcebispo, o cardeal Betori, me deixara livre para a nova tarefa – que me fora confiada em agosto de 2022 – de responsável da região América Latina da nossa Fraternidade. Era mais um desafio enorme. Lembro-me de ter marcado um horário com o Davide porque, depois de uma viagem à Argentina, onde havia a possibilidade de um serviço eclesial muito concreto, eu achava que poderia ser útil ir morar lá. Aliás, na última conversa que tive com ele, meu Arcebispo me disse: “Se puder, continue pároco aqui...” Obviamente, eu entendi esse “se puder, continue” como um “se quiser, pode ir”.

Mas chegou o dia, a segunda-feira antes do Natal de 2022: vendo aparecer no celular um número de Roma, achei que fossem telefonemas de telemarketing e recusei a chamada duas vezes. Na terceira atendi, e era o núncio apostólico! Estava me procurando para me comunicar a nomeação como bispo de San Miniato. Um novo salto que aceitei, sabendo muito bem que se tratava de uma responsabilidade que me dava medo, devido à minha maldade e pequenez objetiva. Mas como poderia ter dito não? Mesmo sendo um “*bischerò* qualquer” (para quem não sabe dialeto florentino, significa um “pateta qualquer”), eu confiei. Por outro lado, o núncio me perguntou: “O que você vai responder ao Papa?” E eu lá podia dizer não ao Papa? E mais uma vez confiei n’Ele. Mas o *upgrade* neste caso não consistiu simplesmente no dom do sacramento, totalmente graça Sua, mas expan-

<sup>65</sup>“Tarde vermelha, Belo Horizonte, os meus olhos nunca te viram...” (R. Ronza, “Rossa sera”, in *Canti*, op. cit., p. 266).

de-se na provocação – que desde então vivo todo dia – à consciência que tenho de Cristo, na identificação com Ele, à qual sou chamado sem possibilidade de mal-entendidos.

Aliás, minha relação com a América Latina continuou – isto também era inimaginável para mim – depois da nomeação para bispo. Na hora eu tinha dado por óbvio que meu compromisso com a América Latina ia acabar, mas na conversa já programada com o Davide, que evidentemente ganhou outros contornos, ele me disse: “Por que não pode continuar?” Eu quis evitar problemas e respondi: “Preciso perguntar ao núncio apostólico, ao meu bispo e ao presidente da CEI, o Cardeal Zuppi”. Inesperadamente os três – eu ainda nem tinha sido consagrado bispo – me disseram que continuasse. Então aceitei, porque fiz a experiência de que a disponibilidade é para o cêntuplo, que depois se traduziu – já que eu não podia ir com frequência para a América Latina – numa condução comunal junto com o Fernando da Argentina, a Stefania do Equador, o Oliverio do México e outros. Começou uma forma nova de guiar a experiência do Movimento graças ao aumento da responsabilidade deles. Uma condução comunal que, por exemplo, se expressou na Assembleia ocorrida em março no Brasil, com todos os responsáveis da América Latina, que foi uma coisa espetacular. Este passo maravilhoso não aconteceu devido a um projeto ideológico, mas obedecendo às condições dadas. Como quer que seja, é a experiência de uma vida inteira (uma grande graça) confirmando que, ao dizer sim a Jesus, que possui a história, a promessa se cumpre e o destino fica cada vez mais perto, vem ao nosso encontro.

#### 4. “Só Ele é”

Continua Dom Giussani: “*Quarto*. O erro permanece, mas na forma de dor, não de objeção [e cita a famosa frase de *Miguel Mañara*]: ‘Nada disso jamais existiu: só Ele é’. Realmente, o pensamento, o coração... toda a nossa capacidade de relacionamento, quase insensivelmente, centra-se em Cristo”. Não é, por assim dizer, uma desculpa barata. “Só Ele é”<sup>66</sup> significa que já nem o pecado é uma objeção. De fato, diz Giussani: “‘Só Ele é’ Isso não apenas não é a exclusão de meu pai e de minha mãe, mas é assumir meu pai e minha mãe, na

<sup>66</sup> Cf. O.V. Milosz, *Miguel Mañara*, São Paulo: Gruber, 2018, p. 88.

exaltação de Cristo; meu pai e minha mãe entram com Ele, na sua figura; a pessoa mais amada entra na sua figura, no coração, no centro da sua figura”,<sup>67</sup> isto é, torna-se sinal, caminho. Tudo podemos encontrar na unicidade da Sua presença totalizante.

Dom Giussani não nos esconde que essa esperança vivida é um caminho para possuímos um bem árduo. E esse “Só Ele é” de *Miguel Mañara* não consiste em passar por cima do nosso mal sem julgarmos, um mal nosso que se opõe a Cristo (aliás, lembram-se de Miguel Mañara, tão fechado no remorso pelo mal que cometera, na consciência de sua maldade intrínseca, que nem conseguia sentir-se perdoado? Ele ouve essas palavras porque não consegue sair da angústia pelo mal cometido), mas a promessa de que a dor e o arrependimento pelo pecado nos introduzem na gratidão, levando-nos então a descobrir que Cristo é tudo, e tudo podemos encontrar na unicidade da Sua presença totalizante.

O pecado permanece e dói, mas também se torna súplica à Sua misericórdia infinita. Isso, lembra-nos Dom Giussani, implica ser paciente. “Por vossa perseverança salvareis a vossa vida”, diz Jesus no Evangelho de Lucas.<sup>68</sup> E Giussani descreve assim a paciência: “A paciência é a capacidade de carregar tudo com a coragem razoável de não negar nada, de não esquecer nada e – atenção! – de não recusar nada”.<sup>69</sup> E é a paciência de permanecer no caminho que Cristo nos dá, na companhia que O torna presente para nós: “Permanecei em mim”.<sup>70</sup> A paciência consiste neste estar apegado a Ele, voltar a Ele depois do erro, pedir-Lhe o perdão e pôr-se em caminho seguindo-O. Por isso, como é importante estarmos apegados aos sinais da Sua presença que nos transforma, a esta companhia, aos Sacramentos, à confissão frequente (na qual recebemos Seu perdão), à Missa e à Eucaristia (na qual nos doa Sua própria pessoa).

“Permanecei em mim.” Continuam existindo a dificuldade, o pecado, a traição, mas perdem sua capacidade de diminuir-nos, de derubar-nos, de afastar-nos de Cristo. Ainda caímos, ainda nos afastamos, ainda nos iludimos achando que o que nós imaginamos, o que

<sup>67</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., pp. 266-267.

<sup>68</sup> Lc 21,19.

<sup>69</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 170.

<sup>70</sup> Jo 15,4.

nós achamos, o que nós pensamos realiza o desejo do coração. O pecado continua sendo pecado, mas para olharmos de novo para Ele, para suplicarmos a Ele, para voltarmos a Ele. A esperança tem um segredo, e é o segredo do Pai, da Sua misericórdia, o Seu perdão que nos faz renascer. Ouçam as belíssimas palavras com que Péguy o diz: “Por isso interrogamos: mas por quê? / Por que é que essa fonte da Esperança corre eternamente? / Que fonte é essa, eterna, que corre eternamente? [...] / Deve haver um segredo nisso, um mistério. [...] / ‘Ó gente boa’, diz Deus, ‘nada de mal existe.’ / O seu mistério não tem nada de estranho. / E o seu segredo é simples. [...] / É com as águas más que ela cria nascentes de água pura. / E é por isso que ela nunca faltará. E é também por isso que ela é a Esperança. [...] / Água nova da água usada. / Nascentes da água parada. / Almas frescas de almas envelhecidas. [...] / Como conseguiu ela, como é que ela trabalhou. / Isso, meus filhos, é o meu segredo. / Porque Eu sou o seu Pai”.<sup>71</sup>

Dom Giussani comenta esse texto assim: “Voltar a esperar depois de um erro nosso é um gesto tão grandioso, que o poeta Péguy o define como ‘o mistério secreto da esperança’, porque perdoar o mal é mesmo mistério. ‘O mistério secreto da esperança que com águas ruins faz água pura e com velhas almas faz almas novas’: é o renascer. O Batismo é o princípio desse renascer, princípio que opera por 100 anos se uma pessoa vive 100 anos, por 103 se vive 103 anos, que opera 1299 vezes se a pessoa cometeu 1299 pecados e que opera 10.003 vezes se cometeu 10.003 pecados”.<sup>72</sup> A Sua misericórdia, a grande graça.

## 5. A casa da esperança

Mas essa misericórdia, essa água purificada, esse renascimento da esperança tem um lugar, uma casa, uma companhia viva, onde floresce, como canta Claudio Chieffo na *Canzone del melograno*.<sup>73</sup>

Dom Giussani descreve-a com estas palavras: “*Quinto*. O lugar desse acontecimento é uma companhia eclesial; eclesial significa pessoas que se unem por isso: por Cristo. A nossa companhia é pura e simplesmente amizade. A nossa companhia é pura e simplesmente amizade e,

<sup>71</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 142-144.

<sup>72</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 173.

<sup>73</sup> C. Chieffo, “Canzone del melograno”, in P. Scaglione, *La mia voce e le Tue parole*, Milão: Ares, 2006, p. 268.

fazendo votos de que nos tornemos cada vez mais amigos, vamos jantar!”<sup>74</sup> Assim ele concluiu a síntese de *É possível (mesmo?!) viver assim?*, mas nós ainda precisamos dizer algumas coisas antes de ir comer.

A Igreja é esse lugar, a casa onde a esperança se reanima incessantemente, o lugar feito por Jesus para levantar-nos o tempo todo no árduo caminho até o destino, o lugar onde somos olhados com o olhar de Deus, que *nos contempla* antes mesmo que existamos. É o lugar onde Ele nos ama em nossa fraqueza e onde somos levantados pela graça dos sacramentos e da companhia diária da “nuvem de testemunhas”<sup>75</sup> com que Ele nos rodeia. Na Igreja, na nossa companhia, feita da nossa humanidade pobre e pecadora por graça Sua, está a Presença de Deus, que nos redime do mal e da morte.

Por isso temos de olhar para nossa amizade como algo *sagrado*, do qual Cristo quer servir-se a fim de mostrar a todos o Seu rosto. Assim a enxerga o Papa, que na carta de 30 de janeiro nos escreveu: “Sou grato ao Senhor pela vitalidade que o Movimento demonstra constantemente em sua obra de evangelização e de caridade para com os homens e as mulheres de hoje”. E também nos disse que essa vitalidade precisa da nossa unidade, que chamou de “guardiã da fecundidade do carisma”.<sup>76</sup> A unidade é um dom, porque Outro nos tornou uma coisa só. Ele nos fez “um”. Em *Por que a Igreja*,<sup>77</sup> Dom Giussani retoma três textos de São Paulo que me permito citar: “Com efeito, vós todos sois filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus. Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus. Sendo de Cristo, sois então descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa”.<sup>78</sup> Quantas vezes Dom Giussani não reforçou justamente isto: “Todos vós sois um só”, ou seja, uma coisa só, uma pessoa só, “em Cristo Jesus”. “Aí não se faz distinção entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, porque agora o que conta é Cristo, que é tudo e está em todos.”<sup>79</sup> “De

<sup>74</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 267.

<sup>75</sup> Cf. M-G. Lepori, *Olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2023, pp. 28-29.

<sup>76</sup> Francisco, “Carta a Davide Prosperi”, 30 de janeiro de 2024, *Passos*, n. 266, mar./abr. 2024, p. 5.

<sup>77</sup> Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 98-99.

<sup>78</sup> Gal 3,26-29.

<sup>79</sup> Col 3,11.

fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito.”<sup>80</sup>

A nossa unidade, na grande unidade da Igreja, é o caminho, é como o leito do rio que leva ao destino, à foz, a Cristo, Àquele que cumpre a espera e a esperança. O jorro de vida nova que mediante Dom Giussani nos alcançou e nos gera continuamente, por pura graça do Senhor, é este lugar concreto, esta *casa da esperança*. Na Igreja, no Movimento, há as casas, os lares: as casas dos *Memores Domini*, as casas das nossas famílias, as casas que são os nossos grupos de Fraternidade, chamados a ser reflexo da única Igreja, em sentido sacramental: como toda hóstia consagrada traz o mesmo Jesus, assim estamos juntos para reconhecermos entre nós a Sua presença e para nos ajudarmos a segui-la, a permanecermos apegados à fonte, a correremos no leito desta unidade concedida, mas também buscada e perdida.

Em *Por que a Igreja*, Dom Giussani fala assim da articulação entre Igreja universal e comunidade concreta na qual se encontra e vive a fé: “Sendo assim, o modo para aprender o que é a Igreja total é [...] ir até o fundo na experiência eclesial que uma pessoa encontrou, contanto que tal experiência tenha os caracteres da verdadeira eclesialidade. Por isso, a obediência à Igreja total, a dependência dela, o articular-se a ela e o reconhecer-se em outros fatores presentes no âmbito da vida cristã são aspectos que definem a validade do reunir-se. Do contrário, o motivo pelo qual se atribui valor ao próprio reunir-se não é o mistério de Jesus Cristo que se comunica à história e ao mundo, mas algo que reduziu o seu alcance. De outro lado, a Igreja total pode manifestar-se historicamente somente num emergir provisório, num determinado lugar, num certo âmbito. Como Jesus Cristo pode ser comunicado em um ambiente senão através de um grupo de cristãos conscientes de pertencer autenticamente à mesma Igreja? Sem eles, é como se a Igreja total, naquele ambiente, não existisse: a Igreja local tem valor enquanto nela emerge a Igreja total, a qual sem ela não viveria a concretude histórica”.<sup>81</sup>

Nesta articulação, o que predomina como atitude concreta em cada um que faz parte dela é o amor à unidade, e este se alimenta do segui-

---

<sup>80</sup> 1Cor 12,13.

<sup>81</sup> L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 141.

mento: a obediência aos pastores, diz o Papa, e a colaboração “com disponibilidade e lealdade com quem é chamado a guiar o Movimento. Apenas essa obediência, continuamente redescoberta e alimentada, poderá garantir entre vós uma experiência cada vez mais rica de vida cristã e a renovação da vossa presença no mundo, para o bem de toda a Igreja”.<sup>82</sup>

Dom Giussani conta que o Movimento teve início no momento em que se desencadeou a unidade com aqueles garotos que ele encontrou na Via Lamarmora saindo da escola, e que ele se pôs a seguir: não eles, mas a unidade com eles, Aquele que nela se manifestava. “O Movimento tinha sido e era o ponto de origem de tudo, porque exigia o meu pertencer. Ou seja, iniciando o Movimento, o primeiro implicado era eu. Por isso, quando encarei os três primeiros rapazes na rua depois da primeira aula na escola, depois do primeiro dia de aula no Liceu Berchet, fui para casa todo preocupado comigo mesmo: com que responsabilidade, com que autoconsciência, com que implicação de mim mesmo eu tinha de responder e corresponder ao que começava a intuir falando com eles! Entendia que não podia revê-los no dia seguinte sem tomar posição diante desta dilatação da questão: eu pertencia àqueles três rapazes; pertencia não a eles, mas à unidade com eles. Tinha acontecido alguma coisa.”<sup>83</sup>

O seguimento, na súplica mendicante a Cristo – o seguimento é próprio dos mendicantes, como dissemos ontem à noite, é próprio de quem não tem nada que pretender, nada que defender –, é um caminho. Isto nos deixa cheios da *ousadia ingênua* que faz de nós testemunhas; faz com que sejamos fortes no testemunho e ao mesmo tempo sem pretensão, capazes de acolher qualquer indício de verdade em cada pessoa que encontramos, para que Ele, Jesus, seja conhecido e amado e possa salvar-nos a nós e ao mundo. Péguy diria ainda que somos chamados a “alimentar... com a nossa carne e o nosso sangue, o nosso coração, as Palavras carnis, as Palavras eternas, temporalmente, carnalmente pronunciadas [...] Manter vivas no tempo essas palavras pronunciadas vivas no tempo”.<sup>84</sup>

<sup>82</sup> Francisco, “Carta a Davide Proserpi”, op. cit., p. 5.

<sup>83</sup> L. Giussani, “Pertencer à morada como movimento rumo à unidade da vida”, *Litterae Communionis*, jan./fev. 1997, p. 27. Trata-se de um texto muito interessante em que Dom Giussani conta como o Movimento veio à tona nele.

<sup>84</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., p. 82.

## “És a fonte viva da esperança”: Maria e a Igreja

Gostaria de concluir insistindo na analogia – enfatizada por toda a Tradição – entre a Igreja (e a nossa companhia) e Nossa Senhora. Faço-o em primeiro lugar com o que Péguy afirma a respeito da Virgem Maria. Numa entrevista concedida ao nosso amigo Rafael Gerez, no EncuentroMadrid de 2021, Fabrice Hadjadj deu uma chave interpretativa: “Do ponto de vista teológico, a esperança decerto é a virtude que nasce quando fé e caridade se articulam, quando o céu e a terra, o pecador e o santo, a carne e a pureza se articulam. Por isso, por trás de toda e qualquer reflexão a respeito da esperança, Péguy tece uma meditação incrível sobre a Virgem Maria, carnal e pura. Com efeito, aqui está a dificuldade. É muito fácil estar somente no céu ou somente na terra. O difícil mesmo é estar em ambos os polos; e voltar-se para o céu sem fugir da terra, senão ficaríamos com uma religião que vira o ópio do povo. Mas tampouco estar somente na terra, de modo que, por exemplo, em nome da realização de uma justiça simplesmente humana, se chegue a destruir tudo, a arrancar tudo, o trigo bom e o joio; é necessário deixar espaço para o juízo final”.<sup>85</sup>

Mas vejam o que Péguy escreveu: “A todas as criaturas falta sempre alguma coisa. [...] / Às que são carnisais, sabemos, falta-lhes o serem puras. / Mas às que são puras, é preciso que se saiba, falta-lhes o serem carnisais. / E a ela, ao contrário, não lhe falta nada. / Exceto não ser realmente o próprio Deus. [...] / (Mas isto está na ordem das coisas.) / Porque, sendo carnal, ela é pura. / Mas, sendo pura, é também carnal”.<sup>86</sup>

Péguy vê nessa unidade paradoxal a tarefa de Maria como “segurança da nossa esperança”. Agora, se vale a analogia Maria-Igreja, também na Igreja e na nossa companhia dá-se a coexistência paradoxal entre pureza e carnalidade. Como a terracota de Luca della Robbia da *Visitação de Maria a Isabel*, modelada em 1445; a primeira estátua de vulto de terracota envidraçada que se conheça. A senhora idosa lança-se aos joelhos de Maria, que é tão jovem, quase uma menina, porque é cheia de graça, a graça que já a preenche; a presença de Cris-

<sup>85</sup> Fabrice Hadjadj. *Una vida en clave de esperanza. Diálogo con Rafael Gerez Kraemer*, organizado por Carmen Giussani, Madri: Bookman, 2021, p. 65.

<sup>86</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., p. 69.

to mostra-se nessa juventude infantil e madura, cheia de consciência do Mistério e toda bela: é ela a esperança menina. Cheia de graça: é realmente uma imagem daquilo que a Igreja é, daquilo que somos nós, o nosso Movimento. Giussani rezou assim, na breve mensagem memorável (uma das últimas) por ocasião da Peregrinação a Lourdes nos cinquenta anos do Movimento:

“‘Ó Nossa Senhora, tu és a segurança da nossa esperança!’ Esta é a frase mais importante para toda a história da Igreja; nela se esgota todo o cristianismo. ‘Tu és a segurança da nossa esperança’ indica o florescer das coisas. Sem Nossa Senhora nós não poderíamos ter segurança sobre o futuro, pois a segurança sobre o futuro nos vem de Cristo: o Mistério de Deus que se faz homem. [...] Assim, para nós, a oração a Cristo identifica-se sempre mais com a oração a Maria”.<sup>87</sup>

Encerro com a saudação que Dom Giussani fez aos participantes do Meeting de Rímini em 2002 – naqueles seus últimos anos, quando falava de Maria em todas as ocasiões<sup>88</sup> –: “És fonte viva de esperança: a esperança é a única estação em que o grande trem do eterno para por um instante. És fonte viva de esperança. Sem esperança, de fato, não há possibilidade de vida. [...] Que essa fonte viva de esperança venha a ser todas as manhãs, todas as manhãs o sentido imediato da vida mais mordaz e mais tenaz que possa existir. Somos amigos por isso. Continuamos a ser amigos; como continuamos a ser amigos? [...] És fonte viva de esperança. Faço votos de que venhamos a ser companheiros, a nos sentir amigos até o fundo do coração, mesmo que não nos conheçamos diretamente. Nós nos conhecemos indiretamente, mas mais ainda do que se nos conhecêssemos diretamente. Fonte viva, Virgem Mãe, termo prefixado de eterno desígnio. Que

<sup>87</sup> L. Giussani, “Peregrinação a Loreto, 16 de outubro de 2004. No quinquagésimo aniversário de Comunhão e Libertação”, *Passos*, n. 57, dez./jan. 2005, p. 19.

<sup>88</sup> Lembre-se que na nova edição de 2003 de *Por que a Igreja*, ele quis acrescentar um capítulo conclusivo sobre Maria, origem e modelo da Igreja e da nossa companhia. Aí lemos o seguinte: “Nossa Senhora nos introduz no Mistério, isto é, no sentido dos nossos dias, no significado do tempo que passa; o seu olhar nos guia pelo caminho, o seu exemplo nos educa, a sua figura constitui o desígnio do nosso propósito. Mãe generosa, ela gera para nós a grande Presença de Cristo. Somos consolados, perdoados, confortados, alimentados, enriquecidos, alegrados por aquela Presença que renasce da carne de Nossa Senhora. Por isso, todos os dias pedimos a ela que nos faça participar da sua liberdade, da sua disponibilidade, da sua vida” (L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 358).

coisa! Dizê-lo depois de setenta anos é realmente impressionante. É evidente que nada existe de seguro no mundo a não ser nisto. Até logo e desculpem-me a impertinência”.<sup>89</sup> A minha também!

*Regina caeli*

---

<sup>89</sup>L. Giussani, “Fonte viva”, *Passos-Litterae Communionis*, n. 32, set. 2002, pp. 2-3.

# *Sábado, 13 de abril, tarde*

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para piano em dó menor n. 24, K 491 Piano, Clara Haskil

Orchestre des Concerts Lamoureux – Igor Markevitch “Spirto Gentil” n. 32, (Philips) Universal

## ■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

**Giovanni Paccosi**

### *A letícia do pobre*

Hoje à tarde também vamos retomar o texto “Da esperança à plenitude da alegria”, de Dom Giussani, que citamos várias vezes esta manhã. O ponto conclusivo intitula-se “O sublime no dia a dia”.

“Há dois fatores precisos de experiência que qualquer um que participe da comunidade da Igreja experimenta ao vivenciar sua liturgia: a *segurança* e a *operatividade*. Uma segurança profundamente humilde, porque seu fundamento não está em mim, mas em Alguém para quem tudo é possível. *‘In spem contra spem. Spes autem non confundit’* [Esperando contra toda esperança. A esperança não decepciona]. Uma operatividade que não se reduz a tempos determinados e não se identifica apenas com empreendimentos específicos, mas que abrange cada momento e redime na utilidade de uma nobre tarefa todo e qualquer gesto, por menor que seja. Uma operatividade que realiza o sublime na aparente banalidade da vida mais mesquinha.” Nesta altura há uma frase maravilhosa: “Será que o sublime não pode ser cotidiano, tal como o vinho e a água?”<sup>90</sup>

Que perspectiva entusiasmante! Isto nos leva de volta a tudo o que meditamos de manhã, à certeza que se projeta no futuro em virtude mesmo desta familiaridade com o *sublime*, com o Mistério feito presença que abarca as coisas ordinárias e as transforma em sinal do próprio sublime, dando-lhes um valor *sagrado*. Dom Giussani conclui

<sup>90</sup>L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

o artigo chamando a atenção para a necessidade da educação para a esperança: “Nesta terra não se pertence a Cristo senão na esperança. Por isso é na educação para a esperança que se penetra na experiência da redenção”.<sup>91</sup> E como é que nos educamos para a esperança?

Antes de avançarmos na resposta, vou abrir um pequeno parêntese. Quando mencionei o tema desta tarde, alguém me lembrou que, no livro *L'attrattiva Gesù*, Dom Giussani nos convida a levar em conta duas coisas.<sup>92</sup> Por um lado o maravilhamento, devido à atratividade da realidade e das coisas, que põe em marcha o nosso desejo. Por outro, o sacrifício necessário para educarmos nossa esperança. Sacrifício no sentido que dissemos esta manhã, para tornar *sagradas* todas as coisas, reconhecidas como sinal do que atrai mais que as coisas mesmas. De manhã eu disse: pensem que olhar pode ter alguém que vê todas as coisas, todas as relações, todas as pessoas como sagradas, porque reconhecidas como o lugar onde o Mistério se manifesta.

Portanto, como é que se educa à esperança? Retomando *É possível viver assim?* para descobrir como a experiência da redenção pode tornar-se consciência do instante, familiar como o pão e o vinho.

O sentimento que nasce no homem que vive na esperança é a *confiança*, mas – afirma Dom Giussani – há um ponto de passagem, um obstáculo que superar, para viver nessa familiaridade presente cheia de confiança pelo futuro. “Da esperança à confiança o obstáculo que pode nascer é atribuir a certeza no futuro a certas coisas que já possuímos, por exemplo, o dinheiro, os cabelos, os óculos de ouro, as amizades, a proteção dos poderosos, o saber cantar, os músculos... segundo todas as versões e todas as imagens. Que poderia impedir a confiança? [...] Algo que nós possuímos, no qual depositamos, justamente, a confiança, algo que já possuímos. Então se trata de não possuir, pelo menos de não possuir daquela maneira, e a virtude que trata do não possuir é a virtude da pobreza.”<sup>93</sup>

Será possível que Dom Giussani, para abordar um tema tão fundamental e controverso como a *pobreza*, cite como obstáculos para viver a confiança fatos tão mínimos, quase poderíamos dizer irrisó-

<sup>91</sup> Ibidem.

<sup>92</sup> Cf. L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Milão: Bur, 1999, pp. 34-37.

<sup>93</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., pp. 211-212.

rios? Será que o apego ao cabelo, aos óculos de ouro, ao saber cantar e aos músculos pode obstaculizar a *esperança* e o sentimento vital que deriva dela, a *confiança*? Mas são estes mesmos os exemplos que ele dá. São os bens, aparentemente irrisórios, de que é feito o nosso dia a dia. Quase dá medo pensar na quantidade de coisas a que podemos apegar-nos, em como podemos depositar nossa segurança na posse de determinados bens presentes a fim de conseguirmos olhar para o futuro, e não na certeza d'Ele presente. Pôr a nossa certeza em “certa” posse presente é uma objeção à esperança: “*Certa* quer dizer fixada por nós, prevista por nós, escolhida entre o que nos é cômodo, escolhida entre o que mais nos persuade, escolhida entre o que mais nos dá riqueza e, portanto, segurança econômica”.<sup>94</sup> A esperança como certeza a respeito do futuro vem da posse de Cristo, agora. A fé me faz reconhecer Cristo presente agora, e por isso tenho certeza quanto ao futuro, Contudo, depositar a certeza em certa posse, na posse de certa coisa, este é o obstáculo. Temos isto ou aquilo, e então temos certeza. E para o futuro, igualmente, queremos isto ou aquilo e a esperança se reduz a tudo isso. Aqui estamos diante de uma alternativa em que não há um *et et* (como dizendo: “Eu posso esperar em Cristo e esperar também no bem-estar econômico”, “Eu posso esperar em Cristo e esperar também no sucesso”), mas um *aut aut*. Lembremo-nos de Jesus, quando fala da alternativa entre servir a Deus ou ao dinheiro.<sup>95</sup> Até porque, acrescenta Dom Giussani, qualquer coisa que não seja a fé, à qual você entrega sua certeza, não dura, o tempo leva embora.

Queria fazer uma observação, que se refere a como podemos reduzir desta forma arbitrária até o nosso pertencer à Igreja e ao carisma. De fato, podemos confiar nossa certeza a respeito do futuro a uma imagem da nossa companhia definida por nós, a uma interpretação nossa do que encontramos e não à presença objetiva de Cristo, na história concreta do carisma tal como nos alcança agora, do caminho real que a Igreja nos confirma ser a presença segura de Cristo. Assim podemos julgar inclusive esta história baseados “nos cabelos, nos óculos de ouro, no saber cantar” ou no fato de sentir

<sup>94</sup> Ibidem, p. 212.

<sup>95</sup> Cf. Lc 16,13.

ou não sentir certas coisas, de sentir ou não sentir uma simpatia instintiva. Em vez da posse de algo que o tempo todo nos é dado, que recebemos, que não está à nossa mercê, confiamos nossa certeza a algo que nós agarramos e dominamos, uma “certa coisa”, tal como nós a queremos. A condição para sairmos da chantagem dessas reduções da fé e da esperança é a pobreza.

A partir dessa abordagem *de fora*, considerando a pobreza como condição para não ficarmos reduzidos à medida das coisas a que nos confiamos, Giussani passa a delinear o fundamento do valor da pobreza: “Em que a pobreza fundamenta o seu valor? Na certeza de que é Deus que cumpre; Cristo cumpre o desejo que faz nascer em você: ‘Aquele que começou em vós essa boa obra há de levá-la à perfeição até o dia de Cristo Jesus’”.<sup>96</sup>

A certeza de que ele há de cumprir a promessa torna-nos, pois, livres das coisas. Digamos então de uma vez qual é o fruto imediato da pobreza: a *liberdade*.

“Você não é escravo de nada, não está ligado a nada, não é acorrentado a nada, não depende de nada: você é livre. [...] Você não é escravo daquilo que usa, pois é escravo somente d’Aquele que lhe dá a certeza da sua felicidade.”<sup>97</sup>

Ontem à noite o Davide mencionou o episódio do jovem rico, não? Nós também estamos um pouco no drama de ter que decidir ao que nosso coração está apegado de verdade. No entanto, o que nos liberta é justamente reconhecer que somente Cristo é a fonte desta certeza. Mas como nos custa esta pobreza! E como tentamos sempre exorcizá-la, relativizando-a e deixando que o apego às coisas nos escravize, de modo que acabamos perdendo o melhor – como sempre acontece quando deixamos entrar uma distância em relação ao que nos é proposto, ainda que mínima, ainda que de um milímetro.

No livro do mês de fevereiro sugerido pelo Movimento, que foi a biografia de São Francisco tão originalmente escrita por Chesterton,<sup>98</sup> ele descreve a pobreza de Francisco com expressões paradoxais – como sempre faz –, mas muito eficazes.

<sup>96</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 214.

<sup>97</sup> *Ibidem*.

<sup>98</sup> G.K. Chesterton, *São Francisco de Assis*, São Paulo: Petra, 2021.

Ele introduz a descrição com a definição que Francisco deu de si mesmo como um “*jogral de Deus*”.<sup>99</sup> E diz que a inversão da perspectiva, com que a certa altura Francisco passou a enxergar o mundo, poderia comparar-se a como o vê um saltimbanco que anda com as mãos. “Às vezes podemos ver uma cena, como uma paisagem, por exemplo – diz Chesterton –, com mais clareza e frescor de cabeça para baixo.”<sup>100</sup> E a inversão misteriosa, que ocorreu na vida de Francisco ao abraçar a pobreza como esposa, pode realmente ser descrita com esta imagem do mundo visto de ponta-cabeça. Vejamos o que quer dizer, porque pode ser que a imagem do saltimbanco nos deixe meio perplexos: “Se um homem viu o mundo de cabeça para baixo, com todas as árvores e torre pendendo invertidas como no reflexo de uma poça, um dos efeitos desse tipo de visão seria enfatizar a ideia de *dependência*. Há uma relação com o latim e uma relação literal; porque a própria palavra “dependência” significa somente “pende”. [...] Mas o essencial é: enquanto para o olho normal a imensa alvenaria de suas muralhas ou as maciças fundações de suas torres de vigia e de sua elevada cidadela a fariam parecer mais segura e mais permanente, no momento em que ela foi virada de cabeça para baixo, esse mesmo peso a faria parecer mais vulnerável e mais em perigo. [...] Em vez de simplesmente sentir orgulho de sua forte cidade porque ela não podia ser tirada do lugar, ele se sentiria grato a Deus todo-poderoso por ela não ter caído; seria grato a Deus por não fazer cair todo o cosmos como um vasto cristal a ser despedaçado em estrelas cadentes”. Neste ponto, acrescenta uma coisa comovente: “Talvez São Pedro tenha visto o mundo dessa maneira ao ser crucificado de cabeça para baixo”.<sup>101</sup>

Ver tudo pendurado no amor d’Aquele que o doa a nós, que o está doando a nós agora. A pobreza, então, é esse estar diante de tudo recebendo-o com gratidão, sem pretensões. Dissemos de manhã que nada vale se não for dom e sinal do Único necessário, Cristo. A imagem de Chesterton é incrível: alguém que se dá conta de que toda a realidade – incluindo tudo de nós – neste momento está saindo de Deus, que

<sup>99</sup> Aqui o termo “jogral” é usado em seu sentido original, de artista que ganhava a vida divertindo o público com gracejos, sátiras, mágicas, acrobacias, mímica, etc., bem como artista que cantava e recitava poesias (ndt).

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>101</sup> *Ibidem*, pp. 98-100.

a gera; ela está pendurada n'Ele. Nas páginas seguintes, Chesterton desenvolve estas reflexões, explicando que o olhar do “místico” vê as coisas enquanto saem de Deus, enquanto Deus as traz para o ser. Ele diz, por exemplo: “Quem viu o mundo inteiro pendendo de um fio de cabelo à disposição de Deus viu a verdade; quase poderíamos dizer a verdade nua e crua. Quem viu sua cidade de cabeça para baixo viu-a como ela realmente é”.<sup>102</sup>

Assim Chesterton intui e mostra-nos a raiz da *letícia* franciscana, que é também a característica que Dom Giussani enfatiza como o fruto mais bonito da pobreza vivida: “Pode parecer paradoxal dizer que um homem pode ser tomado pela alegria ao descobrir que está em dívida. [...] Ali, o credor infinito [porque é Deus quem nos dá tudo] partilha de fato da alegria do devedor infinito, porque na realidade os dois são ao mesmo tempo credores e devedores. Em outras palavras, a dívida e a dependência tornam-se efetivamente prazeres na presença do amor não maculado”.<sup>103</sup>

A letícia, a alegria de Francisco, brota de saber que tudo é graça, é dom que sai do amor imaculado de Deus ao qual ele se entrega, sem demora. A respeito disso, Dom Giussani observa: “Da liberdade das coisas, que a pobreza carrega consigo, nasce um sentimento que ninguém tem senão quem é pobre, ou seja, quem não fixa em determinadas coisas escolhidas por si a esperança da sua vida. [...] Dessa liberdade das coisas, que nasce da certeza de que Deus realiza tudo, brota mais uma característica do espírito pobre que é a letícia, da qual a figura de São Francisco é como o emblema na história do cristianismo”.<sup>104</sup>

Não ter nada que defender, receber tudo no instante com a certeza de Cristo é fonte de letícia. “Da fé nasce a esperança, na esperança está a letícia porque a letícia não pode ser ganha e vivida senão na certeza de um futuro.”<sup>105</sup> Letícia, porque, enquanto reconhece que tudo é dom – e sem esta consciência restaria somente a inconsistência de tudo, pois as coisas ficariam em frangalhos se eu não me desse conta de que neste momento é Deus quem as está sustentando e me está sus-

---

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 104.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>104</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., pp. 214-215.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p. 215.

tentando –, estou seguro de que o futuro é bom, que *o melhor ainda está por vir*, porque será a forma como Deus vai responder ao desejo e à espera que me constitui. E o fará, responderá de formas imprevisíveis, sempre novas, e fico seguro, sem temer o sacrifício inevitável, que se torna condição para uma consciência ainda mais clara de que apenas Deus basta. “*Quid animo satis?*”

“Como descrevo no primeiro volume da Escola de Comunidade, eu tinha lido um livro sobre o franciscanismo onde cada capítulo começava com uma rubrica. Numa daquelas rubricas no começo havia um Q – ‘Quando’, o capítulo começava assim –, aquele Q tinha como perninha um passarinho e dentro havia o desenho de São Francisco diante do sol que nasce: o símbolo da sensibilidade humana de nossa gente, de nossa raça, diante do sujeito mais belo da natureza: esta é a letícia. E o Q introduzia uma frase aos pés de São Francisco: ‘*Quid animo satis?*’, o que satisfaz o espírito? De fato, a expressão da letícia está precisamente nessa pergunta – ‘O que satisfaz o espírito?’ – porque o relacionamento entre São Francisco e o mais belo fenômeno da natureza era uma perspectiva eterna, uma perspectiva do eterno, sinal do eterno. Assim, no amor verdadeiro há letícia tanto quanto falta a posse. Não é à toa que, falando da virgindade, diremos que é pobreza, que é a pobreza no seu nível extremo, e é por isso que dedicando-se a Deus na virgindade deve-se dar também o dinheiro, pois sem pobreza não existe pureza de dedicação. [Alguém me disse que, para os americanos, o mais impressionante nos nossos *Memores Domini* não é viverem a virgindade, mas é porem o dinheiro em comum. Nos Estados Unidos parece impossível que isso possa acontecer; e às vezes nas nossas famílias isso também parece impossível.] Num relacionamento amoroso, afetivo, é a perspectiva do eterno que dá letícia e, enquanto dá a letícia, o deixa livre das condições: quanto mais existe essa distância dentro, tanto mais o relacionamento se torna cheio de letícia. Isso não quer esgotar a observação e a descrição de todos os momentos: pode haver o período inicial de maior contentamento, mas se trata de contentamento, não de letícia; a letícia permanece.”<sup>106</sup>

A terceira característica da pessoa que vive a pobreza, na liberdade, é que nada lhe falta, nada te falta. “*O pobre é quem é certo de*

<sup>106</sup> Ibidem, pp. 217-218.

*algumas grandes coisas*” e portanto nada lhe falta, pelo contrário, tudo o que possui é apenas para dar. Dom Giussani chega a dizer: “A afirmação de Outro como significado de si não significa dar quinhentas liras ao fundo comum, mas dar tudo, toda a própria pessoa ao fundo comum”.<sup>107</sup> Afirmar um Outro – a grande Presença – “permitirá a grande construção da minha relação com a mulher ou com o homem; certeza de algumas coisas grandes que permitirá arquitetar a minha intervenção na realidade, que permite ao meu trabalho elevar-se aos meus olhos como uma coisa bela e útil”.<sup>108</sup> Se não for por isso, para que vale a pena viver?

A última observação com que Giussani aprofunda o tema da pobreza como condição da confiança – que é o sentimento da vida que nasce da esperança – especifica que a pobreza também é condição para a distância necessária a fim de conhecermos.

Creio que nos lembramos bem do exemplo de *O senso religioso*, no capítulo 12, em que fala da distância necessária para ver um quadro, que visto muito de perto pareceria só um monte de manchas, mas visto na distância certa enche-se de beleza e harmonia.<sup>109</sup>

Aqui também Giussani retorna a São Francisco e à sua frase impressionante: “Depois de Deus e do firmamento, Clara”. Comenta assim: “É uma exaltação amorosa incomparável e difícil de ser concebida. Mas pensem na distância que havia do ponto de vista métrico, métrico decimal. De fato, não é uma questão de medida, mas em última instância de companhia contextual (o objeto Clara, aos olhos de Francisco, era colocado dentro da grande companhia do universo [isto é, de Deus]), não é questão de medida, mas de companhia e, no fundo, no fundo, de amor, ou seja, de abandono de si, de dom de si. É melhor dizer abandono de si porque ilumina a ideia do dom; no dom, a pessoa reserva sempre o direito de ser estimada por ter dado, é o direito à gratidão, e isto leva a perder tudo; ao contrário, no abandono de si, isto não acontece, é puro dom. O abandono de si: quanto mais ama, tanto mais a pessoa abandona a si mesma, afirma somente o outro”.<sup>110</sup> Na distância da pobreza, é possível conhecer e amar.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 219.

<sup>108</sup> L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, Milão: Bur, 2007, p. 386.

<sup>109</sup> Cf. L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 188-189.

<sup>110</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 222-223.

Na pobreza, então, você já não fica apegado às coisas e às pessoas para sentir-se seguro, mas somente visando ao destino delas, ao bem e à verdade delas: “Quanto mais se quer bem, tanto mais o relacionamento se torna leve e livre”,<sup>111</sup> sem pretensões. A pobreza faz com que tenhamos e usemos as coisas como se não as tivéssemos, como se não as usássemos. Esta descrição da pobreza está contida na Carta de São Paulo aos Coríntios: “Isto, porém, eu digo, irmãos: o tempo oportuno abreviou-se. Então, que doravante os que têm mulher vivam como se não tivessem; os que choram, como se não chorassem; e os que estão alegres, como se não estivessem alegres; os que fazem compras, como se não estivessem adquirindo coisa alguma; e os que tiram proveito do mundo, como se não aproveitassem, pois passa a figura deste mundo”.<sup>112</sup>

### **A confiança: estar pendurado sobre um cheio**

Neste ponto, em *É possível viver assim?*, Dom Giussani usa uma imagem impressionante, que imediatamente nos faz pensar nas expressões de Chesterton a que nos referimos. A renúncia implicada na pobreza parece deixar-nos pendurados sobre um abismo, sem estarmos presos em nada; contudo, “a pobreza não está destinada a nos deixar pendurados sobre um vazio, mas a pobreza que nasce da esperança está destinada a fundar, a exaltar, a engrandecer, a encher todo o mundo, que os nossos olhos avidamente veem, de confiança. O resultado da pobreza que nasce da esperança chama-se confiança, que é o contrário de estar pendurado sobre um vazio. A confiança é o contrário de estar pendurado sobre um vazio: é estar *pendurado sobre um cheio*”.<sup>113</sup>

A Presença que descobrimos na fé sustenta a vida, agora e para sempre, e por isso podemos olhar para o futuro confiados (confiança vem de *fidere se alicui*, confiar-se) a Outro, a Ele, sem temor, até a realização do destino.

<sup>111</sup> Ibidem, p. 230.

<sup>112</sup> 1Cor 7,29-31.

<sup>113</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 231.

### a. O abandono

Dom Giussani prossegue dizendo que a confiança é um *abandono* como o de uma criança nos braços da mãe. Como descreveu Péguy, o abandono visto do ponto de vista de Deus, esse abandono é próprio da esperança, e é a força do homem: abandona-se, e isto comove o próprio Deus. *A esperança menina* obtém tudo o que quer, como as crianças. “Ah! os espertinhos fingem não fazer nada, / os malandros / que sabem bem o que fazem, / os inocentes. [...] / Com o seu ar inocente. / Com o seu ar de nada saberem. / De não saberem.”<sup>114</sup> No texto *Mistero dei misteri. La speranza secondo Péguy*, Paolo Prospero observa: “Em seu nada saber, a criança sabe aquilo que o adulto também sabia antigamente, mas esqueceu. Ela conhece o poder paradoxal da espera pura, do pedir que recebe a energia de seu impulso não do sentimento do próprio mérito, e sim da nua e crua confiança na gratuidade de um amor que antecede qualquer mérito”.<sup>115</sup>

Deus nos olha, nos “contempla”, dissemos de manhã, como um pai a seu filho, no nosso confiar-nos a Ele, quase com uma pretensão que não é pretensão, porque não se alimenta das nossas imagens, mas apenas da confiança n’Ele. É como a esperteza das crianças, que sabem que não têm nenhum mérito para ostentar e podem só abandonar-se. Ouçamos Péguy mais uma vez: “As crianças são criaturas novas. / Elas também, elas principalmente, elas em primeiro lugar tomam o céu à força. / *Rapiunt*, apoderam-se. / E que força tão agradável, e que ternura de força. / Com que gosto um pai aguenta, / como gosta de suportar as violências dessa força, / os abraços dessa ternura. / Quanto a mim, diz Deus, não conheço nada tão belo em todo o mundo / quanto um moleque batendo papo com o bom Deus / no fundo de um jardim. / Um homenzinho contando suas penas ao bom Deus / com a maior seriedade do mundo”.<sup>116</sup> “Feliz infância. / Todo o corpinho delas. / Toda a pessoinha delas. / Todos os gestinhos deles estão cheios, jorram, transbordam de esperança. [...] / Crianças, vós imitais Jesus. / Não, não o imitais. Vós sois meninos Jesus. [...] / Nas nossas infâncias unimo-nos a Jesus”.<sup>117</sup>

<sup>114</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 36-37.

<sup>115</sup> P. Prospero, *Mistero dei misteri. La speranza secondo Péguy*, Bréscia: Scholé-Morcelliana, 2023, p. 137.

<sup>116</sup> C. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*, Cascais: Lucerna, 2015.

<sup>117</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 38-40.

O abandono da confiança é o abandono de Jesus ao Pai, e aqui compreendemos que ser como criança não é infantilismo, mas consiste em abandonar-se a Ele, inclusive diante do sacrifício, da paixão, da dor, com “ousadia ingênua”, com a segurança expressa pelo Salmo 130(131) – “como a criança bem tranquila, amamentada no regaço acolhedor de sua mãe”<sup>118</sup> –, sem saber de antemão o que acontecerá, mas confiante de que com Cristo pode ir até o fim do mundo sem temor. Assim devia ser a confiança que os apóstolos experimentavam ao estarem com Jesus. Dom Giussani observa: “O sinal do abandono é que para a pessoa é como se se esgotassem todas as fontes do orgulho; não se orgulha mais, é impossível orgulhar-se porque nada é seu, e tudo se torna seu quando nada é seu”<sup>119</sup>.

### **b. “Tudo posso n’Aquele que me fortalece”<sup>120</sup>**

Este abandono na confiança não diminui com a traição em que sempre caímos. “Simão, tu me amas?” Mais forte do que a nossa queda é a Sua misericórdia, se O olho de frente.

“Não complicar demais e tender à perfeição, mas olhar Cristo no rosto [...] Não projetos de perfeição mas olhar Cristo no rosto, olhar alguém no rosto! Simplíssimo, fácilimo... mas muitíssimo incômodo, muitíssimo incômodo porque você não pode mais seguir a si mesmo. A felicidade é seguir um Outro. Certamente olhar Cristo no rosto e não fazer projetos de perfeição quer dizer que se olha Cristo no rosto desejando de verdade o bem, desejando realmente ser verdadeiro, desejando de verdade querer bem: ‘desejando-te de verdade, ó Senhor’.”<sup>121</sup>

“Tudo posso”, mas não no sentido de um “pouco importar-se” que nos leva a achar que podemos errar, já que, no fim das contas, sempre somos resgatados mesmo – aliás, esta seria uma ilusão breve, porque seríamos tragados por essa mesma atitude –, mas com o desejo verdadeiro d’Ele, de sermos perdoados por Ele.

<sup>118</sup> “Senhor, meu coração não é orgulhoso, / nem se eleva arrogante o meu olhar; / não ando à procura de grandezas, / nem tenho pretensões ambiciosas! / Fiz calar e sossegar a minha alma; / ela está em grande paz dentro de mim, / como a criança bem tranquila, amamentada / no regaço acolhedor de sua mãe. / Confia no Senhor, ó Israel, / desde agora e por toda a eternidade!” (Sl 130/131).

<sup>119</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 234.

<sup>120</sup> Fl 4, 13.

<sup>121</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., pp. 235-236.

Entre nós também existe esse equívoco, pelo qual podemos dizer que estamos no leito do rio correto, que me carrega de toda forma. Carras dizia: “Que sorte temos nós, que encontramos Giussani!” De fato é uma grande sorte ter encontrado Giussani, a maior sorte, mas deixar-nos levar pela correnteza, sem desejarmos mudar de verdade, como que seguindo por inércia, a longo prazo cansa sem aquela *ousadia ingênua*.

Esse risco ficou evidente para mim em Lima, em 2008, quando morreu o nosso grande amigo, o Servo de Deus Andrea Aziani. Muitos devem ter lido o livro que foi publicado sobre ele.<sup>122</sup> Dado que Deus sempre nos mostra Sua misericórdia em rostos concretos, o rosto concreto desta companhia, todos nós – que todo dia testemunhávamos sua santidade real, cheia de misericórdia e de ímpeto de proposta, com a qual Andrea se entregava e nos tratava – nos sentíamos quase carregados nas costas por ele, mesmo com todos os nossos erros. Sempre podíamos olhar para ele e, aliás, olhando-o podíamos voltar a olhar para onde ele olhava, ou seja, para o Movimento e Cristo. Mas às vezes esta era uma desculpa para não assumirmos a responsabilidade de nos fazermos simples como ele, entregues a Cristo como ele. De modo que, quando morreu, e morreu de uma hora para outra, de certa forma nossa desculpa caiu por terra. Ficamos meio perdidos. E agora? Quem vai nos resgatar dos nossos erros? Para quem vamos olhar? Foi um belo desafio, porque tivemos de reconhecer que precisávamos dar um passo, não em termos de capacidade, mas na simplicidade e sinceridade de uma verdadeira confiança ante o rosto concreto para o qual Andrea sempre olhara – o carisma, a Igreja, Jesus – com aquela pureza e totalidade (como a confiança das crianças) que, em vez de invejarmos, nós também podíamos começar a experimentar.

Péguy fala de uma liberdade e gratuidade de filhos – e não de servos assustados – no nosso olhar para Deus, que agrada a Deus, no qual Deus se compraz. São páginas belíssimas, porque mostram a estatura humana que floresce da esperança depositada em Cristo, da confiança cheia de abandono, da certeza inabalada no cumprimento da Sua promessa.

---

<sup>122</sup> G. Mereghetti, G.C. Peluso, Andrea Aziani. *Febbre di vita*, Castel Bolognese: Itacalibri, 2023.

“Acaso gostamos de ser amados por escravos? [...] / Quando soubermos uma vez o que é ser amado livremente, / as sujeições já não têm gosto algum. [...] / Assim como a sua liberdade é um reflexo da minha liberdade, / assim também eu gosto de encontrar neles uma certa gratuidade, / que seja como um reflexo da gratuidade da minha graça. [...] / Gosto que em certo sentido rezem não apenas livremente, / mas como que gratuitamente. / Gosto que caíam de joelhos não apenas livremente, mas como que gratuitamente. [...] / Gosto, enfim, que eles amem, diz Deus, não apenas livremente, mas como que gratuitamente.”<sup>123</sup>

É a alegria de confiar, de esperar n’Ele, não de obter conforme a imagem que temos do que pedimos. É a letícia de São Francisco, que via tudo enquanto jorrava incessantemente do *cheio* que é Deus. O fato de sermos queridos e amados é a descoberta incessante que torna gratuito e livre o nosso abandono nas mãos de Deus, que nos conduz na vida.

### **c. Da confiança, a festa; da festa, a missão**

Vamos dar mais um passo. Ser amado, querido e perdoado assim é uma *festa*; aliás, já em ver o rosto de Jesus começa a festa: “É a festa que caracteriza cada despertar, cada manhã, cada vez que você diz ‘Ó Deus’, cada vez que o olha e diz ‘Ó Deus, perdoa-me’ é uma festa, acontece uma festa. A confiança é um estado de espírito tal que de qualquer posição sua faz brotar uma festa [é a festa do filho pródigo]. Se você tem confiança, até de todas as suas fraquezas nasce uma capacidade de vitória com Aquele que é a sua força, nasce uma capacidade de vitória que é a audácia daqueles sete ou oito discípulos que O seguiram por primeiro. Eram sete ou oito, e já possuíam e repetiam para si a consciência de vencer o mundo, de ser o novo povo hebreu: aquele que venceria o mundo, porque estavam com Ele”.<sup>124</sup>

É aquilo que, a meu ver, fez nascer em Anas a intuição expressa no canto *La festa sta per cominciare*: a festa é estar nas praias do mar de Deus, isto é, já não sermos donos de nós mesmos, mas estarmos abandonados a Ele, confiados a Ele e ao Seu desígnio. “A festa já vai

<sup>123</sup> C. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*, op. cit., pp. 47, 52.

<sup>124</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 237.

começar, / corra e não pare, meu amigo. / É a festa do fim do mal / nas praias do mar de Deus. [...] / E passo após passo até o mar / tudo é mais simples e já vai começar. / Não sinto nenhuma dor que seja minha, / sofro de amor e alegria como Deus.”<sup>125</sup> Agora já não existe a minha dor e o meu sacrifício: há o sacrifício de Jesus e a dor de Jesus em mim. Portanto é a festa por termos sido libertados. É a festa do pai pela volta do filho pródigo.

Então a festa é *missão*, porque leva uma presença nova e festiva ao mundo. Uma humanidade realizada, que vive as circunstâncias dando tudo para que Ele seja reconhecido, para que a esperança que nos anima possa reanimar a esperança dos homens. Vocês lembram o ponto da Jornada de Outubro? “Da fé a missão.”<sup>126</sup>

Eu encontrei um texto de 1999, presente na revista *Litterae Communionis* de dezembro, intitulado “O Jubileu e a vida”, que parece ser útil para compreender a missão a que somos lançados na esperança. Disse Dom Giussani: “Na Guatemala, durante a visita pastoral de março de 1983, João Paulo II disse que Cristo é a nova arma de um mundo novo. Mas essa esperança não se apoia em meus recursos ou nos recursos desse eu projetado, que são a sociedade, os chefes, as coisas que o homem cria; essa nova vida, essa esperança se baseia nessa Presença. No fundo, a fé é reconhecer uma Presença, e reconhecer essa Presença dá ânimo novamente mil vezes por dia, qualquer que seja a posição em que nos encontremos, até na morte, e portanto dá a capacidade de abrir-se aos outros com pureza, ou seja, com gratuidade. Por isso Cristo, Redentor do homem, não tem valor só no além, mas no aquém, que é o hoje, o aquém que é esta hora, que é daqui a uma hora, dentro da companhia em que estou, dentro da companhia em que estarei; e, portanto, essa esperança não tem limites, abraça o mundo. Por sua natureza, essa esperança é social, por sua natureza não existe problema ou exigência ou situação humana pela qual não se sinta tocada e pela qual não se sinta interessada de maneira positiva. A grande fórmula da vida cristã expressa por São Paulo é: *In spe contra spem*. Por isso, o cristão é eminentemente um homem que insiste no impacto com as pessoas e com as coisas

<sup>125</sup> “La festa sta per cominciare”, letra e música de Antonio Anastasio.

<sup>126</sup> “Da fé a missão”, in D. Prospero, F. Cassese, “A fé, realização da razão”, suplemento de *Passos*, n. 263/264, nov./dez. 2023, p. 14.

em qualquer condição, mesmo na política, pois essa Presença moveu as águas do nosso grande, terrível, horrível estado, do nosso grande pântano de impotência, essa Presença entrou ali e moveu tudo, e essas ondas vão até as margens extremas, quer dizer, abraçam o mundo até os extremos confins da terra. Por esse motivo não há mais nada que seja estranho ao meu instante concreto; vivo então o meu instante concreto com uma tentativa de amor que se chama, na linguagem cristã, ‘oferta’ pelo mundo inteiro. Essa oferta me faz chorar com dor pela minha mesquinhez e me escancara na alegria de uma esperança justamente porque não se apoia em mim, mas passa através de mim, usa de mim. Por isso, mesmo que eu seja tão mesquinho a ponto de poder dar muito pouco, dou esse pouco”.<sup>127</sup> A esperança depositada em Cristo nos faz desejar que tudo seja abarcado pela Sua presença, que ela renove a esperança do mundo.

A respeito disso, quero fazer uma última citação do texto de 1961. Dom Giussani fala de “uma operatividade que não se reduz a tempos determinados e não se identifica apenas com empreendimentos específicos, mas que abrange cada momento e redime na utilidade de uma nobre tarefa todo e qualquer gesto, por menor que seja. Uma operatividade que realiza o sublime na aparente banalidade da vida mais mesquinha”.<sup>128</sup> Dizia-o já em 1961! Não é questão de fazer coisas espetaculares, mas que tudo seja feito no abandono da minha pessoa a Ele, que torna “sublime” cada gesto como uma oferta de mim mesmo para o mundo inteiro. Portanto, estar presente na sociedade, nas circunstâncias cotidianas, com a consciência de que o que nos alcançou é para todos.

A missão vive e realiza-se no pertencer, na nossa unidade que nos sustenta ao levarmos até a concretude das circunstâncias diárias o novo olhar para a realidade que nasce da fé. Viver carregando a consciência desta unidade, que não é só uma consciência interior, dentro da “banalidade da vida” de cada dia. Ser presença nos lugares da vida concreta, introduzir uma presença original: não munidos de um discurso ou de um projeto, mas sendo capazes de juízo e livres em propor uma maneira nova e consciente de viver que se dá em cada detalhe, que nos implica totalmente até os ossos.

<sup>127</sup> L. Giussani, “O Jubileu e a vida”, *Litterae Communioneis*, n. 12, dez. 1999, p. XII. Disponível em: <https://portugues.clonline.org/arquivo/outros/o-jubileu-e-a-vida>.

<sup>128</sup> L. Giussani, “Da esperança à plenitude da alegria”, op. cit.

Vocês se lembram da descrição dos primeiros cristãos contida na *Carta a Diogneto*?<sup>129</sup> Outro mundo neste mundo: os cristãos estão no mundo como todos, vestem-se como todos, mas são o início de outro mundo no mundo. Quero ler uma espécie de carta a Diogneto de hoje. É o testemunho de um amigo brasileiro, que descreve a companhia que vive com seus amigos do Movimento: “Percebo em mim e na companhia dos amigos que vivem a fé comigo algumas características muito evidentes. Para os meus amigos, todas as circunstâncias, cada uma delas, têm um sentido, e por isso são pessoas gratas pelo que acontece, inclusive pelos sofrimentos. Têm um olhar atento e cheio de ternura pelo outro, porque o outro é um sinal da presença de Cristo. São pacientes, não há nada de que se queixem ou com que se irrite, porque o resultado não reside em suas próprias capacidades, mas em Cristo, e tudo contribui para a relação com Ele. Sabem perdoar, por terem consciência do próprio pecado e do perdão recebido em cada erro. Têm esperança, por saberem que Ele vem e tudo concorre para isso. Não passam inobservados no ambiente de trabalho, por darem testemunho de uma forma mais humana de viver, seu testemunho de Cristo é a sua forma de viver”.

Numa *QuasiTischreden*, Giussani diz: “Quem acredita em Jesus é tomado pela força do mistério de Cristo, é levado para dentro da Sua personalidade e assim se torna um corpo só, no sentido literal da palavra, e esse corpo dilata-se, é destinado a dilatar-se, a ser fecundo”.<sup>130</sup> Fiquei impressionado ao ler isto, porque ele sempre apresenta a razão de tudo o que diz. E a razão, vocês ouviram, é a consciência da presença de Cristo, do Seu perdão, porque Ele é o sentido de todas as coisas. E os que vivem da fé e experimentam a esperança passam a ser uma coisa só. Dom Giussani continua: “A relação entre Cristo e a companhia em que está torna essa companhia fecunda: essa companhia é destinada a ganhar o mundo, a possuir o mundo”.<sup>131</sup>

Lembrem-se da Jornada de Outubro, quando o Davide referiu as palavras de Dom Paolo Martinelli, o vigário apostólico da Arábia Meridional, quando disse que ser missionário significa ser manda-

<sup>129</sup> *Carta a Diogneto*, cap. V. O texto grego se encontra em PG II, coll. 1167- 1186.

<sup>130</sup> L. Giussani, *Una presenza che cambia*, Milão: Bur, 2004, p. 368.

<sup>131</sup> *Ibidem*.

do,<sup>132</sup> viver uma companhia dentro da realidade com *a consciência de ser mandado*.

Dom Giussani fala assim: “Quando éramos quatro moleques no liceu Berchet, tínhamos esta persuasão muito mais clara do que todo o mundo de agora: que éramos feitos para tomar o mundo. Tanto é verdade que, depois de dois anos, os primeiros que saíam do liceu pediram para ir em missão. E dois anos depois fomos em missão: único caso de realidade missionária pensada e sustentada – economicamente e como pessoas – por jovens. O único caso na história, embora ninguém o diga. [...] Esta companhia com Cristo é destinada a ser fecunda, a entrar no mundo todo. Conforme vai se dilatando, vai ficando mais evidente que ela constitui, dentro da sociedade humana, um povo: é um povo diferente; que percebe, concebe, julga, ama, decide e realiza num jeito diferente”.<sup>133</sup>

Em outro texto, enfatiza que a confiança n’Aquele que encontramos faz d’Ele critério de compreensão, de juízo e ideal concreto em todo gesto. Aqui está atestada uma concepção nova da vida e do mundo: “A principal questão, portanto, é a concepção do homem: o que é que a transformação radical que Cristo trouxe implica na percepção, na imagem, no sentimento humano? Qual mudança trouxe no conceito de mente, no conceito de coração, no conceito de povo, no conceito de responsável da vida de um povo, de chefe e guia de um povo? Se essas coisas vêm à tona, então a pessoa começa a desejar que a sociedade seja assim, e então batalha na sociedade. [...] O mais importante continua sendo a fé, mas uma fé pensada, mobilizada no confronto com as coisas que acontecem, com o tempo e com o espaço, com tudo o que se realiza neles. Então a pessoa tira daí imagens novas para o amanhã dos seus relacionamentos com a mulher, com os filhos, com o marido, com os outros cidadãos ou com as votações políticas que venham a ocorrer. A esperança nasce de uma consciência desenvolvida da mensagem implícita na fé (nossa força foi isto, apenas isto!)”.<sup>134</sup>

Uma fé *pensada*: temos de nos ajudar a julgar, não para produzirmos um discurso de oposição aos outros, mas para descobrirmos mais a originalidade da nossa experiência e assim poder propô-la a todos,

<sup>132</sup> Cf. “Da fé a missão”, in D. Prospero, F. Cassese, “A fé, realização da razão”, op. cit., p. 14.

<sup>133</sup> L. Giussani, *Una presenza che cambia*, op. cit., p. 368.

<sup>134</sup> L. Giussani, *Vivendo nella carne*, Milão: Bur, 1998, pp. 273-274.

repleta de razões. Que alívio para mim, mas acho que também para todos vocês, ler os últimos números da *Passos*, sobre a inteligência artificial, sobre a afetividade e sobre o fim da vida! Enxergar a complexidade real das questões em jogo, tentando dar um juízo tendo nos olhos a Presença que possibilita esperar, mostra que toda vida é digna e amada; penso no testemunho das pessoas que vivem acompanhando quem está nas situações mais extremas da vida. É impressionante e comovente ver o olhar diferente e mais humano que nasce dessa esperança. Também penso nos testemunhos da missão. Lembrem-se do que São Pedro diz na sua Primeira Carta:

“Ora, quem é que vos fará mal, se sois zelosos no bem? Se tiverdes, porém, que sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois! *Não temais suas ameaças, nem vos deixeis perturbar. Antes, santificai o Senhor Jesus Cristo em vossos corações e estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir. Fazei-o, porém, com mansidão e respeito e com boa consciência. Então, se em alguma coisa fordes difamados, ficarão com vergonha aqueles que difamarem a vossa boa conduta em Cristo. Pois será melhor sofrer praticando o bem, se tal for a vontade de Deus, do que praticando o mal*”.<sup>135</sup>

“Com mansidão e respeito” que nascem da certeza, não genérica, mas verificada, chegando a julgar até as circunstâncias aparentemente mais banais, numa adesão radical a Cristo, que é o sentido e o horizonte de tudo.

O testemunho e a missão também têm como último horizonte possível o *martírio*. No Peru, no meio dos Andes, eu pude visitar várias vezes o convento franciscano de Ocopa, a 3.400 metros de altitude. Nesse lugar perdido no meio de montanhas altíssimas, de onde descem os rios que vão formar o Rio Amazonas, há uma biblioteca com quarenta mil volumes. Porque ali, durante três séculos, formaram-se frades que depois saíam em missão descendo até a floresta amazônica. Especialmente, há uma sala em que os frades conservam a memória de quase noventa mártires que saíram de Ocopa, desceram de barco pelos rios da floresta e nunca mais voltaram. Porém, graças a eles, a Amazônia do Peru é cristã. Iam de dois em dois, e ou encontra-

---

<sup>135</sup> 1Pd 3,13-17.

vam uma comunidade nativa que os acolhia, ou eram mortos a tiros de zarabatana. Em seguida iam outros. Os espanhóis nunca desciam à floresta, ao passo que aqueles iam para a aventura, desarmados, certos apenas de que Cristo chamava a todos, porque aqueles homens e aquelas mulheres que viviam e vivem na Amazônia também precisavam de Cristo. Eu me comovi quando vi aquela sala e quando soube que, ao irem para o norte pelos rios Mantaro, Ucaíali, Hualhaga e Maranhão – os grandes afluentes do Rio Amazonas –, a certa altura se encontravam com os jesuítas, que desciam das cordilheiras da Colômbia. Que fruto o sacrifício deles tinha no curto prazo? Parecia nenhum, mas plantavam a semente, aliás, talvez só preparassem o terreno, como escreveu o grande jesuíta Matteo Rici a respeito de sua missão na China. Vou ler um fragmento de uma carta sua que é maravilhosa. Diz ele: “Quanto ao que me perguntas, que lá gostariam de ter algumas notícias da China de alguma grande conversão, saiba que eu com todos os outros que aqui estamos, não sonhamos outra coisa nem de dia nem de noite além disto [que ocorram grandes conversões]; e por isso aqui estamos deixando nossa pátria e os amigos queridos, e já nos vestimos e calçamos com as vestes da China, e não falamos, nem comemos, nem bebemos, nem moramos em casa a não ser segundo os costumes da China; mas Deus não quer que se veja mais fruto do que esforços nossos, [...] portanto o tempo em que estamos na China ainda não é de colheita, nem tampouco de semear, mas de abrir a mata virgem e combater as feras e serpentes peçonhentas que aqui estão. Outros virão com a graça do Senhor, que hão de escrever as conversões e os fervores dos cristãos”.<sup>136</sup> Que certeza em responder a uma tarefa, sacrificando tudo, tudo, menos a letícia em dar a vida para que Cristo seja conhecido!

Vocês se dão conta? Há uma segunda carta, citada no mesmo livro, em que ele conta que uns delinquentes tinham assaltado a casa deles, deixando Ricci e seus confrades feridos, roubando tudo. A polícia prendera os assaltantes e queria condená-los à morte. Então Matteo Ricci e os demais jesuítas foram ao tribunal defender aquelas pessoas, dizendo: “Não nos importamos, não os matem”. E no fim não os con-

---

<sup>136</sup> A. Sergianni, *Cristo fra i cinesi, la figura di padre Matteo Ricci*, San Miniato (Pisa): La Conchiglia di Santiago, 2023, p. 57.

denaram à morte, de modo que todos foram ajoelhar-se diante deles dizendo: “Nunca vimos alguém que, tendo sofrido um mal tão grande quanto vocês sofreram, fizesse o bem a quem lhe causou esse mal. O que é o cristianismo?”

Pode ser que nós não sejamos chamados a ir como eles (será? eu nunca imaginei que sairia em missão), mas certamente somos chamados a ser presença missionária com nossa unidade, na qual vive outra humanidade, outro mundo neste mundo.

São Paulo escreveu aos romanos: “Eu vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, pela renovação da mente, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito. [...] Como num só corpo temos muitos membros, cada qual com uma função diferente, assim nós, embora muitos, somos em Cristo um só corpo e, cada um de nós, membros uns dos outros”.<sup>137</sup>

Viver a missão, ser presença, é possível sempre na unidade orgânica da Igreja, da nossa companhia: queria contar-lhes algo a respeito do meu grande amigo, padre Paolo Bargigia, com quem dividi a vida inteira, desde quando nos Colegiais, aos dezesseis anos, nós sequer imaginávamos que entraríamos no seminário (tínhamos a mesma idade e, como os três mosqueteiros, estávamos sempre juntos com Andrea Bellandi, hoje arcebispo de Salerno; e como nos três mosqueteiros, havia também um quarto, padre Paolo Milloschi, que descobriu sua vocação sacerdotal alguns anos depois e se juntou a nós).

Padre Paolo Bargigia juntou-se a mim na missão no Peru em 2008 (eu estava lá desde 2001). Chegou três dias depois da morte de Andrea Aziani. E depois de anos belíssimos e realmente intensos, em 2014 descobriu que tinha Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA). Nos três anos de sua doença, fui vendo-o perder a autonomia a cada dia, mas nunca perder a letícia. A certa altura, era março de 2016, ele precisou voltar para a Itália, e eu o acompanhei em agosto para dividir com ele a paróquia em Florença no último ano de sua vida, já imóvel na cadeira de rodas, mas com um olhar sempre alegre, com uma

---

<sup>137</sup>Rm 12,1-2.4-5.

paixão por tudo e por todos e com a certeza, como ele dizia, de que sua doença era uma “vocação na vocação”, a forma como Jesus lhe pedia que fosse *mais padre e mais missionário*. De fato, nossa casa tornou-se um porto, onde todo dia aconteciam encontros milagrosos. Às vezes a senhora que cozinhava na nossa casa ia abrir a porta e via entrar muitos personagens, inclusive alguns que ela vira na televisão, e dizia: “Parece que eu estou no programa *Porta a porta!*”<sup>138</sup> Naqueles dois cômodos respirávamos o mundo inteiro. “O melhor ainda está por vir”, costumava repetir. Havia centenas de pessoas – literalmente centenas – que faziam turnos para vir fazer-lhe companhia. E, na verdade, cada um vinha não para ajudá-lo, mas para ser ajudado pela esperança que via nele. Dois meses depois do seu retorno à Itália – eu ainda estava no Peru –, ele foi com Andrea Bellandi visitar o Papa Francisco. E quando, cumprimentando-o no fim de um encontro intenso, Paolo lhe pediu que rezasse para que ele pudesse aceitar a cada dia a vontade de Deus, o Papa lhe respondeu: “Não, eu não vou rezar para que você aceite a cada dia a vontade de Deus. Eu rezo para que você seja feliz aceitando a cada dia a vontade de Deus!” O Paolo sempre levava essas palavras no coração, e as viveu até o último dia. Foi missionário no esconderijo do seu quarto. E todos nós, creio, vimos esses mesmos olhos alegres em muitos de nós, que na doença e na morte são testemunhas de esperança para todos. Assim, com nossa esperança visível, com nossa unidade, que é a forma mais bonita e maior desta esperança, respondemos ao mandato de Jesus, participando da Sua missão no mundo.

Porque, como disse Dom Giussani no livro *Dall’utopia alla presenza*, “a novidade é a presença desse acontecimento de afeição nova e de nova humanidade, é a presença deste início do mundo novo que nós somos”.<sup>139</sup>

Para concluir, vou ler mais dois fragmentos dessa memorável fala na Equipe dos universitários de 1976.

“*A novidade é a presença* como consciência de carregar ‘nos ombros’ algo definitivo – um juízo definitivo sobre o mundo, a verdade do mundo e do humano –, que se expressa na nossa unidade. A no-

<sup>138</sup> Famoso programa televisivo italiano, em formato de *talk show*, que recebe diversos convidados famosos (ndt).

<sup>139</sup> L. Giussani, *Dall’utopia alla presenza (1975-1978)*, Milão: Bur, 2006, p. 65.

vidade é a presença como consciência de que a nossa unidade é o instrumento para o renascimento e a libertação do mundo.” E ainda: “Os cristãos foram aprisionados, martirizados, mantidos nas sombras por três séculos! A história não é definida por nós em seus tempos. A nós cabe viver a presença: um crédito total ao Infinito que entrou na nossa vida e que se revela imediatamente como humanidade nova, como amizade, como comunhão. ‘Não temas, pequeno rebanho, eu venci o mundo.’ ‘Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé’”.<sup>140</sup> Dela floresce a nossa esperança e a esperança do mundo.

Obrigado.

---

<sup>140</sup> *Ibidem*, pp. 65, 68.

# SANTA MISSA

*Liturgia da Santa Missa: At 6,1-7; Sl 32(33); Jo 6,16-21*

**HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL  
PREFEITO DO DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA**

Queridos irmãos e irmãs,

na letícia do tempo pascal e no contexto destes Exercícios Espirituais, temos a alegria de viver o encontro com o Senhor Jesus presente na Eucaristia. O Evangelho que ouvimos fala-nos precisamente deste encontro.

Depois do milagre da multiplicação dos pães, ocorrido nas imediações de Tiberíades, Jesus, a fim de evitar a multidão que quer fazê-lo rei, retira-se para o monte (cf. Jo 6,15). Chegada a noite, após terem esperado longamente, os apóstolos decidem rumar sozinhos em direção a Cafarnaum, cidade de origem de alguns deles, onde Jesus também estabelecera sua residência. Não recebem uma ordem de Jesus, como é narrado no Evangelho de Marcos (cf. Mc 6,45), eles mesmos tomam essa iniciativa.

Depois de terem estado juntos com o Mestre e de O terem ajudado a saciar as multidões, agora se cria uma separação: Jesus “sobe” para o monte, enquanto os discípulos “descem” para o lago (cf. Jo 6,16). Neste exato momento, no caminho de volta para casa, ficam sozinhos, no escuro, no meio do “mar” da Galileia, agitado pela forte ventania que se levanta.

Na situação dos discípulos, podemos rever-nos a nós mesmos. Os “sucessos de Tiberíades” empolgam, mas não duram para sempre! Depois é preciso voltar à “normalidade de Cafarnaum”, onde cada um tem seu próprio lar, onde os parentes estão esperando, onde se tem a segurança da vida. E para fazer isto é preciso enfrentar de novo o mar. Na tradição bíblica, o mar costuma ser símbolo das forças do mal que somente Deus pode submeter para salvar seu povo.

Então também conosco – como indivíduos ou como Movimento – nas nossas tantas “voltas à normalidade” depois das consolações espirituais, depois dos sucessos missionários, depois das alegrias mais intensas, também conosco sempre pode acontecer que experimentemos não só a solidão e a separação do Mestre, mas o despertar das forças

do mal, que parecem apagar todos os momentos de graça vividos. Pois bem, é em momentos como esses que ocorre o encontro.

Neste Evangelho, a vinda de Jesus é uma teofania, é a manifestação da presença mesma de Deus. De fato, Jesus aparece andando sobre as águas, ação que no Antigo Testamento nunca aparece atribuída a um homem, mas só a Deus, como afirma por exemplo o livro de Jó: “Sozinho [Deus] desdobra os céus e caminha sobre as ondas do mar” (Jó 9,8).

Quando Jesus se manifesta na plenitude de sua divindade, os discípulos quiseram, “então, recebê-lo no barco”, diz o Evangelho, mas, “sem demora, o barco chegou à terra para onde se dirigiam”. Se o mar representava o perigo, a terra agora representa a segurança. No mesmo instante em que os discípulos estão dispostos a receber Jesus, o barco chega a terra: isto equivale a dizer que, quando reconhecemos Jesus em sua divindade, e principalmente quando acolhemos na nossa vida a Sua presença salvífica, sem demora “chegamos a terra”, passamos do domínio da morte para o da vida.

Assim é sempre o encontro com Jesus. É um encontro que traz salvação, que subtrai a vida da força escura do desespero, do mal, do pecado e da falta de sentido. É um encontro que nos leva para “terra firme”, isto é, para a certeza de que a vida se apoia num fundamento sólido porque se origina de um ato generativo de Deus, é acompanhada por Sua ajuda paterna e providencial e é orientada a um destino bom. A “volta a Cafarnaum”, à normalidade cotidiana que para nós, como para os Apóstolos, corre o risco de transformar-se numa crise, graças ao encontro com Jesus é transformada: já não é a volta à banalidade de uma existência sem Deus, dispersa em atividades de pouca monta, mas é o início de uma nova fase da missão, que abre para novas graças e novas revelações, como narra a sequência do Evangelho.

Caríssimos, este Evangelho reforça nossa esperança. O encontro com Jesus, que iluminou e deu sentido à nossa vida, não permanece um evento isolado no passado. Não! Acontece sempre de novo. Inclusive agora! Inclusive nestes dias de Exercícios! Pode ser que alguns tenham vindo aqui com a escuridão e a solidão no coração, mas voltarão para casa com a luz e a alegria da comunhão redescoberta em Cristo. A Igreja, a comunidade dos fiéis, é o ambiente “humano e divino”, desejado pelo Senhor, onde esse evento de graça sempre pode acontecer. E, na Igreja, os carismas suscitados pelo Espírito Santo são

o lugar específico onde o encontro com Cristo se torna mais facilmente acessível aos homens.

O carisma de Comunhão e Libertação também foi dado por Deus à Igreja para que os homens possam encontrar nas noites de sua existência a presença consoladora de Cristo. O carisma de vocês, como os outros no passado, deve fazer com que a ressurreição de Cristo, nosso Salvador, saia do passado e do esquecimento e se torne próxima e experimentável para todo o mundo.

Todos vocês são chamados a essa tarefa altíssima, e por isso receberam uma formação cristã. A isto o vosso carisma os impele. É de vital importância, portanto, conservar a unidade da companhia espiritual que o Espírito Santo criou entre vocês. No Evangelho, descrevem-se os discípulos que juntos, como um só corpo, acolhem Jesus no barco. O Santo Padre também, em sua última carta endereçada a vocês na pessoa do Presidente, exortou-os a cuidar da unidade. É um dom para invocar na oração e para realizar com a vida, praticando a humildade, pondo em segundo plano o desejo de afirmação de si e das próprias visões, renunciando a identificar o carisma com as convicções próprias ou, pior ainda, com a própria pessoa, pois o carisma é sempre maior que uma única ideia, é sempre maior que um único indivíduo, é sempre maior que uma única geração ou uma única época histórica, ainda que fosse a do início. O carisma também é maior que o fundador, que o acolheu para o bem de toda a Igreja.

Então supliquemos ao Senhor para que, nestes dias, todos vocês sejam consolados por um novo encontro com Cristo ressuscitado e sejam anunciadores e portadores de paz no meio de tantos conflitos e tensões que afligem o mundo. Rezemos para que a Fraternidade de Comunhão e Libertação permaneça sempre um lugar abençoado de descoberta da beleza da fé para milhares de pessoas, e que seja guardada na unidade para levar em frente a missão que o Senhor lhe confia. Por tudo isso, invoquemos o auxílio de Maria, Mãe da Esperança, protetora da unidade da Igreja.

Amém.

#### ANTES DA BÊNÇÃO

***Davide Properi.*** Eminência, permita-me demonstrar-lhe nosso afetuoso agradecimento. Sua presença e suas palavras nos Exercícios

da Fraternidade do ano passado já foram para nós um grande conforto e um sinal claro da certeza do nosso caminho na Igreja, e também nos sustentaram na consciência da responsabilidade a que somos chamados para a construção da casa comum. O fato de este ano o senhor ter aceitado voltar – e também sabemos de todos os seus numerosos compromissos e as solicitações que chegam neste momento particular da vida da Igreja – para nós é mais um apoio para a esperança e uma confirmação no caminho que estamos percorrendo, como também o senhor nos lembrou ao citar a carta do Santo Padre em sua homilia. Da nossa parte, como já lhe dissemos no ano passado, estamos à disposição; mais uma vez, e ainda mais, estamos à disposição para todas as necessidades que a Igreja sente como urgentes neste momento. Nós existimos apenas para isso. Obrigado, Eminência.

**Cardeal Farrell.** Em primeiro lugar, quero agradecer a todos vocês por terem me ouvido com paciência. Faz parte dos Exercícios Espirituais fazer alguns pequenos sacrifícios. E hoje posso atestar à Igreja inteira que vocês fizeram um grande sacrifício ao ficarem ouvindo o meu italiano!

Trago-lhes as saudações do Santo Padre. Por causa das várias questões ligadas aos meus cargos na Santa Sé, eu me encontro regularmente com ele, e devo reconhecer que toda vez, nos nossos encontros, ele me pergunta: “Como vai a Fraternidade de Comunhão e Libertação?” Depois deste dia com vocês, posso voltar para Roma e dizer que, este ano, mais de vinte mil pessoas estiveram nos Exercícios Espirituais de Rímini. Um número realmente grande! Até maior do que o número de pessoas presentes em muitas das audiências de quarta-feira na Praça de São Pedro... não sei qual será a reação dele quando eu contar!

Quero agradecer-lhes de coração tudo o que estão fazendo. Vocês são um dos movimentos, dentro os que conheço, que hoje são capazes de fazer ouvir na sociedade a voz de vinte mil pessoas. São realmente um povo numeroso! Por isso é muito importante que todos sigam e continuem seguindo o carisma de Dom Giussani e que vivam conforme esse carisma na situação concreta do mundo atual.

Agradeço-lhes tudo o que fazem todos os dias.

# *Domingo, 14 de abril, manhã*

*Ludwig van Beethoven*

*Triplo concerto em dó maior para piano, violino, violoncelo e orquestra, op. 56 Beaux Arts Trio  
Gewandhausorchester Leipzig – Kurt Masur Spirto Gentil 31, (Philips) Universal*

*Ângelus*

*Laudes*

## ■ ASSEMBLEIA

***Davide Prosperi.*** Muito bem, chegamos ao fim deste gesto, que certamente foi um momento forte para o nosso caminho deste ano. Com tudo o que acarretou, como dissemos desde o início, em termos de sacrifícios – porque os traslados foram bastante pesados em muitos casos – pudemos fazer a experiência de uma medida maior do que a nossa. Isto ficou visível a todos e ontem o ouvimos também nas palavras do Cardeal Farrell. E no jantar ele quis reafirmar a surpresa e o espanto por ter visto vinte mil pessoas reunidas aqui, mais todos os que estão acompanhando de casa ou de outras localidades: ele se disse muito impressionado por sermos vinte mil pessoas reunidas para uns Exercícios Espirituais, neste formato, com um silêncio, uma atenção e uma participação que revelam que o gesto não depende apenas do que é dito – por mais importante que seja, obviamente –, mas da contribuição que cada um de nós dá.

Este é o primeiro dado que, voltando para casa, nos enche o coração de letícia e de certeza.

Vamos começar esta assembleia, Dom Giovanni.

***Dom Giovanni Paccosi.*** Chegaram muitas perguntas. Alguns de nós leram todas, identificando as mais recorrentes e representativas.

“A respeito do desejo, poderia aprofundar a diferença entre ser ‘sonho’ e ser ‘sinal’? Os pequenos desejos de cada dia são realmente uma ajuda para reconhecer o único desejo profundo que nos define? Para mim, parecem estar em contradição.”

**Paccosi.** Vem-me à mente uma página muito bonita, tirada de um diálogo de Dom Giussani com os estudantes do ensino médio – no qual eu estava presente com um grande grupo dos Colegiais de Florença, nos anos noventa –, que foi publicado com o título “Para lá do muro dos sonhos” em *Realidade e juventude, o desafio*.<sup>141</sup> Giussani faz uma comparação entre o sonho e o desejo verdadeiro que leva à espera. Identifica com a palavra “ideal” o desejo como espera por uma realização maior. Não vou ler as palavras de Dom Giussani, mas convidado vocês a reler, pois creio sejam uma ajuda muito importante.

No texto da primeira palestra que eu tinha preparado, no ponto em que citei o trechinho de Dante que li, comparei os modos de entender o desejo em Dante e em Petrarca. Teria sido longo falar disso ontem, mas quero dizer algo esta manhã, porque me parece uma ajuda para entender como foi que a esperança cristã se transformou numa esperança colocada apenas nas capacidades humanas.

Na *Spe salvi*, Bento XVI fala da esperança no progresso, na qual todos nós podemos enxergar-nos, porque é a que nos faz esperar o novo modelo de celular, o computador de última geração, como se ter isso fosse o máximo desejável. Aliás, por exemplo, sempre acho engraçado que as propagandas de carro se concentrem todas no fato de que esteja conectado à rede. Concordo, mas o carro precisa ter principalmente um bom motor, rodar bem na estrada, consumir pouco! Mas hoje o progresso é medido pela conectividade com a rede! Bento XVI fala do progresso que, se for para o bem, se torna uma ajuda para todos. Mas depois diz uma coisa belíssima: “Um progresso por adição só é possível no campo material”, técnico e científico, no qual cada um começa por onde chegou quem veio antes dele. Já diziam os medievais: “Nós somos anões nos ombros de gigantes, por isso vemos mais além”.<sup>142</sup> Mas o progresso da pessoa, da liberdade da pessoa

<sup>141</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude*, op. cit., pp. 59-71. Também disponível em <https://portugues.clonline.org/arquivo/luigi-giussani/para-la-do-muro-dos-sonhos>.

<sup>142</sup> Cf. Bernardo de Chartres (séc. XII) in João de Salisbury, *Metalogicon*, III, 4.

não ocorre deste modo: “No âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e deve continuamente tomar as suas decisões”,<sup>143</sup> isto é, todo mundo precisa sempre começar do zero.

A ilusão de pôr a esperança no que nossas mãos produzem, que na realidade são sonhos, começa já no fim da Idade Média. Em *Por que a Igreja*, Giussani compara Dante e Petrarca para mostrar como muda a forma de compreender a relação com Deus na questão do desejo. Quando eu ainda estava no Peru e lecionava na faculdade, cheguei a tentar comparar alguns textos. Por exemplo, além do trecho sobre a “Alma simplesinha” que li ontem, no *Convívio* Dante diz: “O desejo supremo de todas as coisas, conferido de início pela natureza, é retornar ao seu princípio”, ou seja, nós somos feitos no desejo de voltar para Deus, porque Ele nos fez, nos fez para Si. “E, como um peregrino [este exemplo é maravilhoso] que percorre um caminho jamais percorrido por ele – que vê de longe tantas casas e acredita serem todas hospedarias, mas, ao não encontrar nenhuma desse tipo, deposita toda a sua esperança na seguinte, e assim, de casa em casa, até que finalmente encontra uma hospedaria –, a nossa alma, ansiosa por ter entrado em um novo e inexplorado caminho desta vida, direciona o olhar ao fim do seu bem supremo [ou seja, Deus], acreditando, assim, encontrá-lo em qualquer coisa que pareça possuir em si algum bem. E, como o seu conhecimento é, de início, imperfeito por não ter experiência ou ensinamentos, pequenos bens lhe parecem grandes, e por isso começa a desejar a partir desses. Portanto, vemos os meninos desejando intensamente uma maçã; depois, quando um pouco maiores, desejam um passarinho; mais adiante, desejam uma bela roupa; depois, um cavalo [hoje diríamos uma moto ou um carro]; depois, uma mulher; depois, pequenas riquezas; depois, grandes; e depois, mais. E isso acontece porque em nada dessas coisas encontra aquela que procura, acreditando encontrá-la mais adiante. Pois é possível ver um desejo na frente do outro”. E usa a imagem da pirâmide, na qual os bens intermediários avançam em direção à base, que é Deus. O primeiro bem menor é como a ponta da pirâmide, mas como está na nossa frente, cobre todo o resto. Depois passamos a um maior, a um maior, a um maior, a um maior, até que percebemos que o último bem

<sup>143</sup> Bento XVI, *Carta encíclica Spe salvi*, n. 24.

desejável é Deus, como uma base de todos. “Assim, quando se parte do vértice em direção à base, maiores parecem os desejos, e esse é o motivo pelo qual, com o adquirir, os desejos humanos se tornam mais amplos, um seguido do outro.”<sup>144</sup> Que bonito!

Tal como Dante, Dom Giussani diz que os desejos não podem ser reduzidos nem escondidos. É preciso perceber que são sinais que apontam para o único grande bem para o qual somos feitos, que é Deus. E aqui está a grandeza. Fiquei pensando nisso enquanto ouvia a canção de Anas – nunca tinha pensado –: os apóstolos estavam no barco pescando e não tinham pegado nada, mas na praia estava Jesus. E esse Jesus é o que preenchia o coração deles. A esperança deles está ali, na praia, é Ele. Assim também nós estamos no meio do mar, mas nossa esperança é essa Presença diante dos nossos olhos: não elimina o caminho a fazer, mas é uma festa, porque contém a nossa esperança. Aliás, o próprio jeito como a cantamos foi uma festa, a festa do reconhecimento da Presença que está entre nós.

Dante ainda entende o desejo de maneira cristã, como sinal. Já a figura de Petrarca se insere no início do processo de “desarticulação” que alterou o rumo da história do Ocidente. Ele percebe o desejo como algo que o afasta de Deus. Petrarca vive uma “dissociação” no amor por Laura, sentindo-o como algo que o aprisiona totalmente, como alternativa radical à busca da verdade, de Deus. Laura o faz descobrir a distância entre a verdade, que ele reconhece teoricamente, e a paixão que o atrai para longe da verdade.

Há um soneto, que vou repetir com palavras próprias: se o amor não é o que sinto, o que é? Mas se é amor, se este amor é algo bom, porque o efeito é ruim, mortal? E se é algo ruim, mau, por que é tão doce o tormento do amor? Se eu ardo neste meu querer, por que me faz chorar e lamentar? E se é um mal contra mim, por que então me queixo ao perdê-lo? “Ó viva morte, ó deleitoso mal, / como tanto podes, se eu não consinto?” Deleitoso mal! Como pode ser o mal deleitoso? Aqui está o engano, que consiste em pensar que o meu projeto é maior que a objetividade do bem e do mal. E ele continua dizendo: se eu vou atrás do mal, por que depois reclamo? Se estou

---

<sup>144</sup> Dante Alighieri, *Convívio*, IV, XIV. São Paulo: Penguin-Companhia, 2019.

como um barco frágil em alto mar, entre ventos contrários sem governo; se todo saber se encher de erro, eu já não sei o que quero. E tremo em pleno verão – pensem que incrível: tremo no verão – e ardo no inverno.<sup>145</sup>

É toda uma contradição entre o que ele acha que realiza o desejo de seu coração e o que realmente o realiza. A certa altura, Petrarca chega a dizer algo tremendo: eu sou avidíssimo pela verdade, mas já que é difícil encontrá-la e eu não sou capaz de procurá-la bem, confiando em mim mesmo, para não errar apego-me à dúvida, pondo-a no lugar da verdade. Assim percebo que, pouco a pouco, me tornei acadêmico (quer dizer, intelectual) e depois de muitos outros cheguei eu também à humilde fileira dos que nada sabem, por não terem nada de certo, e duvidam de tudo. Duvido de tudo – diz –, exceto das coisas das quais sei que duvidar seria um sacrilégio.<sup>146</sup>

Petrarca desejaria não desejar para não sentir-se aprisionado pelo erro. Vê-se nele, pela primeira vez na cultura ocidental, uma distância entre um bem “espiritual”, superior mas distante, e os bens “terrenos”, que são falsos, mas mais atraentes.

Pois então, acho que muitas vezes nós vivemos a relação com a fé assim: você não duvida de Deus porque, num sentido meio moralista, ninguém pode duvidar de Deus; na verdade, você até duvida d’Ele se O reduz a uma imagem abstrata separada da sua vida.

Disse Mario Luzi num congresso em Florença: “Um dos aspectos que torna Dante excepcional [...] é este mesmo: que o personagem exemplar, que na *Comédia* se chama Dante, é um personagem que tem substância no indivíduo humano que se chama Dante na vida, na existência, na história. Há uma coincidência efetivamente prodigiosa

<sup>145</sup> “Se amor não é, qual é este sentimento? / Mas se é amor, por Deus, que coisa é a tal? / Se boa, por que tem ação mortal? / Se má, por que é tão doce o seu tormento? // Se eu ardo por querer, por que o lamento? / Se sem querer, o lamentar que vale? / Ó viva morte, ó deleitoso mal, / como tanto podes se eu não consinto? // E se eu consinto, sem razão pranteio. / A tão contrário vento em frágil barca, / eu vou para o alto mar e sem governo. // É tão grave de error, de ciência é parca / que eu mesmo não sei bem o que eu anseio / e tremo em pleno estio e ardo no inverno” (Petrarca, *Soneto CXXXVII*, tradução de Jamil Almansur Haddad).

<sup>146</sup> “Sou avidíssimo pela verdade; e, porque encontrá-la é difícil, e na busca dela sou pouco hábil, amiúde, não confiando em mim mesmo fujo do erro, e me apego à dúvida, considerando-a em lugar da verdade. Assim, pouco a pouco, tornei-me acadêmico, e após tantos e tantos outros, por último cheguei à mais humilde fileira, nada sabendo, nada considerando como certo, e duvidando de tudo, exceto das coisas das quais sei que duvidar é sacrilégio” (Petrarca, *Seniles*, V, 6).

entre a invenção e a confissão, poderíamos dizer”. Trata-se de “uma coincidência miraculosa entre o personagem e o autor”.<sup>147</sup>

Já Petrarca começa a projetar na literatura um mundo de sonho que não existe na realidade, e o faz baseado num raciocínio do tipo: já que na realidade não tenho certeza de nada, ao menos vou criar um mundo ideal onde as coisas são como eu gostaria que fossem. E Luzi comentou: “A literatura europeia [mundial, poderia dizer-se], há que reconhecê-lo, procede muito mais de Petrarca do que de qualquer outro autor”.<sup>148</sup> Dante não teve seguidores, até chegarem Eliot, Ungaretti e o próprio Luzi; também para eles, como para Dante, a literatura não é uma forma de fugir da realidade num mundo de sonhos, mas serve para encontrar o sentido da realidade e, portanto, para ir até o fundo, até o final do caminho do desejo.

Há uma poesia de Ungaretti que Dado Peluso me fez decorar, e diz assim: “Poesia [para mim] é o mundo, a humanidade, a nossa vida floridos da palavra, a límpida maravilha de um delirante fermento. Quando encontro neste meu silêncio uma palavra, cavada está na minha vida como um abismo”.<sup>149</sup> Para mim significa: eu quero compreender o sentido da realidade, e cada palavra que digo não é um som ao vento, mas expressa o desejo de chegar ao fundo, à verdade, ao bem, para o qual todo desejo me chama.

É isso, nós temos a graça de podermos estar nesta posição, pois temos a âncora lançada na margem do Eterno, porque o Eterno veio entre nós. Por isso já não é necessário sonhar, basta-nos estar na realidade à espera da realização, que Outro pode dar-nos.

**Prosperi.** Gostaria de enfatizar o que Dom Giovanni acabou de dizer. Porque nós somos filhos, culturalmente filhos, de uma história que durou séculos e transformou profundamente a mentalidade e a relação do homem com a realidade. Então entendemos bem por que precisamos tanto de uma educação. Na Escola de Comunidade, Dom Giussani pergunta: o que é o sinal? “O sinal é uma realidade cujo sentido é outra realidade, uma realidade experimentável que adquire

<sup>147</sup> M. Luzi, *Cantami qualcosa pari alla vita*, Forli: Nuova Compagnia Editrice, 1996, pp. 52-53.

<sup>148</sup> *Ibidem*, pp. 54-55

<sup>149</sup> G. Ungaretti, *Commiato*, Locvizza, 2 de outubro de 1916.

significado quando conduz a uma outra.”<sup>150</sup> Por isso é importante a relação com o sinal e também o apego ao sinal como sinal, para possuímos a totalidade, isto é, a realidade toda, inclusive a que não se vê. O aspecto fascinante é que o humano vem totalmente à tona justamente na relação com a realidade enquanto sinal. Porque onde o humano se joga de verdade não é apenas no apego às coisas devido à emoção que suscitam em nós; o humano joga-se plenamente na interpretação do sinal, ou seja, no caminho que empreendemos ao seguir a direção que o sinal indica. Por isso é que o sinal se torna tão importante, tão companheiro de estrada, tão decisivo para nossa vida, não esgotando-se em si mesmo, mas tornando-se caminho para conhecermos aquilo que, de outro modo, continuaria sendo um mistério insondável.

O sinal torna-se sonho quando se esvazia da relação com o que o torna sinal e lhe estabelece o valor. E por que podemos dizer que se reduz a sonho? Porque não se realiza, porque inevitavelmente decepçiona, porque a realidade é mais do que o que nós vemos.

*“Como ter esperança nas situações em que o mal e a dor parecem assumir as rédeas, diante da inevitabilidade das circunstâncias? Como fazer para manter-se forte na esperança quando os efeitos do mal deixam um rastro que dura no tempo? Além disso, “a esperança não decepçiona”:* como é que isso é verdade diante da dor, da morte, diante dessas circunstâncias trágicas da vida, diante da guerra, de toda essa onda de mísseis que deixam a situação do mundo ainda mais dramática?

*Tudo na vida remete a outra coisa e, ao mesmo tempo, nada satisfaz totalmente o desejo de realização. Quanto mais experimento isso, mais a tristeza ou a nostalgia do porto de chegada prevalece sobre a letícia. É uma espécie de esperança melancólica. O que realmente significa sentir letícia?”*

**Prosperi.** Para começar, é verdade que o mal e a dor às vezes parecem assumir as rédeas, principalmente quando a pessoa está afundada e não vê uma saída aparente, ou seja, quando diminuem as esperanças

---

<sup>150</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 171.

nas quais tínhamos depositado a nossa expectativa humana, quando todos os nossos apoios parecem desmoronar. Por que o mal e a dor? Na verdade, são duas dimensões ligadas mas diferentes, porque existe o mal que sofremos, a injustiça, que tem a ver com a experiência da dor e da falta de sentido, mas existe também o mal que nós fazemos, o mal que encontramos em nós. Tanto é verdade que, como dissemos na primeira noite, se há uma marca de certo modo trágica do nosso tempo, é justamente a incapacidade de encarar e aceitar o próprio mal. O maior mal da nossa época não é tanto a dor pelas doenças físicas; com efeito, por mais que sejam graves, por mais que nos lancem em dramas indescritíveis, quantos testemunhos temos, inclusive heroicos, de pessoas que ficam de pé ante a dor do mal físico! O verdadeiro mal de hoje é principalmente o mal de viver. Porque no mal físico, até na dor da provação mais grave, eu sinto imediatamente a necessidade de ser salvo, a necessidade de alguém que venha salvar-me, a necessidade de alguém que acolha meu sacrifício.

Mas quando perdemos essa esperança, quando começa a prevalecer em nós o sentimento de que as coisas já não poderão mudar – que a felicidade prometida está perdida para sempre e já não dá para voltar atrás –, quando acabamos por nos ensimesmar por nos sentirmos errados, por acharmos que ninguém pode vir salvar-nos realmente, como é possível a letícia? Dom Giussani sempre nos dizia, e assim aprendemos, que a letícia é o sentimento que nasce quando nos apoiamos naquilo que permanece quando tudo passa. Quando tudo passa. Vemos passar as coisas, vemos passar também a nós mesmos, porque envelhecemos, chegam os achaques, aparecem as dificuldades, os imprevistos nem sempre positivos, que às vezes nos deixam em apuros, e assim a vida, que era cheia de promessas, parece de repente ir para um horizonte de fracasso, de derrota e de ruína.

Quando tudo isso acontece, a primeira tentação que temos é de tirar o olhar do que existe – que, por mais frágil que seja, é o sinal da companhia de Quem te quer e te diz: “Eu estou com você, estou ainda e sempre com você. Você pode recomeçar de novo, você tem um destino que é bom” –. Ao passo que nós detemos o olhar numa pergunta cética: “Como é que pode acabar bem?” Parece-nos uma verdadeira tragédia, pois já não temos nada nas mãos, desabaram todas as esperanças que tínhamos construídos para tentarmos seguir em frente

de algum modo. Mas quando todas as esperanças desabam, é bem nesse momento que pode surgir a esperança autêntica, se e quando estiver viva em nós a fonte da esperança: a fé. Quando está presente a fé como fonte da esperança, então a esperança surge, ressurgue. Não como imagem que flutua no ar: “Tudo vai dar certo!”, o escrito que aparecia, como todos nós lembramos, nas janelas durante o confinamento. Por que é que tudo deveria dar certo? Será que a esperança é um otimismo, um encorajamento? Não, a esperança é outra coisa: de um certo ponto de vista, é exatamente o oposto do otimismo. O otimismo é quando depositamos nossa esperança num futuro que ainda depende de nós: “Vai ser difícil, mas vamos conseguir”; ou então num fatalismo descompromissado com a provação que nos é dada. Mas não há a espera por um Tu capaz de salvar minha vida, dando-me o bem que sinto como perdido. Já a esperança é depositar toda a sua pessoa no que te é dado agora, porque você pode apostar no fato de que Quem te dá isso vai cumprir a promessa misteriosamente, segundo uma medida que não é a sua, dando-te muito mais do que você tinha. Porque esta é a promessa, que se cumpre segundo outra medida: o cêntuplo em relação ao que você acha que perdeu!

Eu me lembro de quando meu pai morreu; eu era pequeno, tinha seis anos. Éramos dois irmãos, minha mãe era de fora de Milão, nascera e crescera na região do Oltrepò Pavese, meu pai era toscano, e em Milão não conhecíamos praticamente ninguém. Mas eu nunca percebi a vida como negativa, e posso dizê-lo agora, olhando para trás. Eu carreguei muitas feridas por toda a vida, mas nunca senti minha existência como negativa, pois tinha na minha frente minha mãe, para quem a realidade é positiva, e o que torna a realidade positiva é a fé. Depois da morte de meu pai, ela precisou ir trabalhar. Encontrou trabalho numa escola, a primeira escola feita por adultos do Movimento em Milão, a Zolla. Graças a isso, encontramos o Movimento. Com certeza eu não estaria aqui sem essa sequência de fatos. Posso dizer que a morte do meu pai foi um bem? Não, eu carreguei nas costas as feridas. Como cantamos no início, até Deus sofreu. Mas posso dizer que foi para uma alegria, para um cêntuplo, para algo que eu nem sequer podia imaginar.

A nós é pedido aceitar essa aposta. Não se trata de uma aposta no escuro, é uma aposta no que nos é dado. Você se apoia no que te é dado.

**Paccosi.** Quero acrescentar uma coisa, porque na segunda pergunta, na minha opinião, há uma espécie de engano: “Quanto mais experimento isso [que tudo remete a outra coisa], mais a tristeza ou a nostalgia do porto de chegada prevalece sobre a letícia. É uma espécie de esperança melancólica”. Eu inverteria a frase e diria que é uma espécie de melancolia cheia de esperança, alegre. Porque o fato de haver o limite, de existir a fragilidade das coisas, como é possível não vê-lo? Mas o fato de haver uma promessa dentro disso, como dissemos no início do nosso itinerário, impressa na matriz do nosso ser, enche-nos de letícia, de letícia porque a promessa existe.

Pensem em Abraão, o pai da nossa fé. Claro, não é que enquanto subia ao monte com Isaac estivesse contente, mas estava cheio de esperança. “Temos a lenha, o punhal, o fogo para o holocausto, mas onde está a vítima?”, pergunta-lhe o filho. Abraão responde: “Deus proverá”, porque já não tem nada de seu. E como não deve ter ficado feliz ao entender que Deus não queria aquele sacrifício que, na cultura da época, infelizmente era praticado por muitos.

Portanto, a melancolia também está presente na nossa vida, mas junto com a letícia, pois há uma Presença, como disse o Davide. Vou contar um episódio que ficou marcado em mim desde que aconteceu. Na paróquia para onde fui quando era um jovem padre – eu tinha 30 anos –, havia um casal; pareciam dois namoradinhos, mesmo tendo uns quarenta anos; andavam sempre juntos, andavam de bicicleta juntos. A certa altura, enquanto estava na bicicleta, ele foi atropelado por um carro e morreu. Foi uma tragédia terrível, de verdade. Depois de alguns meses, a mulher veio até mim e me disse: “Olha, Pe. Giovanni, tem uma coisa que quero dizer e não posso contar a ninguém, mas talvez o senhor me entenda”. E me disse: “Na verdade, eu agradeço a Deus porque me tirou meu marido. O senhor entende o que quero dizer, sabe que para mim o amor dele era tudo. Mas enquanto ele estava vivo, eu despejava nele todas as responsabilidades da minha vida, era ele quem pensava em tudo. Eu não assumia a responsabilidade por nada, vivia no mundo dos sonhos. Mas desde que ele morreu, cabe a mim assumir as responsabilidades de mim mesma, da minha família, das coisas, e entendo que isso me fez amadurecer como pessoa”. E acrescentou: “Então, ao mesmo tempo, eu sofro porque meu marido não está mais aqui, mas também entendo que isto está dentro de um

desígnio maior, é para o bem. Ele já está na eternidade, e eu sou mais eu mesma”. E concluiu: “Estou dizendo isso só ao senhor, hein!” É assim mesmo. Claro, não dá para generalizar, mas ajuda a compreender que, para entender que é possível viver assim, basta olhar a face de quem vive na fé as situações dolorosas. Vivendo-as na fé, tornam-se um sinal de esperança para todos.

Desta forma, se nós nos enxergamos nessa melancolia, é o caso de nos perguntarmos: ao que é que realmente estou apegado?

*“O que significa educar para a esperança?”*

**Paccosi.** A tentativa destes três dias foi justamente a de dar uma indicação de como nos educamos para a esperança seguindo Dom Giussani. Vimos na primeira noite que o ponto de partida é levar a sério o desejo de que somos constituídos, o “ímpeto incoercível para realizar-se a si mesmo”, a nós mesmos, diz Dom Giussani naquele texto que nestes dias ficou famoso – embora estivesse aí faz tempo, em *Porta la speranza* –. Mas depois nos desviamos muito facilmente desse desejo que nos constitui, identificando-o com as “instintividades intumescidas” e deixando-nos levar pela “banalidade das expansões cômodas”, ou com o estoicismo.

A palestra da manhã de ontem mostrou-nos que, mais forte que isso, aconteceu na nossa vida o encontro com Aquele que é a graça que torna possível esperar, já não de modo humano, tão frágil, mas apoiando-nos na rocha, estando seguros graças à âncora da Sua presença. Portanto, educar para a esperança significa olhar para Cristo. Não há outro caminho para crescer na esperança.

Na palestra da tarde, perguntamo-nos como é que a esperança se torna o tecido da vida, ou seja, a confiança com que vivemos tudo. Através do passo da pobreza. Mas não a pobreza como renúncia, e sim como descoberta de que as coisas são sinal, de que tudo é sinal e, por isso, é sagrado. Num determinado momento, quando ontem expliquei que na história da humanidade a ideia do *sagrado* nasce do desejo de ver todas as coisas materiais, inclusive as menores, como relação com o Mistério. Disse e repito: pensem no que significa olhar toda e qualquer coisa, toda e qualquer pessoa, reconhecendo-a como

*sagrada*, isto é, como mediadora da relação com Cristo. Muda tudo! Então, sim, podemos viver nessa confiança que é abandono, nessa percepção de tudo como dom, pendurado, suspenso na graça infinita de Deus, que nos está dando tudo neste instante, e assim já não somos escravos, mas livres.

Desta forma, podemos dizer que a resposta a esta pergunta – o que significa educar para a esperança? – é viver o nosso pertencer a Cristo dentro desta história que chegou até nós. A promessa é podermos viver com a confiança que torna leves todas as circunstâncias, mas que, como concluímos ontem, nos lança no desejo de comunicá-Lo a todos: uma festa que vira missão.

*“Disseram-nos que não negligenciássemos nenhum aspecto do real (o trabalho, os afetos, os amigos) e ao mesmo tempo que fôssemos pobres. Então qual é a relação justa que devemos ter com as coisas? Que lugar ocupam o trabalho, os afetos, os amigos, etc.?”*

**Prosperi.** Vou fazer uma ponte com o que Dom Giovanni acabou de dizer. Ao menos para mim, o verdadeiro desafio da pobreza é lutar contra a tentação irresistível da posse de mim mesmo. Porque a posse das coisas, o apego às coisas por elas mesmas, a vontade de acumular bens, tudo isso, no fundo, é reflexo da vontade de dominar a mim mesmo, de ter o controle de mim mesmo. O problema não são as coisas materiais; elas são só um aspecto, mas para mim não são o aspecto que mais nos aprisiona. O aspecto que mais nos prende são os nossos projetos, o sentimento que temos do que é certo ou errado, ou seja, a forma como excluímos Deus da nossa vida, da nossa vida real e concreta, relegando-O no máximo a alguns momentos de inspiração religiosa.

Então dá para entender qual é – outra das perguntas mais recorrentes que recebemos – o nexa entre confiança e sacrifício, que na palestra Dom Giovanni conectou ao tema da educação para a esperança. Afinal, para viver a pobreza em relação à posse de si mesmo, é preciso confiar em outrem, depositar a confiança em outrem. Claro, em Outro com O maiúsculo, mas mediante a forma como Ele se faz presente e companheiro na minha vida, uma presença real, não um pensamento, já que sozinhos não vencemos esta tentação de autonomia.

Certo, isso implica um sacrifício. Mas sabemos bem que é sacrifício não tanto na medida em que nos é pedido renunciar a algo, mas na medida em que vislumbramos o ganho implicado nele, como se disse ontem: para que tudo seja reconhecido como sagrado, estando em relação com Cristo. Nós vemos este ganho realizar-se ou já realizado em amigos nossos que vivem um nível de vida desejável, que vivem pelo ideal, para os quais se entende que o ideal é algo concreto. Como se entende que é algo concreto? Em que consiste esse ganho? Qual é esse cêntuplo prometido a nós, prometido por Jesus? A liberdade, a liberdade! É possível amar verdadeiramente – sem negligenciar nenhum aspecto da realidade, como disse a pergunta – o marido, a mulher, os filhos, o trabalho, as preferências próprias, as coisas que sentimos mais nossas. Com liberdade. Infelizmente, nós sentimos bastante que até os afetos, até as amizades mais importantes, no momento em que as condições mudam, se tornam uma jaula, isto é, nos afastam, nos fecham, não nos deixam ver a amplitude que nos é dada através da história em que Outro nos colocou. Ao passo que a preferência, o valor verdadeiro da preferência é que te abre para tudo, te ensina a amar tudo, por meio de um detalhe você é introduzido a amar tudo como não seria capaz. Senão a preferência seria uma injustiça, uma injustiça com os outros, mas sobretudo uma injustiça com você mesmo, pois aos poucos te aprisionaria.

*“Querida pedir que aprofundassem o tema de pertencer à unidade com aqueles em quem reconhecemos a presença de Cristo. O que significa existencialmente pertencer ‘à unidade com eles’ e não ‘a eles’? No fim da palestra você disse que ‘nossa unidade é a forma mais bonita e maior desta esperança’. Por que é a mais bonita e a maior? Você disse essa frase depois de nos ter contado de Pe. Paolo Bargigia, de Pe. Bellandi e de Pe. Paolo Milloschi. Como se revelou na sua experiência que a unidade entre vocês era a forma maior e mais bonita da esperança cristã?”*

**Paccosi.** Vou começar pela última parte, que me toca mais diretamente. Eu recebi uma graça particular: até mesmo a vocação, que foi totalmente pessoal, eu pude vivê-la desde logo junto com meus ami-

gos mais queridos. Realmente foi totalmente pessoal; de fato, eu não tinha dito nada aos meus amigos a respeito da vocação. Quando fui encontrar o Pe. Pierfrancesco pela primeira vez, pois eu lhe mencionei algo a respeito da verificação que queria fazer da minha vocação, encontrei o Bargigia – que ainda não era Pe. Paolo – e lhe perguntei: “O que você está fazendo aqui?” E ele: “E o que você está fazendo aqui?” Quando Paolo, Andrea e eu encontramos Dom Giussani, depois do colegial, aos 19 anos, pouco antes de entrarmos no seminário, ele nos disse explicitamente: “No seminário, não façam as coisas de CL. Sigam o que lhes for proposto”, até porque era tranquilo, já que se tratava de um ambiente muito bonito e intenso. O reitor do seminário era Pe. Gualtiero Bassetti, e o bispo de Florença era o Cardeal Giovanni Benelli, duas pessoas extraordinárias. Dom Giussani nos disse: “Sigam a proposta que lhes for feita. Vivam a unidade entre vocês e façam referência a essas pessoas”, e chegou a mencionar os nomes: Cristiana Maraviglia, que na época acompanhava os Colegiais em Florença, Lele Tiscar, que era o responsável dos universitários, e Pe. Silvano Seghi, que era o responsável do Movimento. Nós fizemos como ele mandou, e vivemos uma experiência muito intensa do Movimento, mesmo não participando de nenhum gesto do Movimento. Por ironia do destino, a sede do Movimento era justamente dentro do seminário; lembro que um dia eu estava apoiado na janela e na rua estavam os universitários – todos meus amigos, com quem fizéramos os Colegiais –, que estavam saindo da sede para fazer cem mil coisas. E nós estávamos dentro do seminário. Fiquei meio comovido pensando como teria sido bom estar lá com eles, mas não com remorso, e sim pensando que estar no seminário era a forma como nós estávamos construindo a mesma coisa. E assim cresceu entre nós a consciência de que o propósito da nossa unidade é chamar-nos a atenção, na obediência recíproca, para obedecermos a Cristo no seio desta história.

Certa vez, já éramos padres fazia muito tempo, fizemos umas férias dos sacerdotes de Florença. O padre Ciccio Ventrino também foi, naquela época era quem acompanhava as comunidades de Florença e da Toscana. No fim das férias, ele nos disse: “Vocês não percebem, mas vivem uma virtude específica: a virtude da obediência. Estão sempre disponíveis a se obedecerem uns aos outros”. Eu fiquei impressionado com isso. Mas depois pensei e disse a mim mesmo: é

verdade mesmo, nós nos obedecemos. Por quê? Não é que obedecemos a alguém porque seja o chefe. Obedecemos ao que ele testemunha, portanto obedecemos a Jesus. Mas para obedecermos a Jesus nós precisamos desta companhia concreta, que é meio como um grupo de Fraternidade: não tem nenhuma pretensão de ser alternativa à objetividade da autoridade no Movimento e na Igreja, mas serve como ajuda recíproca para seguirmos a quem o Senhor põe neste momento a guiar esta história.

Por isso, mesmo com todos os momentos de dificuldade, eu não trocaria por nada no mundo a unidade que há dentro da nossa história. Quando Dom Giussani fala da autoridade e da autoridade moral, explica que a autoridade moral é esta companhia diária na qual a pessoa ao nosso lado nos aponta o ideal; há alguém que nos chama a atenção mais especificamente, e por isso eu o sigo. Mas eu o sigo porque quero seguir a unidade, a objetividade da autoridade. Contrapor autoridade moral e autoridade não tem sentido, porque Cristo está presente dentro desta unidade.

A amizade entre nós padres, para mim, sempre foi uma ajuda a seguir Cristo e também o é atualmente, embora hoje já não partilhe-mos o dia a dia como em tantos momentos do passado; porém o valor permanece o mesmo, pois conseguimos ver-nos uma vez ao ano, às vezes saímos de férias juntos, e esses dias têm a mesma intensidade de quando estávamos juntos sempre, afinal o horizonte é o mesmo. E o que vivemos na nossa unidade, nós o vivemos na unidade com as pessoas que nos são dadas.

Sei que nestas horas vários amigos meus estão recebendo mensagens de meia Itália: “Por favor, apresente-nos Dom Giovanni, queremos convidá-lo para as férias”. Eu não vou! Não vou porque objetivamente não posso, tenho uma diocese para conduzir e não posso negligenciá-la. Mas o que quero dizer é que o carisma vive e se comunica sempre novo e inteiro na nossa unidade: então no seguir, conforme a organicidade concreta da nossa companhia, já está todo o necessário para fazer uma experiência plena e sempre surpreendente do carisma. Como quer que seja, não posso ir a todas as férias do Movimento, ainda que, tendo pregado os Exercícios, eu esteja “na moda” e desperte curiosidade! Correram um grande risco em me pedir isso.

***Prosperi.*** E deu certo!

***Paccosi.*** É a unidade entre nós o que constrói, por isso ajudemo-nos a olhar, a seguir o que o Papa nos disse na última carta, o caminho que estamos fazendo nestes tempos. Nesse sentido, o encontro que fizemos depois da carta do Papa, a meu ver, contém coisas fundamentais para a circunstância histórica que estamos vivendo. Seguir não é ir atrás da moda do momento. O que nos dá esperança é a unidade, é pertencer a esta unidade, ao fato desta grande história, diante da qual o Cardeal Farrel ficou ontem de olhos arregalados, e nós também, cheios de emoção. É a grande história em que o Senhor nos colocou.

*“Não peguei o nexo entre unidade e esperança. Pode me ajudar?”*

***Prosperi.*** No fundo, isto realmente me interessa: olhar para a unidade de todo o percurso que fizemos este ano, desde os Exercícios do ano passado até a Jornada de Outubro, passando depois pela carta do Papa até chegar ao conteúdo destes Exercícios. Não dá para entender a relação entre unidade e esperança sem começar pela fé. Especialmente, quero aprofundar um aspecto da relação entre a unidade e essa trajetória da dinâmica fé-esperança, sem o qual não se justifica nada do que estamos dizendo. O que quero pontuar refere-se a uma pergunta muito frequente que apareceu nestes meses e que você, Dom Giovanni, evocou numa palestra dizendo que a unidade é um dom. Isto é verdade, todos o vemos, todos sabemos que é impossível para nossas forças. Mas então por que o Papa nos chamou a atenção para cuidarmos da unidade? Em que consiste esse cuidado com a unidade, e o que tem a ver com a fé e a esperança?

Queria começar lendo um pequeno trecho da Carta de São Paulo aos Efésios: “A alguns ele concedeu serem apóstolos; a outros, profetas; a outros, evangelistas; a outros, pastores e mestres, para capacitar os santos para a obra do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo, até chegarmos, todos juntos, à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos, à estatura do Cristo em sua plenitude. Então, não seremos mais como crianças, entregues ao sabor das ondas e levados por todo vento de doutrina, ludibriados

pelos homens e por eles, com astúcia, induzidos ao erro. Ao contrário, vivendo segundo a verdade, no amor, cresceremos sob todos os aspectos em relação a Cristo, que é a cabeça”. Atenção a como São Paulo prossegue: “É dele que o corpo todo recebe coesão e harmonia [é a descrição da unidade], mediante toda sorte de articulações e, assim, realiza o seu crescimento, construindo-se no amor, graças à atuação devida de cada membro”.<sup>151</sup>

Pronto, isso resume todo o caminho que fizemos este ano, porque só uma fé madura pode realmente cuidar da unidade entre nós, de modo que o corpo todo cresça coeso e bem harmônico, mediante a ajuda fornecida por todas as articulações. Contudo, São Paulo acrescenta que não basta dizer “fé” para que ela seja madura. A maturidade da fé, com efeito, é contraposta a uma fé imatura, de crianças sacudidas por todo vento de doutrina por causa da ma-fé dos homens. E de fato nós vemos bem que todo dia somos expostos àquilo que Dom Giussani chamava “o poder”. O poder age em todos os tempos, e talvez hoje mais do que nunca, em certos aspectos, pois o faz mais sutilmente, silencioso, tornando-se atraente. O diabo não nos pega a tapas, faz-se atraente oferecendo-nos bens generosos, mas em troca da nossa fidelidade ao seu poder e aos seus dogmas, chegando a fazer com que sua visão das coisas se torne a nossa

Pois bem, creio que hoje este seja o ponto mais ardente em todos os níveis, inclusive para a Igreja e também para nós. Gostaria de ler aqui uma carta que me indicaram, escrita por Dom Giussani aos grupos de Comunhão e Libertação em 1979, quando a Fraternidade ainda não fora reconhecida, logo após a primeira audiência concedida por João Paulo II: “Caríssimos amigos, como provavelmente vocês já sabem, eu tive o grande dom de poder falar com o Papa, longamente, acerca de nossa vida e daquilo que queremos ser nesta nossa amada Igreja e nesta nossa amada terra. Enquanto estava diante dele, eu me perguntava: Qual razão a minha vida oferece aos olhos do Papa para ele me conceder tudo isto? A razão é a vida de vocês, a vida de todos vocês, meus amigos e companheiros de caminhada, toda a fé de vocês, o seu empenho operoso, a sua generosidade, a sua capacidade de sacrifício. Esse é o motivo verdadeiro pelo qual eu fui recebido. E

---

<sup>151</sup> Ef 4,11-16.

estava cheio de admiração, de vergonha de mim mesmo, de gratidão ao Papa e a vocês.

Gostaria de resumir-lhes a mensagem ecoada nas preocupações do Papa e em sua postura: 1. Jesus Cristo é a verdade de todo o homem, e a fé é a forma de toda a vida e a sua operosidade”. Este ano dissemos que a fé informa a vida. “2. Portanto, não existe de um lado a fé e do outro os interesses, as ocupações da vida, o trabalho. Não. A fé é a fonte do critério para encarar todos os problemas da existência, e é na fé que se deve radicar o nosso comportamento no ambiente, que é como o terreno onde todos os problemas se desenvolvem.” Nestes meses, interrogamo-nos sobre a relação entre fé e presença no ambiente. “3. Em particular, é necessário que a fé se exprima como cultura. De fato, é a cultura que determina o rosto de um povo, exprimindo sua história. A nossa fé não deve ter ‘complexos de inferioridade’ diante da cultura dominante.”

Portanto é preciso refletir sobre a forma como nos posicionamos em relação à cultura dominante, que Giussani costumava chamar de “o poder”. As tentativas que temos feito com a *Passos* – ontem Dom Giovanni também recordou isso –, a atividade dos centros culturais e o Meeting são alguns exemplos de expressão da fé como cultura, e nesta ótica devem ser sustentados. Giussani prossegue: “Sempre nós dissemos que, para verificar a nossa fé e torná-la madura [estamos neste ponto!], devemos nos envolver com um acontecimento no qual ela vive, de tal modo que também em nós nasça a vontade, a luz e a coragem para seguir”. E conclui: “Meus amigos, em um mundo onde a fé está tão extraviada e a injustiça é tão grande, vamos sacudir a nossa inércia, arrebear o nosso egoísmo, derrotando o nosso burguesismo”.<sup>152</sup>

Que é, então, uma fé madura? Acabamos de ouvi-lo nas palavras de Dom Giovanni: é uma fé envolvida “com um acontecimento no qual ela vive”. Então, em síntese, repensando em todo o caminho que fizemos, poderíamos dizer assim: uma fé madura é uma fé profundamente enraizada na amizade de Cristo. É esta amizade o que nos abre para tudo, abre-nos para a verdade, para o conhecimento da verdade e também para o conhecimento do erro, do que é engano, permitindo

---

<sup>152</sup> L. Giussani, “Sirvamos a Cristo neste grande homem”. Disponível em: <https://portugues.clone.org/arquivo/luigi-giussani/sirvamos-a-cristo-neste-grande-homem>.

que não sejamos sacudidos por todo vento de doutrina. Eu também escrevi isso na mensagem enviada aos nossos jovens dos Colegiais: a amizade de Jesus, que gera a amizade entre nós, caracteriza-se por dois fatores fundamentais. Primeiro, Ele partilhou Seu conhecimento: “Eu vos disse tudo”. Nós não saberíamos absolutamente nada desse Mistério insondável se não nos tivesse sido revelado, se não nos fosse revelado hoje. Por quem? Pela presença d’Ele. Com esse conhecimento Ele também nos concede Sua plena confiança: “Eu vos disse tudo”, como um amigo que não tem segredos para o amigo. Sabemos que na linguagem bíblica o conhecimento é relação.

Cristo nos concede seu conhecimento do Pai, ou seja, nos introduz na comunhão entre o Pai e o Filho: inacessível ao nosso esforço, por mais desejada que seja, ela só é possível graças à iniciativa d’Ele. Esta é a verdadeira amizade. E, segundo, *idem velle, idem nolle*, isto é, desejar as mesmas coisas que vale a pena desejar, e não desejar as que não vale a pena desejar, esta é a amizade: compartilhar a Sua vontade. E aqui é onde entra em cena a nossa liberdade, e é aqui onde costuma aparecer toda a nossa fragilidade. Mas também aqui, diante da fragilidade da nossa liberdade em aderir ao desígnio de Deus para nossa vida, também aqui Cristo tomou a iniciativa conosco e continua tomando-a hoje da mesma forma como a tomou aquele dia, resolvendo a questão no Horto das Oliveiras: “Não a minha [Ele, totalmente identificado na nossa humanidade], mas a tua vontade seja feita”,<sup>153</sup> testemunhando a coincidência da Sua vontade com a do Pai.

Assim, a vida nova que nos é oferecida ao seguirmos Cristo consiste na imanência à amizade com Ele, que chega até nós concretamente através da nossa comunhão, no seio desta história. E é por isso que insistimos tanto, durante todo este tempo, na centralidade da comunhão, não apenas como apoio colateral à experiência subjetiva da fé, mas justamente como conteúdo cardeal da própria fé, para que seja madura.

*“Impressionou-me muito a imagem do saltimbanco, que ficando de ponta-cabeça consegue perceber a realidade como dependente de*

<sup>153</sup> Cf. Mt 26,42; Mc 14,36; Lc 22,42.

*Deus, que a faz agora. Pergunto-me como podemos ‘treinar-nos’ em manter sempre esta perspectiva.”*

**Prosperi.** Parece-me uma belíssima conclusão de todo este percurso. O que mais me fascinou – teremos tempo e oportunidade para retomar todos os detalhes do conteúdo que nos foi proposto – foi ver o que é a esperança na pessoa que nos guiou pelas meditações destes dias. A esperança é a virtude do caminho. Não é um ponto final, não é imaginar como a promessa se cumprirá, mas ver alguém que está em caminho, que está certo, que avança de cabeça erguida, mesmo com todos os pesos e as dificuldades da vida. Quando se está em caminho, são duas as possibilidades: ir em frente aleatoriamente ou seguir.

Portanto, como treinarmos para manter esta perspectiva na qual a realidade é reconhecida como dependente de Deus? Esta consciência amadurece com a experiência da obediência, do seguir, que não é um apelo disciplinar. Na Quinta-feira Santa, o Evangelho de João recordava: “Como meu Pai me amou, assim também eu vos amei. Permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. Eu vos disse isso, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa”.<sup>154</sup>

A última parte da carta do Papa sobre a obediência – que, pelo que vi quando encontrei as comunidades, nem sempre foi compreendida até o fundo, eventualmente reduzida a uma questão moralista – nos introduz justamente na condição para poder-se realizar a alegria completa prometida no Evangelho de João. Prossegue o Evangelho: “Este é o meu mandamento [mandamento!]: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos. Vós sois meus amigos [a amizade com Jesus], se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai”.<sup>155</sup>

Assim compreendemos o que realmente está em jogo na questão do seguir e da obediência: se Jesus divide conosco o que escuta do Pai,

---

<sup>154</sup> Jo 15,9-11.

<sup>155</sup> Jo 15,12-15.

para nos permitir conhecer o mistério insondável do Ser, aqui reside a diferença entre a obediência do servo e a obediência do amigo. “Eu vos chamo amigos.” Quem é que nos chama amigos? O filho de Deus!

Aqui está a diferença profunda entre a obediência do servo e a obediência do filho, porque o servo não conhece o propósito e a propriedade do senhor, obedece porque tem de obedecer, para não ser punido, para não ser mandado embora, porque recebe uma contrapartida, mas o que é do senhor não é dele. Enquanto o filho é também o herdeiro e, por isso, o que o pai comunica de certa forma já é seu, ainda que não seja plenamente possuído – pertence-lhe, mas ainda não é plenamente seu. Então a obediência do filho justifica-se para que ele tome posse do valor, do significado que o pai lhe comunica.

Por isso é que dizemos que obedecer significa entrar na vida do pai, identificar-se com toda a nossa pessoa nas razões profundas que movem o pai. Mas o filho só é livre com o pai quando reconhece que é amado; é isto o que produz a liberdade em nós, a relação que em última instância gera minha pessoa, como de pai para filho. E assim, na obediência à autoridade na Igreja, tal como à autoridade na nossa amizade, realiza-se essa liberdade profunda e verdadeira. Porque a liberdade é exercida plenamente na relação com a autoridade, senão a pessoa só tentará contentar a autoridade, mas no fundo, afetivamente, está em outro lugar, pois não acredita; ou então renuncia a si mesma e acomoda-se no que segue sem mobilizar de verdade a sua pessoa, com o resultado de que não cresce, a fé não amadurece, permanece sempre infantil ou adolescente, e a pessoa fica cheia apenas de suas preocupações, mas no fundo sem nunca assumir realmente, enquanto adulto, a responsabilidade de gerar, porque não nos geramos por nós mesmos. Essa liberdade é possível quando vivemos uma obediência de filhos, dentro de um caminho onde o que é prometido já é nosso, é herança.

É esta certeza que nos faz seguir com alegria e segurança, mesmo quando não vemos imediatamente toda a trajetória ou quando determinadas coisas nos custam. Insisto, esta obediência tem um único motivo: crescermos, chegarmos a ser pais e mães, como dissemos na Jornada de Outubro lembrando as palavras de Giussani. E aqui vemos como tantas vezes surgem objeções em nós: “Sim, mas eu não sou capaz, sou mesquinho, não sei fazer nada, estou cheio de perplexidade, não concordo, você me fez mal, sou todo errado”. Coragem, amigo,

coragem! Não é você quem faz a realidade, não sou eu quem faz a realidade, não sou eu quem faz todas as coisas. Não me faço nem a mim mesmo, tal como sou feito. Sou como sou. A realidade já está feita por Outro!

Então não existem álibis. Está derrubado? Levante-se! Tem dificuldade? Nós também! Não consegue levantar o olhar do chão? Olhe para frente, está passando Aquele que te amou com um amor eterno, e santo é o seu nome! Venha conosco, vamos morrer com Ele!<sup>156</sup> Porque o homem velho precisa morrer, nosso orgulho precisa morrer, nossa autossuficiência precisa morrer, nossa impaciência precisa morrer, se quisermos que nasça em nós a vida nova que só Cristo pode dar-nos.

\* \* \*

Vou dar agora um aviso importante. Trata-se de uma notícia que a diocese de Milão divulgou agora há pouco para a mídia.

Quinta-feira, 9 de maio, às 17h, na Basílica de Santo Ambrósio, o Arcebispo de Milão, Dom Mario Delpini, presidirá a primeira sessão pública da Fase Testemunhal da causa de beatificação e de canonização do Servo de Deus Luigi Giussani. Acolhemos com enorme alegria esta notícia tão desejada. Trata-se de um passo fundamental do processo de beatificação do nosso querido Dom Giussani.

A primeira fase do processo, a chamada Fase Documental, iniciada em 2012, consistiu numa investigação teológica, concluída positivamente, e de uma investigação histórica ampla e complexa, já em fase muito avançada.

Agora, quando estiver concluída a Fase Testemunhal, que terá início dia 9 de maio, a documentação coletada será enviada ao Dicastério para as Causas dos Santos, no Vaticano, onde verificarão o trabalho feito na Diocese de Milão e terão sequência as demais fases previstas pelas normas, até chegar à eventual decisão do Santo Padre de declarar Venerável o Servo de Deus Dom Giussani.

Em particular, o responsável do Serviço Diocesano para as Causas dos Santos, Dom Ennio Apeciti, declarou esta manhã que, ao término da Fase Testemunhal, “o exame atento de um milagre concedido por

---

<sup>156</sup> Cf. “Vamos também nós, para morrermos com ele!” (Jo 11,16).

Deus por intercessão do Servo de Deus permitirá ao Pontífice declarar monsenhor Luigi Giussani beato, e outro milagre, depois da beatificação, permitirá proclamá-lo santo para a Igreja”.

Como explicou a Diocese, a escolha do dia 9 de maio e do lugar – a Basílica de Santo Ambrósio – para hospedar a primeira sessão pública da Fase Testemunhal foi feita pelo Arcebispo por motivos ligados à própria figura de Dom Giussani: “A solenidade da Ascensão, que ocorre precisamente no dia 9 de maio”, explica ainda Dom Apeciti, “era particularmente cara ao sacerdote, e a basílica santambrosiana parecia a mais adequada para expressar o vínculo de um sacerdote ambrosiano com o seu ‘maior patrono’. Por fim, a proximidade da Basílica com a Universidade Católica do Sagrado Coração pretende comemorar o lugar onde durante muitos anos o Servo de Deus formou gerações de jovens, comunicando-lhes o seu amor apaixonado pela Igreja”.

Estamos profundamente agradecidos ao Arcebispo Delpini, a Dom Apeciti, à postuladora (professora Chiara Minello) e a todas as pessoas envolvidas na causa, por terem possibilitado a abertura desta nova fase. E naturalmente também estamos muito agradecidos ao Papa Francisco, pela atenção e estima que tantas vezes demonstrou, inclusive publicamente, pela figura de Dom Giussani e pelo caminho que o Movimento vem fazendo neste período. Depositamos desde já nas mãos da Igreja o desejo irreprímível que trazemos no coração de podermos ver em breve Dom Giussani contado entre os beatos e os santos do Senhor. A tarefa que nos propomos desde já é a de intensificar a nossa oração pelo bem da causa, pelos que estão e estarão envolvidos nesta fase do processo, e pedir com maior vigor ainda nas nossas intenções a intercessão do Servo de Deus Luigi Giussani.

# SANTA MISSA

*Liturgia da Santa Missa: At 3,13-15.17-19, Sl 4; 1Jo 2,1-5; Lc 24,35-48*

**HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM FILIPPO SANTORO  
ARCEBISPO EMÉRITO DE TARANTO  
E DELEGADO ESPECIAL DOS *MEMORES DOMINI***

Eu havia preparado a homilia para o terceiro domingo da Páscoa, mas após a notícia que acabamos de ouvir, abre-se toda uma nova perspectiva. A alegria que os apóstolos sentem ao ver o Senhor Jesus ressuscitado foi também a nossa alegria ao receber a notícia da abertura da Fase Testemunhal, que é um passo importante rumo à beatificação e canonização do Servo de Deus Dom Luigi Giussani. Essa alegria tão grande vem do fato de que a Igreja reconhece que esse seu filho viveu a vida cotidiana na presença do Senhor, tocado pelo Seu amor, tocado pela experiência do Verbo feito carne, centro do cosmos e da história, Senhor ressuscitado e vivo no meio de nós. A Igreja reconhece também como ele comunicou tudo isso aos seus primeiros alunos do Berchet, e depois a cada um de nós.

Quando abre um processo para a beatificação e canonização, a Igreja tem diretamente em mente uma pessoa específica. Porém a graça dada à pessoa estende-se a toda a obra que ela suscitou, por isso somos iluminados por essa alegria extraordinária. Além dos claros sinais que a Igreja nos deu com a aprovação da Fraternidade em 1982 e dos *Memores Domini* em 1988, agora nos é oferecido um sinal adicional que nos impulsiona a dar toda a vida ao Senhor, seguindo o caminho e a forma de ensinamento a que fomos entregues.

O Evangelho de hoje ajuda-nos a entender as razões da nossa alegria. Vemos os apóstolos inicialmente perturbados e com medo porque creem estar vendo um fantasma. Perturbados e com medo diante da vida e até da própria aparição do Senhor. E Jesus faz três coisas: primeiro, mostra as mãos e os pés, e diz: “Vede minhas mãos e meus pés”. Este é o primeiro verbo que Ele usa: “Vede”. Todos nós somos chamados a ver o que nos aconteceu, os sinais da Sua presença. “Vede minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo!” E então há outro verbo: “Tocai”. Através do encontro com o carisma, com Dom Giussani, com o carisma nascido dele pela obra do Espírito Santo, fomos

tocados pelo Mistério, nossa vida já não é a mesma. Fomos olhados, mas olhados como uma mãe olha para o filho, olhados como um pai olha para o filho, olhados com tanto carinho, olhados como Jesus nos olha. Fomos tocados por uma experiência concreta, por uma voz, por um encontro, por um relacionamento, e depois pelo sinal da unidade que aquele encontro nos comunicava. Em minha experiência, encontrei muitos no Brasil, mas também na Itália, que me disseram: “Nós não conhecemos Dom Giussani, mas através do testemunho que vocês nos dão, é como se ele estivesse aqui no meio de nós”. É uma presença, é a fecundidade do carisma. “Mas eles ainda não podiam acreditar, tanta era sua alegria [embora pulassem de alegria] e sua surpresa. Então, Jesus disse: ‘Tendes aqui alguma coisa para comer?’ Ofereceram-lhe um pedaço de peixe assado. Ele o tomou e comeu diante deles.” Aqui está outro verbo: “Comeu”. Participamos dessa comunhão, dessa ceia, dessa vida. Ver, tocar, comer. Alimentamo-nos de uma Presença que tem seu ponto culminante na Eucaristia.

Nossa Páscoa foi o encontro que tivemos: a vida não foi mais a mesma. Ver, tocar, alimentar-se. Há uma continuidade entre o encontro de Jesus ressuscitado com os apóstolos e o encontro de Dom Giussani conosco. E agora, tendo ouvido a notícia, digo: não devemos mais rezar para que a causa se abra, mas devemos rezar ao Pai, pela intercessão de Dom Giussani, para que nossa experiência seja cada vez mais verdadeira, para que nós também possamos viver o que ele viveu, e vivê-lo até o fundo nas circunstâncias concretas da vida, no comer e no beber, na família, na doação total da vida ao Senhor. Devemos pedir a Dom Giussani que interceda por nós, pela nossa experiência, pela tarefa que o Papa nos deu de servir e cuidar da unidade, para que nos impulse até os confins da terra. Quando somos convidados, como foi repetido esta manhã, a ir em missão – como também aconteceu comigo – esta é a maior graça que pode acontecer na vida. Por isso, devemos rezar ao Senhor pelo Servo de Deus Dom Giussani, a fim de que ele esteja próximo de nós em nossa caminhada, no tempo presente.

Através de Dom Giussani, este corpo misterioso formou-se na Igreja, na comunhão da Igreja. E através do testemunho de Dom Giovanni Paccosi, também nós o tocamos e experimentamos novamente, aqui, neste gesto, porque a Páscoa é agora, a Páscoa é neste nosso hoje, é neste nosso caminho. O Cardeal Farrell ficou impressionado

ao ver vinte mil pessoas e repetiu isso ontem à noite no jantar, impactado pelo estilo, pelo silêncio, pelo recolhimento, pela unidade. Este corpo, composto de tantas pessoas, de tantos eus, não é uma massa anônima, mas é formado por cada um de nós, é uma coisa só, um só coração e uma só alma.

Fiquei profundamente emocionado enquanto Dom Giovanni falava da sua vida, da sua vocação, da sua história, da sua missão, do seu episcopado e da sua tarefa na América Latina, quando ele recordou Andrea Aziani e Pe. Paolo Bargigia como sinais do que acontece em muitos pontos da nossa história. E então ele nos falou da grandiosa história dos missionários franciscanos que desciam com barcos de Ocopa, dos Andes peruanos ao longo dos rios da Amazônia, para anunciar Jesus porque reconheciam que Ele ressuscitou. Enquanto ele nos contava, sentíamos que isso acontece agora, acontece para cada um de nós. Esse é o maior fruto da Páscoa. Para Dom Giussani, a Páscoa culminou no sim de Pedro no lago de Tiberíades, onde havia ocorrido o primeiro encontro deles; Jesus olha para Pedro e lhe diz: “Simão, tu me amas?” Este é o ponto culminante da Páscoa, a pergunta que Ele também faz a cada um de nós: “Vocês viram todas essas coisas belas e grandiosas. Mas tu me amas?” E nós aprendemos com Dom Giussani, movidos pelo Espírito, a responder como ele: “Sim, Tu sabes que Te amo”. Isso desperta a esperança, e assim levamos a esperança ao mundo.

## TELEGRAMAS ENVIADOS

*Sua Santidade Papa Francisco*

Santidade,

cerca de 21 mil pessoas reunidas presencialmente na Itália, as comunidades estrangeiras em conexão de 21 países, além de cerca de 3 mil pessoas conectadas de casa por estarem impossibilitadas de se locomover, viveram nestes dias os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Os Exercícios tiveram por título: “O que me espanta, diz Deus, é a esperança” (C. Péguy), e foram pregados por S.E.R. Dom Giovanni Paccosi, bispo de San Miniato. Para todos nós, Santidade, foi a ocasião para nos redescobrirmos necessitados de reconhecer Cristo na nossa vida. Reconhecer que só podemos esperar porque Ele está presente.

Dom Paccosi introduziu-nos neste caminho de reconhecimento e vivificou para nós o fato de que só no abraço da Igreja, mediante a forma da companhia gerada pelo carisma de Dom Giussani em que estamos imersos, é que permanecemos apegados à presença objetiva de Cristo ressuscitado. A presença de Sua Eminência o Cardeal Farrell foi sinal claro de conforto para o nosso caminho de fé dentro do pertencimento à única Igreja, para a qual vivemos e sem a qual não existiríamos. Cristo serve-se da nossa esperança para mostrar a todos o Seu rosto, e nós podemos apenas ser “servidores dessa esperança”. Neste caminho, desejamos ser acompanhados por Maria, certos de que, como nos recordou Dom Giussani, “sem Nossa Senhora não poderíamos ter segurança do futuro, pois a segurança do futuro nos vem de Cristo”.

Gratos pela bênção apostólica que nos enviou, e desejosos de ser tomados por Cristo todos os dias, continuamos todos a rezar por Vossa Santidade.

*Davide Prosperi*

*S.E.R. cardeal Matteo Zuppi*  
*Presidente da Conferência Episcopal Italiana*

Eminência reverendíssima,  
cerca de 21 mil pessoas reunidas presencialmente na Itália, as comunidades estrangeiras em conexão de 21 países, além de cerca de 3 mil pessoas conectadas de casa por estarem impossibilitadas de se locomover, viveram nestes dias os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Os Exercícios tiveram por título: “O que me espanta, diz Deus, é a esperança” (C. Péguy), e foram pregados por S.E.R. Dom Giovanni Paccosi, bispo de San Miniato.

Dom Paccosi introduziu-nos neste caminho de reconhecimento e vivificou para nós o fato de que só no abraço da Igreja, mediante a forma da companhia gerada pelo carisma de Dom Giussani em que estamos imersos, é que podemos fazer experiência da verdadeira esperança. Queremos servir a Igreja acompanhados pela Mãe de Deus e certos de que, como nos lembrava Dom Giussani, “Sem Nossa Senhora nós não poderíamos ter segurança sobre o futuro, pois a segurança sobre o futuro nos vem de Cristo”.

Agradecemos-lhe sua proximidade e, invocando sua bênção, cumprimento-o com vivíssima cordialidade.

*Davide Proserpi*

*S.E.R. Dom Nicolò Anselmi, bispo de Rimini*

Excelência,  
agradecendo-lhe novamente a paternidade que sempre nos demonstra e a saudação que quis fazer-nos pessoalmente, escrevo-lhe para informar que, nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação – intitulados “O que me espanta, diz Deus, é a esperança” (C. Péguy) – participaram cerca de 21 mil pessoas reunidas presencialmente na Itália, as comunidades estrangeiras em conexão de 21 países do mundo, além de aproximadamente 3 mil pessoas conectadas das próprias casas por estarem impossibilitadas de locomover-se.

A pregação de Dom Paccosi, bispo de San Miniato, ajudou-nos a reconhecer-nos desejosos de esperança, certos de que somente Cristo responde e torna certo este desejo. Neste caminho de reconhecimento, queremos ser acompanhados pela Mãe de Deus, na certeza de que, como nos lembrava Dom Giussani, “sem Nossa Senhora nós não poderíamos ter segurança sobre o futuro, pois a segurança sobre o futuro nos vem de Cristo”. Invocando sua bênção para o caminho da nossa Fraternidade, saúdo-o com vivíssima cordialidade.

*Davide Prosperi*

# ARTE EM NOSSA COMPANHIA

*Organização de Sandro Chierici*

## AS HISTÓRIAS DE SÃO FRANCISCO NA BASÍLICA SUPERIOR DE ASSIS

*As Histórias de Francisco*, afrescos pintados por Giotto e pela sua oficina na Basílica Superior de Assis, mostram o santo como um homem mudado, tornado alegre e pleno pelo encontro com Cristo, totalmente inserido na história, que age no concreto do tempo e do espaço, movido pela consciência de si e do próprio destino. A santidade é proposta como experiência possível ao homem em qualquer circunstância.

1. A homenagem de um homem simples
2. A dádiva do manto a um pobre
3. A visão do palácio com as armas dos cruzados
4. O Crucifixo de São Damião fala a Francisco
5. A renúncia aos bens
6. O sonho de Inocência III
7. A confirmação da regra
8. Francisco sobre o carro de fogo
9. A visão dos tronos celestes
10. A expulsão dos demônios de Arezzo
11. A prova de fogo diante do Sultão
12. O êxtase de Francisco
13. O presépio de Greccio
14. O milagre da fonte
15. A pregação aos pássaros
16. A morte do cavaleiro de Celano
17. O sermão perante Honório III
18. A aparição no Capítulo de Arles
19. Francisco recebe os estigmas
20. A morte de Francisco
21. Verificação dos estigmas

22. A despedida de Santa Clara
23. A aparição de Francisco a Gregório IX
24. A cura de João de Lérída
25. A confissão da mulher ressuscitada
26. A libertação do herege arrependido

# Sumário

---

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

## ***Sexta-feira, 12 de abril, noite***

SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA 4

INTRODUÇÃO – *Um ímpeto incoercível para realizar-se a si mesmo, um desejo natural de felicidade* 10

SANTA MISSA – *HOMILIA DE PE. MAURO-GIUSEPPE LEPORI* 22

## ***Sábado, 13 de abril, manhã***

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – *Do desejo à esperança cristã* 26

## ***Sábado, 13 de abril, tarde***

SEGUNDA MEDITAÇÃO – *A letícia do pobre* 51

SANTA MISSA – *HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA,  
CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL* 73

## ***Domingo 14 de abril, manhã***

ASSEMBLEIA 77

SANTA MISSA – *HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM FILIPPO SANTORO* 100

TELEGRAMAS ENVIADOS 103

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA 106



